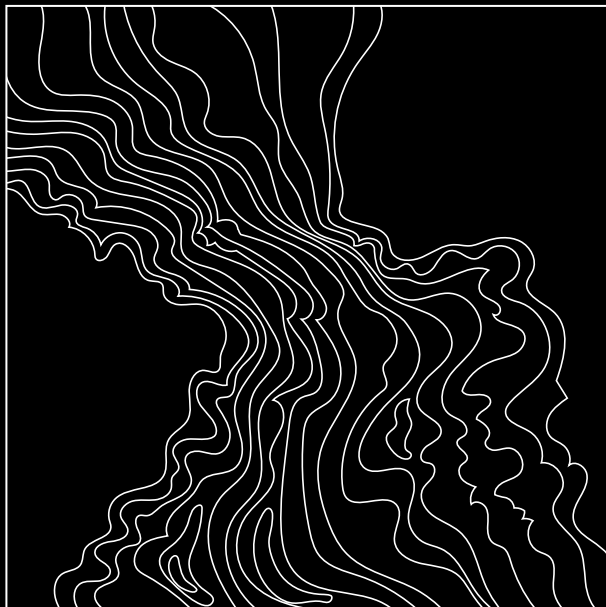


NAÇÕES DO CANDOMBLÉ



JEJE

LIVRO

1

MATEUS
ALELUIA

BAHIA BENIM

Agradecemos a Ricardo Castro e Daniela Moreau.
Agradecemos especialmente a todos os templos e coletividades
que abriram suas portas à equipe do projeto.



9

Apresentações

27

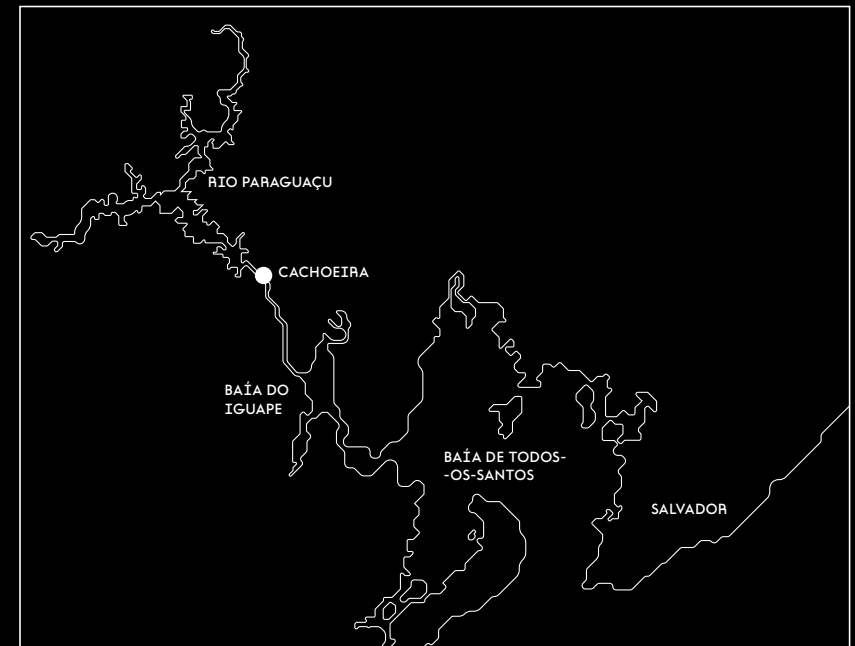
ATO1

*O surgimento do
que foi, do que está
e do que estará
criado*

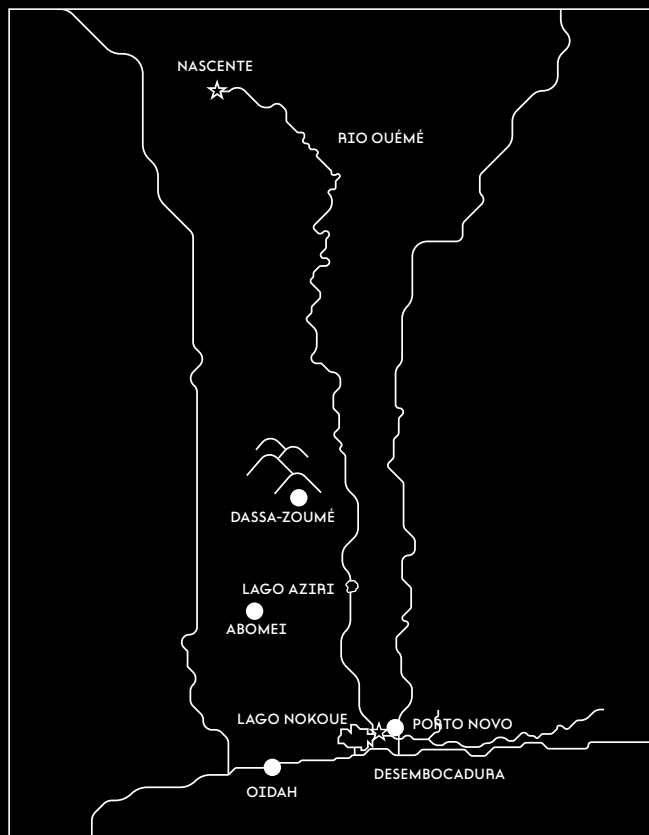
39 ZÓGBODÒ MALÈ BOGUN SEJA HÚNDE

53 HUNKPAME SAVALU VODUNZOKWE

71 DOTÉ MARCELINO



BAHIA



BENIM

89

ATO 2

O nascimento de Legba

- 101 SUA MAJESTADE DAAH DAAGBO AVIMADJENON
 109 JANVIER NOUNAGNON MAHUNAN, HOUSSOU OSHÊTURA
 SEGBOCHEMÈ & AKOTÈNON DOSSOU GBÈSSEMIDÉ
 112 CANTO PARA LÈGBA 114 CANTO PARA LEGBA
 117 SACERDOTE BALARD BENOIT, DOUMATHEY OMONDJOUJOU,
 OGOU ADJAGBONI & IDJITCHE OMONKOU
 119 CANTO PARA OGOU 123 GANFON GBAGUIDI XV
 129 BABA AGUE-NON GOUDOU KPODO GBEHOU GBAN

133

ATO 3

A virtude feminina

- 145 KPASSÈNON DÉsirÉ 149 DINASTIA LIGAN
 161 AGBOGOLO KOUBIA 164 CANTO PARA H3VIOSO

167

ATO 4

Revelamos

- 175 HIPPOLYTE BRICE SOGBOSSI
 188 CANTO PARA IFÁ



APRESENTAÇÃO

O Candomblé como
Floresta Simbólica

por *Danillo Barata* editor-cura-
dor do selo editorial anjo negro e pró-reitor de extensão e cultura da
universidade federal do recôncavo da bahia

O livro *Nações do Candomblé*, de Mateus Aleluia, representa um marco simbólico e espiritual para a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Sua publicação pelo selo Anjo Negro traduz o compromisso institucional da universidade com a valorização dos saberes afro-brasileiros e com a preservação das memórias e epistemologias que sustentam a diversidade cultural do país.

O selo Anjo Negro, instituído pela PROEXC/UFRB, reconhece e celebra o legado de artistas, mestres e organizações da resistência negra, cuja trajetória constitui um patrimônio imaterial da nação. A inclusão desta obra em seu catálogo reforça a missão da UFRB de difundir conhecimento a partir dos territórios, fortalecendo o vínculo

entre a universidade pública e as comunidades tradicionais, religiosas e culturais que fazem parte da história viva do Recôncavo.

Na cosmovisão de Mateus Aleluia, o Candomblé é compreendido como um espaço simbólico e sagrado, comparável a um grande útero — matriz de criação e continuidade — onde ancestralidade e espiritualidade se entrelaçam. Como religião de matriz africana, sua estrutura é essencialmente matriarcal, e a mulher assume o papel central na preservação, transmissão e renovação dos fundamentos da tradição.

O Recôncavo Baiano, especialmente as cidades de Cachoeira e São Félix, constitui-se como um território matricial dessa espiritualidade. A musicalidade que ecoa dos terreiros e se espalha pelo Vale do Paraguaçu integra o modo de ser e de estar dessas comunidades. Como lembra Aleluia, antes da palavra, existia o som — o ritmo dos atabaques, o canto dos orixás, a pulsação da terra. A música do Candomblé não é mero acompanhamento cerimonial: é um instrumento de pertencimento e de transmissão do conhecimento ancestral, um código sonoro que une o visível e o invisível.

Nas narrativas africanas sobre a criação do mundo, o ser humano é o último a surgir, após a água, o fogo, a terra e o ar. Essa ordem cosmogônica se reflete na prática ritual do Candomblé, onde cada gesto, cada cântico e cada oferenda reitera a interdependência entre todos os elementos da natureza. A filosofia que emana dessas tradições nos convida a compreender que a vida e o sonho são dimensões entrelaçadas — o real e o imaginário coexistem como expressões complementares da experiência humana.

O Candomblé do Recôncavo é o resultado de séculos de resistência, reconstrução e sincretismo. As tradições Jeje, Congo-Angola e Ketu, ao se encontrarem em solo baiano, geraram uma tessitura cultural complexa, que se expandiu e incorporou elementos indígenas e católicos, formando o que conhecemos hoje como a identidade sincrética do Brasil afrodescendente. Essa confluência se manifesta nas casas de culto, nas festas, nas cores do barro, nas danças, nos cânticos e na arquitetura simbólica dos terreiros.

Para além de um registro histórico, *Nações do Candomblé* é um testemunho poético e filosófico da continuidade das tradições

africanas em terras brasileiras. Aleluia nos convida a perceber que o Candomblé é uma floresta simbólica: um organismo vivo, diverso e em permanente transformação, onde cada rito é uma folha e cada terreiro, uma árvore que resguarda a memória dos povos que sobreviveram à diáspora.

A publicação deste livro pela UFRB reafirma a vocação da universidade como território de diálogo, diversidade e reexistência. A obra integra um movimento mais amplo de reconhecimento dos saberes tradicionais como formas legítimas de produção de conhecimento, em sintonia com a política de extensão e cultura da instituição, que compreende a universidade como parte integrante dos territórios que a abrigam.

Agradecemos à Secretaria de Formação Artística e Cultural, Livro e Leitura do Ministério da Cultura (SEFLI-MINC), cujo investimento tornou possível a concretização desta iniciativa. Através do selo Anjo Negro, a UFRB reforça seu papel na construção de uma universidade plural, comprometida com a valorização das expressões afro-brasileiras e com a democratização do acesso à produção intelectual e artística.

Ao acolher *Nações do Candomblé*, a UFRB reafirma seu compromisso com a difusão das epistemologias negras e indígenas, com a memória viva dos terreiros, e com o reconhecimento de que, no Brasil, pensar é também lembrar e cantar — porque toda sabedoria nasce do som, da terra e do corpo em movimento.

APRESENTAÇÃO

Um toque pra
Seo Mateus Aelúia

por *Fabiano dos Santos*

Piúba Secretário de Formação Artística e Cultural e de Livro e
Leitura do Ministério da Cultura

12

13

*Primeiro veio o som,
a música, o tom,
o canto da natureza.*

*Só depois veio a palavra,
a lavra, o dom,
a voz da humanidade.*

*Como soou Mateus Aleluia
na cuia de seu tambor:
“Antes do verbo, veio a música”
no primeiro som que ecoou,*

*da sinfonia do mundo
sendo feita pelo criador.*

*“Antes de tudo veio a música”
nas notas da terra, do fogo, da água
e da primeira flor que brotou.*

*Só depois veio a palavra
no primeiro verbo que se falou.
Só depois veio a palavra
no primeiro conto que se contou.
Só depois veio a palavra
no primeiro Ifá que se revelou,
a voz da humanidade
na primeira poesia de amor,
a voz da humanidade
no primeiro acorde que se cantou.*

*Salve, Mateus Aleluia
e a cuia de seu tambor!
Salve, Mateus Aleluia
e a viola de seu amor!*

O projeto *Nações do Candomblé* nos chegou também como um som. Na voz da ministra Margareth Menezes para que pudéssemos nos reunir com o Seo Mateus Aleluia. Portanto, o segundo som que chegou foi a voz mansa – mas de trovão – da natureza humana de Seo Mateus Aleluia: cantor, compositor e pesquisador popular da ancestralidade ritualística musical panafricana. Coube ao Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Formação Artística e Cultural e de Livro e Leitura, junto com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, acolher este chamado sagrado que nos dispõe uma cosmovisão ao tempo em que promove a diversidade cultural em sua plenitude étnica, artística, territorial e natural a partir das memórias, das ancestralidades, dos saberes e das epistemologias afro-brasileiras.

Para além de uma pesquisa, este livro é resultado de uma viagem aberta de formação e de transformação. Seo Mateus Aleluia atravessou o Atlântico e num encontro Bahia-Benim se encontrou consigo mesmo. Não um encontro meramente individual. Seu encontro é um corpo-espírito coletivo de uma memória social e de uma cosmovisão que revela em seus encantos e mistérios, suas crenças e valores de que o Brasil também é filho da África, nossa mãe e avó ancestral. Portanto, para além de um registro, *Nações do Candomblé* é uma manifestação mais ampla e coletiva de como as cosmovisões africanas nos habitam e nos formam como povo brasileiro.

Como uma oferenda, Seo Mateus Aleluia nos dispõe a construção de um conhecimento a partir da experiência do seu saber e do saber da sua experiência como um compositor de destinos. Um saber orgânico e vital, onde corpo e espírito comungam um mesmo tempo e lugar, um mesmo chão e um mesmo céu, um mesmo território físico e espiritual porque natureza e cultura compõem uma cosmovisão integrada onde não há fronteiras, onde nem mesmo o mar separa a África do Brasil.

Na apresentação deste livro, Seo Mateus Aleluia diz “sempre atendendo ao nosso senso de observação do Universo-Natureza e atento ao que percebo desta condição de Homem — o animal que

fala! — e sua (minha) interação como parte do meio ambiente das mensagens — ensinamentos que constantemente o Cosmo põe ao nosso dispor, percebamos ou não!”

Então, que possamos perceber o que o Cosmo pôs ao dispor da observação deste senhor - griô ancestral da música antes mesmo dela ser canção – em sua travessia entre Brasil e África, entre Bahia e Benim atrás dos registros dos cantos tocados lá e cá, revelando-nos de como estes toques se encontram e se tocam nos corpos, corações, mentes e espíritos da gente. Em sua terra de origem e de como estes cantos ecoam nos terreiros de Jêje, Congo/Angola e Ketu no Brasil, em especial, Bahia e Maranhão.

Este livro é fruto de uma viagem, de uma saga e de uma encruzilhada que atravessa o Atlântico para se encontrar com o Brasil na África ou se encontrar com a África no Brasil. Sendo assim, podemos imaginar a ideia de viagem como uma metodologia orgânica de encruzilhada criada pelo Seo Mateus Aleluia na construção de um conhecimento a partir da experiência de seus próprios saberes, por meio de uma expedição “etno-poética-musical para buscar cantos e formas musicais que atravessaram o Atlântico e aqui se refizeram em modos e práticas de vida”.

Portanto, esta pesquisa nos revela um tanto do que somos enquanto nação brasileira, pois, as nossas histórias e as nossas culturas, passam por essa travessia atlântica afro-brasileira, ensinando-nos de que há algo de muito antigo nos olhos de um recém-nascido. Lembrando-nos de que não viemos nem voltamos para o mundo só, que antes da gente vieram nossos ancestrais. Em sua observação atenta do Universo-Natureza, Seo Mateus Aleluia nos revela neste livro-ifá que para a gente nascer, veio antes a África com sua ancestralidade humana, natural, cultural, cósmica e sagrada.

Esta obra é poética, étnica e, evidentemente, musical, pois, como suou Seo Mateus Aleluia na cuia de seu tambor, “antes do verbo, veio a música”. A palavra só veio depois, com as mãos que tocaram os tambores, fazendo ecoar os primeiros cantos, os primeiros contos e os primeiros ifás.

Saluba, Nanã!

APRESENTAÇÃO

Mateus Aleluia: para uma encruzilhada necessária ou a saga beninense de um compositor

por *Hippolyte Brice Sogbossi*

antropólogo, intérprete, pesquisador convidado do projeto nações do candomblé

Conheci um exímio cantor e músico de Cachoeira, interior da Bahia, Brasil, nos idos de 2003 quando fomos a um encontro sobre tradições populares na mesma cidade e no Recôncavo Baiano. Quase vinte anos depois estamos de novo juntos em um projeto intitulado “Nações de Candomblé”, com a autoria do supramencionado compositor e pesquisador Mateus Aleluia, assistido pela cineasta Tenille Bezerra e pelo fotógrafo Tadeu Mascarenhas. “Nações de candomblé” esconde uma experiência fantástica: a visita à República do Benim, país africano, terra dos chamados Nagô, Ketu e Jeje. Momento oportuno para conhecer um país rico em informações históricas, culturais, políticas,

sociais, num processo de confronto de conhecimentos. Mateus Aleluia é do povo de santo, é cantor, compositor, poeta e pesquisador. Incansável peregrino do conhecimento e da divulgação do legado múltiplo africano através da música e da poesia. O autor de “Cordeiro de Nanã” viajou ao Benim sabendo dessa conexão necessária e caminhamos juntos nessa saga, conscientes de que “...o sofrimento que todos nós passamos sem razão” (palavras do cantautor), um sofrimento, não só deste lado do Atlântico, mas também, do outro lado, que inclui a Terra Santa de Savalu.

Era início de janeiro de 2023. Caminhamos, juntos por três semanas, com visitas sucessivas a Ouidah, Abomey, Dassa, Savalu e Porto Novo. Em Ouidah, ficamos hospedados por dez dias na Casa del Papa, uma pousada à beira mar. Entre outras atividades como gravações de entrevistas realizamos visitas à Fundação Zinsou, ao mercado da cidade com destaque para Aizan, divindade importante. Visitamos o sumo sacerdote do vodum e Presidente dos Notáveis de Ouidah, Sua Majestade Daah Daagbo Avimadjenon. O diálogo de Seo Mateus sempre girava em torno de estratégias de conexão dos cultos voduns e do candomblé do Brasil, o processo ritual intrínseco a essas vertentes, e o repertório de cânticos para algumas divindades como Legba, em ambos lados do Atlântico, enfim, uma espécie de panafricanismo religioso e cultural. Também realizamos uma visita à Floresta Sagrada dos Voduns, museu ao ar livre, onde obtivemos informações sobre a história da cidade, o seu sistema cosmológico e religioso, o que provocou alguns questionamentos no intuito de conectar o Brasil ao Benim. O repertório de cantos sagrados completará o diálogo, particularmente os devotados a Sogbo, Azansu e Ogum, em meio a um almoço caracterizado, com sacralização de animais. O interesse do Seo Mateus como pesquisador diferencial se manifestou sempre que havia comportamento, atitude, e fala que suscitavam curiosidades sobre a religião. Pesquisador diferencial, diria arguto, porque expressava a sua identidade religiosa entoando cânticos, fornecendo palavras e expressões ligadas ao candomblé e às expressões culturais populares da Bahia sobretudo e provocava uma resposta imediata da parte receptora.

A outra etapa da viagem foi Abomey, cidade histórica e Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade da UNESCO. A casa principal que visitamos foi sob demanda do cantor, que sempre manifestava o interesse em nos sugerir opções que não podiam ser desviadas. Tratava-se de visitar um centro de culto a Sakpata do sumo sacerdote Mitchai. Mais uma vez, a importância dada a Azansu, Avimadjè e outras divindades da mesma família. Tivemos a oportunidade de reunir os praticantes do Vodun da casa, pudemos organizar um concerto com gravações. O ambiente foi de muita fraternidade, com rituais de acolhimento e brincadeiras de todo tipo. Evidenciava-se mais uma vez que o objetivo da nossa visita era estabelecer laços fortes entre o Brasil e o Benim. Pudemos apreciar, entre outras canções sagradas, as de Hèviosso e Sègbo Lisa. Abomey como cidade de hospedagem não nos impediu fazer visitas a Dassa Zoumè e Savalou, por estas se situarem a 70 e 95 km, respectivamente, de distância. Na primeira cidade, pudemos conhecer rapidamente o palácio do rei e ouvir um cântico dedicado a Nanã, interpretada em voz Idacha, variante do Iorubá. Logo a seguir, continuamos a viagem para Savalou. A conexão com o Brasil desta vez foi a partir de um encontro memorável: desde o acolhimento até a realização de rituais de promessa, isto é, ex votos. Ficamos impressionados pelo local, à beira da estrada que liga Dassa Zoumè à Savalou; as pessoas que nos acolheram, sobretudo as mulheres, muito dispostas a nos auxiliarem no local sagrado. O Cântico para Lègba recolhido em Dankoli, expressava o mito originário da fundação do local. Houve registros de vários ritos. Retornamos a Abomey no final da tarde.

A viagem prosseguiu, no dia seguinte, para Porto Novo. Era dia de final de Copa do Mundo entre Argentina e França. A nossa torcida pela vitória da Argentina rendeu seus frutos: Argentina, tricampeã do mundo! Ficamos hospedados no centro cultural Wadada, cujo diretor chama-se Gérard. Ali haviam mais opções na reconexão entre o Benim e o Brasil, como visitar os agudás, descendentes de brasileiros no país africano; porém, foi o programa com Gérard que teve sucesso. A cidade tem museus ao ar livre, templos como o de Avessan, de Lègba, entre outros; pois passeamos por toda a cidade para visitar esses lugares de memória. Cabe destacar que a

visita a uma casa de Vodun da cidade foi muito importante. A sacerdotisa teve tempo de se organizar e nos recebeu muito bem. Mateus Aleluia teve a oportunidade de indagar sobre algumas divindades do panteão vodun de Porto Novo, sempre com o intuito de confirmar para sempre os motivos de que trazer “...Naná no coração” não tem preço. Voltamos a Cotonou no dia seguinte, e a viagem terminou. À noite a equipe voltou para o Brasil. Sonho realizado de um panafri-canismo cultural e religioso.

APRESENTAÇÃO

Cruzando mares antigos com olhos de nascente

por *Tenille Bezerra* cineasta,
pesquisadora, diretora artística e produtora executiva do projeto
nações do candomblé

Do tempo da memória quando elementos em comunhão moldaram o chão por onde caminhamos, pouco sabemos. Diante do abismo de desconhecer criamos formas e nomes para as forças que nos atravessam e com elas tecemos alianças, seguimos vivendo. Mateus Aleluia costuma dizer que antes de tudo é o som. Sinfonias pré-linguísticas embalam o humano ancestral, lume de um futuro que haveremos de alcançar. Como inscrições rupestres trazemos guardadas — para além de oceanos e séculos — matrizes de canto capazes de instaurar a comunhão com o que nos ultrapassa e nos diviniza, natureza que somos. Navegar por essas inscrições é o que propõe o projeto nações do Candomblé, idealizado por

20

21

Mateus Aleluia e com o qual tenho a preciosa oportunidade de colaborar. Atentos à importância de entrar em diálogo com a cultura dos muitos povos africanos que contribuem com a formação do que conhecemos por Brasil, partimos, enquanto projeto Nações do Candomblé, em uma expedição etno-poética-musical para buscar cantos e formas musicais que atravessaram o Atlântico e aqui se refizeram em modos e práticas de vida. Gestado das idas e vindas de um espírito inquieto, o Projeto Nações do Candomblé espelha a busca pelo entendimento que mobiliza toda a trajetória de Mateus enquanto autor, pensador e sonhador.

Na primeira etapa de realização do projeto, miramos o Benim (antigo Reino do Daomé) e as conexões sutis com o Brasil que aqui se apresentam sob a designação-nação Jeje. O trabalho começou às margens do Rio Paraguaçu, em Cachoeira, na Bahia, território que marca o Big Bang pessoal de Mateus. Em conversas com Buda de Bobosa e Doté Marcelino pudemos ouvir contornos dos muitos assuntos que cercam a existência dos voduns em terras brasileiras. Centro de preservação da cultura e dos cultos aos Voduns, Inquices e Orixás, Cachoeira é uma meca da cultura afro-brasileira. De Cachoeira fomos até Salvador encontrar Doté Amilton e conhecer a herança espiritual vinda de Savalou que ele mantém viva no coração do Curuzu. Atravessados pela ruptura radical imposta pela pandemia do Covid-19 dedicamos o ano de 2020 a um contato indireto com lideranças de cultos aos voduns no Benim. Através do pesquisador Benimense Mourchid Moubaracq e do trabalho de tradução simultânea de Mônica Aduni experienciamos encontros virtuais com lideranças e adeptos dos cultos aos mais diversos voduns. As pontes tão sonhadas começavam a se estender. O mês de dezembro do ano de 2022 mal dava os seus primeiros passos e nos lançamos finalmente em direção às margens ocidentais D'África com destino ao Benim. Organizados em um pequeno grupo, Mateus Aleluia, eu, o fotógrafo e engenheiro de som Tadeu Mascarenhas e o professor Hippolyte Brice Sogbossi atravessamos o oceano e chegamos ao Benim onde cruzamos paisagens-ritos-pessoas, transformando e sendo transformados por cada uma delas. Guiados pelos voduns nos lançamos em mares antigos com olhos de nascente, com o espírito aberto a tudo o que surgia do encontro navegamos soltos. Na polifonia das línguas, na multiplicidade dos ritmos, na existência impermanente e ancestral dos cantos, tudo nos fazia outros. Ter Mateus Aleluia como provocador desse caminho implicava abrir a bússola às compreensões que vão além do poder das fronteiras para enfim compreender as sutilezas que antecedem as formas. O resultado desse trabalho pode ser conferido em parte nesse livro, e de forma mais robusta no museu virtual do projeto. Ali é possível ouvir os cantos, auscultar as paisagens, mirar o incognoscível que nos mantém tão intimamente

APRESENTAÇÃO

conectados ao continente-mãe: África. Nações do Candomblé refaz a travessia atlântica não para nomear os processos que engendram essa imensa encruzilhada que perence ao tempo, ao contrário, de posse de todos os sentidos, o que apresentamos aqui é um mergulho no canto que orienta a vida — vibração pelo encontro com o mistério que o tempo cuidadosamente tece: mãos abertas sobre o infinito.

Nações do Candomblé

por *Mateus Aleluia* cantor, compositor, pesquisador, idealizador e coordenador geral do projeto nações do candomblé

22

23

Numa dimensão que não me sinto à altura de sugerir uma definição, sinto que é bom que eu assim continue: sempre atendendo ao nosso senso de observação do Universo-Natureza e atento ao que percebo desta condição de Homem — o animal que fala! — e sua (minha) interação como parte do meio ambiente das mensagens — ensinamentos que constantemente o Cosmo põe ao nosso dispor percebamos ou não! Nesta ótica e com a ideia de trilhar os caminhos das Nações de Candomblé — síntese de manifestações religiosas d'África cuja chegada e permanência no Brasil é atribuída a várias etnias providas dos vários reinos africanos do século XIV ao século XIX, estou

me impondo e me dando vida com o início do desenrolar deste projeto cujo objetivo principal é o registro dos cantos dos Nkises, Voduns e Orixás em sua terra de origem no continente africano e o registro destes cantos no Brasil, dos cantos dos terreiros designados: Jêje (etnias fon, ashanti, ewe), Congo/Angola (etnias Avimbundo, Ovimbundo, Bakongo, Thokwe) e Ketu (etnia Yorubá). Na primeira edição do projeto Nações do Candomblé nos pautamos na contribuição de algumas nações/povos africanos do antigo Reino de Dahomé, atual Benim. Apesar destas etnias também terem as suas raízes em outros Estados — Países do continente africano, incidimos nesta edição um trabalho restrito ao registro dos cantos ritualísticos entoados no culto aos voduns no Benim, e o registro dos, cantos ritualísticos dos templos / terreiros de candomblé Jêje da Bahia e Maranhão.

Após procedida esta audição dos cantos dos Voduns das respectivas dinastias reais oriundas do Antigo Reino do Dahomé, atual Benim, e audição dos cantos aos Voduns dos respectivos Templos Religiosos/Terreiros de Candomblé da Nação Jêje na Bahia e no Maranhão, Mateus Aleluia, dentro de sua observação do fenômeno definido por todo um processo que se inicia durante o período do surgimento do Brasil com sua população definida pela massa humana definida pelo triângulo do atlântico, narra sua leitura deste encontro secular de convívio Benim/Dahomé x Bahia/Maranhão. Assim, europeus, africanos e as várias etnias naturais do Brasil — os indígenas, dentro de um processo de contaminação cultural após os primeiros dois séculos de convívio perturbado ou não, fez uma cultura inclusiva: a cultura brasileira no geral e a cultura baiana em particular.

24

25

Um conto de Ifá

por *Abdjigan Beldis Avimadjenon*

Um signo de Ifá conta sobre uma mãe que um dia teve filhos. Ela teve muitos filhos... E um após o outro, os filhos começaram a partir, a falecer. Ah, finalmente sobraram dois: o mais velho e o mais novo.

Um dia no povoado pessoas provenientes de outros locais chegaram e raptaram o mais novo, o levaram a um local muito afastado, muito longínquo. A mãe e o irmão mais velho, desamparados, não tinham mais do que os olhos para chorar, eles choravam de manhã, ao meio dia, eles choravam de tarde, e perguntavam onde estava o seu filho, irmão. Cada vez que eles acordavam, quando seus olhos enxergavam o astro do céu, o sol, eles faziam entre si este voto: chegará um dia em que, ou nós, ou os nossos descendentes encontrarão o nosso irmão, o nosso filho que se foi e os seus descendentes, e esse dia será um dia de festa.

Anos depois, décadas depois, esse dia chegou, quando os descendentes do mais novo filho que se foi voltaram ao país da sua mãe, da sua bisavó, da sua tataravó, do seu bisavô, dos seus irmãos, dos seus ancestrais, para uma imersão cultural. Neste dia típico, segunda-feira, 13 de dezembro de 2022 é quando recebemos os nossos irmãos do outro lado do Atlântico.



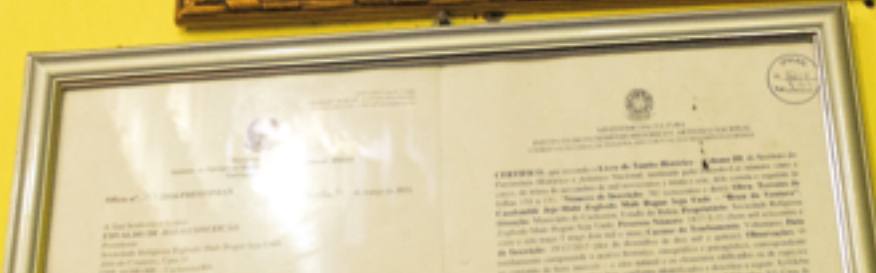
ATO 1

O SURGIMENTO DO QUE FOI, DO QUE ESTÁ E DO QUE ESTARÁ CRIADO

27

Tempo—natureza, tempo—universo, tempo—cosmo: nações
do candomblé é um entendimento sobre o tempo.

mateus aleluia





Mateus Aleluia na Roça do Ventura/ por Vinicius Xavier



Buda de Bobosa e Ogãs da Roça do Ventura



Doté Marcelino/ por Tenille Bezerra



Doté Hamilton/ por Tenille Bezerra



I. ZÓGBODÒ MALÈ BOGUN SEJA HÚNDE

39

cachoeira bahia
representante ogã buda de bobosa **BB**
entrevista realizada por mateus aleluia **MA**
bahia 12 de dezembro de 2020.

MA O programa Nações do Candomblé pretende estabelecer um paralelo da religiosidade que veio com os africanos para o Brasil e, de uma forma bem incidente, para a Bahia. Iniciando o trabalho pelas linhagens dos povos Fon Ashanti e Ewe, estamos aqui hoje com Buda que é o grande representante do Jeje. Jeje-Mahin, não é Buda?

BB Isso.

MA Cargo que antes pertencia ao seu pai, quer dizer, é como em África. Em África pelo que nós estamos entendendo a religiosidade vem de famílias, aqui também parece que se dá de uma forma à nossa maneira baiana também de família. E Buda, apesar de jovem, é a pedra basilar responsável pela manutenção dessa cultura Jeje-Mahin, e por isso eu gostaria que ele se identificasse, falasse do cargo que ele ocupa dentro desta religiosidade. Esse é Buda e eu gostaria que Buda se auto-definisse.

BB Para mim é um enorme prazer fazer parte dessa reportagem com nosso irmão Mateus. Eu sou Ogã, Runtó da casa Zògbódó Bògún Málé Sèjàhùndé, também conhecida como Roça do Ventura. Sou filho do Ogã Bobosa, o saudoso. Aqui onde estamos fazendo essa entrevista é onde estão os ossos dele hoje aqui, nessa localidade, no cemitério dos negros nagôs em Cachoeira. Sou o representante legal da sociedade religiosa Zògbódó Bògún Málé Sèjàhùndé e estou aqui para responder todas as perguntas do nosso irmão Mateus.

MA Buda, estamos aqui na Igreja do Rosarinho, em Cachoeira, aqui ao lado tem o cemitério dos pretos, eu gostaria que você falasse para as pessoas sobre esse local. Durante muito tempo a cultura africana ficou como se fosse uma subcultura, porque na realidade o africano não chegou no Brasil como adido cultural, não chegou como embaixador, apesar de ter vindo muitos embaixadores na época também. A grande massa humana que veio d'África foram os africanos que vieram nos navios negreiros, escravizados.

40

41

Nesses navios negreiros sabemos que vieram as mais variadas classes, e que dentro dessas classes vieram também grandes intelectuais, grandes religiosos, pessoas do mundo do comércio e da indústria africana na época, mas como todos foram escravizados vieram na mesma condição de quem nada tinha. Bom, diante disso tudo, nós temos conhecimento hoje que na roça Sèjàhùndé... Nada melhor do que você para dizer: Salacró pertenceu à Roça do Ventura?

BB Sim. Salacró e Zé de Brechó, José Maria de Belchior, né?

MA Interessante, José Maria de Belchior, que aqui nós chamamos de Zé de Brechó para poder facilitar.

BB Zé de Brechó, isso. José Maria de Belchior, Salacró e Dona Ludovina Pessoa. Mateus, eu estou aqui todo arrepiado, é que você veio aqui pra fazer uma entrevista e queria que fosse na roça, mas por conta da obra que está sendo feita não pôde ser na roça e viemos fazer justamente onde todos estes três ancestrais fundadores da Roça da Ventura estão enterrados. Eles foram velados aqui nessa igreja, no Rosário dos Pretos, aqui no Rosarinho. Essas três personalidades são as três pessoas que fundaram o Jeje, que faz parte sim do Sèjàhùndé, tanto da roça de cima, que foi a primeira roça que foi fundada, e a roça de baixo que hoje é a roça Zògbódó Bògún Málé Sèjàhùndé.

MA Interessante. O José Belchior, que nós aqui chamamos de Zé de Brechó pra poder facilitar, ele veio do Daomé?

BB Sim, ele veio do Daomé. Esses dois africanos, Mateus, eram dois africanos perigosos, um disputava com o outro quem era mais feiticeiro, quem era o mais retado. Agora quando alguém falava mal de um deles, eles defendiam. Diziam também que eles se transformavam em um pássaro preto ou numa garça branca para ir para a África. Como também Mãe Judite que era do terreiro nagô e que tem uma linhagem com a gente. Diziam que também todas as vezes que ela sumia ela se transformava num pássaro para ir para África. Isso era uma história que todos os africanos falavam que acontecia, meu pai mesmo falava muito isso. E além disso eles tinham poder aquisitivo, tinham diversas terras na cidade, a casa das sete portas era deles, aquela área toda da parte do Obitedor aquilo tudo pertencia a

Zé de Brechó e a Salacró.

MA Os dois eram irmãos?

BB Irmãos.

MA Eles nunca foram escravizados?

BB Nunca foram escravizados, já vieram da África com poder aquisitivo. Existe uma história que eles vieram para cá criança, e que tinha gente que tentava matá-los no feitiço, mandavam vir outro africano para poder matar eles mas nunca conseguiram. Tanto que tem essa história ainda, tem até no livro de um amigo nosso que vem falando sobre essa história, que vinham tentando querer matar eles porque além de serem feiticeiros eles causavam inveja em muitas pessoas pelo poder que eles tinham.

MA Se falava muito que, não sei qual dos dois, parece que o Salacró, ou Zé de Brechó, acho que foi Salacró. Não, foi Zé de Brechó, que foi conselheiro, na época não sei se chamava intendente, que hoje em dia chama-se prefeito.

BB É, chegou a ser vereador. Vereador da cidade de Cachoeira, foi o primeiro vereador negro na história de Cachoeira. E além disso foi um dos fundadores da Casa Montepio dos Artistas, um dos fundadores da Loja Maçônica Caridade e Segredo de Cachoeira. Tanto que a Loja Maçônica de Cachoeira antigamente fazia reunião dentro do terreiro do Séjáhùndé, existia essa irmandade, tanto que tinham vários irmãos maçons que iam lá, Valter Maia, e muitos outros. Tanto que até hoje tem alguns símbolos maçons dentro do Séjáhùndé.

MA Interessante também que há comentários, e até muitos historiadores tratam nos seus trabalhos sobre a relação do Séjáhùndé e a irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte.

BB Sim. Dona Ludovina Pessoa era a única pessoa também negra que tinha seus capitães, tinha recursos, era uma negra africana e veio também com seus poderes aquisitivos. Ela fez a primeira reunião para montar a Irmandade da Boa Morte, porque a Irmandade da Boa Morte na realidade, Mateus, era feita pela mulher negra da nação Jeje, não era mulher negra de todas as nações, era só a nação Jeje. As mulheres mais velhas da nação Jeje quando tinham amizade, pegavam amizade com os babalorixás ou com as yalorixás de

42

outras nações, no caso, nagô. Dentro da cidade de Cachoeira só existia duas nações, se você for ver na ponta do lápis e pelo cálculo que tinha, era só o Jeje e o Nagô. E hoje se você for ver dentro da cidade de Cachoeira a nação que mais têm dentro de Cachoeira é a nação nagô. A nação Jeje só tinha um terreiro antigamente depois passou a ser dois, porque antigamente não poderia ter dois terreiros Jeje na mesma localidade. Então dona Ludovina Pessoa, com o objetivo de conseguir recursos para alforriar algumas pessoas, montou dentro da Roça do Ventura a Irmandade da Boa Morte.

MA Quando é que a Roça do Ventura se estabelece como roça, tem assim uma precisão de tempo no tempo?

BB Temos um documento da Irmandade do Bom Senhor dos Martírios de 1765, a irmandade era formada por homens negros da nação Jeje, aí você já bota mais ou menos há quantos anos a roça de cima já existia. Aí vamos chegar agora na parte da roça de baixo, seu Zé de Brechó, seu Salacró e dona Ludovina Pessoa ainda eram vivos quando passou a ter a roça de baixo. Foi quando Ludovina Pessoa queria abrir uma casa, um templo Jeje para sua filha Maria Agorence, que se chama Maria Luiza do Sacramento. Zé de Brechó e seu Salacró disseram: por que dois Jeje na mesma localidade? Não pode. Mas vamos fazer o seguinte, vamos abrir lá embaixo e todo mundo que tá aqui da roça de cima passa a passar a ser da roça de baixo. E era também um meio de estar mais escondido para questão de quilombo, para esconder os escravos que fugiam. Porque quando você tava na parte de cima ali você passava a servisto, e a roça de baixo ela é um vale, é um quilombo, parece que você tá dentro de um buraco. Então Ludovina Pessoa pegou as terras do genro, esposo de Maria Luiza do Sacramento. Ele passou as terras para a esposa, que era para ter o templo do Jeje-Mahin aqui embaixo. A roça chama fazenda Ventura porque o esposo dela se chamava Manoel Esteve Ventura. E nisso os africanos todos desceram, porque não poderia ter dois Jeje na mesma localidade, por ter funções idênticas que não poderia ser repetida. Se a gente já fez essa obrigação aqui a gente não pode repetir essa obrigação lá, porque já fez naquele ano, então não pode repetir. Então nisso todo mundo desceu, montamos o peji, que era o peji do quarto de santo da família de Salacró, dona Ludovina Pessoa e Maria Agorence, montamos lá tudo direitinho. Logo depois

43

dona Ludovina Pessoa foi para Salvador abrir outro templo, Quando Dona Ludovina Pessoa abriu a roça de baixo era por volta de 1790, mas a documentação é de 1858. E ela foi para Salvador abrir um templo que se chama Zògdódó Male Bogun Hundô, casa irmã do Zògbódó Málé Bògúni Sèjáhùndé. No templo aqui de Cachoeira, só três voduns poderiam assumir o cargo de gaiakú ou doté, ou mejitó: as pessoas de Gbecem, Sogbô ou Azansu. E em Salvador ela não especificou. E aí por diante foi dando continuidade, a Roça do Ventura hoje tá dando continuidade com yabá mas a yabá não pode ser gaiakú, essa palavra não pode ser falada para pessoas que tem santo feminino, essa palavra só pega para santo das pessoas masculino, dos voduns masculinos desses três voduns, dentro do Sèjáhùndé. É Gbecem, Sogbo e Azansu, dentro do Sèjáhùndé. E além disso Ludovina ainda tentou abrir ainda outro terreiro de candomblé em Salvador, porque queria fechar o círculo, as três pontas, mas não conseguiu. Teve um candomblé também que foi aberto aqui em Maragojipe, que é o Terreiro do Pinho, que é outra casa irmã. O pinho é por volta de 1658, tem uma placa lá de Castro Alves dizendo a idade do Pinho.

- MA** Outro dado interessante disso tudo, o Salacró viveu mais ou menos em 1800 ou 1700?
- BB** Se a loja maçônica de Cachoeira existe desde 1878 e ele é um dos fundadores...
- MA** Então ele conviveu com Tranquilino Bastos?
- BB** Com certeza. Com certeza por causa da Casa Montepio dos artistas. Eu tenho uma reportagem de uma historiadora chamada Lisa Castilho, ela vem contando a história toda de Zé de Brechó e Salacró. Ela até ficou de vir aqui, ela está fora do Brasil, veio a Bahia e depois voltou de novo, deve estar viajando de novo, mas temos muito que sentar e conversar que ela tem a história do jornal, quem foi o fundador. Tanto que na Casa Montepio dos artistas durante muito tempo funcionou a Caridade e o Segredo Maçônico na cidade de Cachoeira.
- MA** E a ligação que existe da igreja de Nossa Senhora dos Remédios com o Jeje?
- BB** Ali tinha um caruru de Zé de Brechó, que é um caruru que ele fazia e se você for ver é muito próximo à casa das sete portas que era dele.
- MA** É interessante que ali é Nossa Senhora dos Remédios,

44

45

mas ali tava a Irmandade de Nosso Senhor dos Martírios.

- BB** Isso.
- MA** Que tá na base lá do Sèjáhùndé.
- BB** Está na base do Sèjáhùndé, e ali próximo tinha a casa da mãe de santo da Roça do Ventura, que era Sinhá Balia. Após o falecimento de Maria Agorence, Sinhá Abalia assumiu. A casa ficou 27 anos fechada e Sinhá Abalia assumiu porque Gbecem mandou chamar ela porque ela era irmã de santo de Maria Agorence, filhas de Gbecem. Ela assumiu e a casa foi dando continuidade, e eu sou descendente dela.
- MA** É descendente consanguíneo ou espiritual?
- BB** Espiritual porque meu pai era filho de santo dela.
- MA** E qual é o papel do Caboclo de Acaçá?
- BB** Caboclo de Acaçá foi feito por Maria Agorence, pela primeira mãe de santo. Caboclo de Acaçá cuidava de tudo, da administração toda, o que hoje eu tô fazendo. Junto com Maria Agorence eles faziam as coisas acontecerem, depois ficou sendo com sinhá Abalia, depois ficou sendo com Pararase. Antes de Aguese assumir, ele faleceu.
- MA** Se fala muito do papel da Casa Estrela, que fica ali na rua da Matriz, eu gostaria de um pouco mais de detalhe, quem era realmente a matriarca da casa estrela?
- BB** Quem ficava na Casa Estrela era Sinhá Maria Agorence e Sinhá Ludovina Pessoa, elas que fundaram a Irmandade da Boa Morte e todas as pessoas que foram iniciadas na Roça do Ventura quando desciam ficava naquela casa. Então quem era responsável por aquela casa? Todas elas. Se a gente fosse mesmo botar hoje na ponta do lápis a quem pertence a Casa Estrela, se for botar geograficamente estudado pelo histórico, vai dizer que a Casa Estrela ela é pertencente ao Sèjáhùndé, e principalmente pelo fato daquela estrela, que tem fundamento do Sèjáhùndé.
- MA** Isso é interessante, porque essa estrela, esse traço de união, é uma estrela de Davi ou eu estou enganado?
- BB** É a estrela de Davi. Tanto que além disso, só em você entrar e você pisar nela tudo que é de negativo seu já fica por ali, já não entra para dentro da casa.
- MA** Agora, qual a ligação que a estrela de Davi tem com o

Jeje, e de uma forma bem direta, com o Séjáhùndé?

BB Se você for ver a estrela de Davi ela tem os três elos, Gbecem, Sogbo, Azansu e ela desce e vem pra formar outra estrela, não é isso? Então, se você for ver são os três reis, é um ciclo que dá Dan.

MA Outra coisa que nós também gostaríamos de saber, Buda, é a relação do canto e da dança na manifestação da nossa religiosidade, de uma certa forma penso que hoje em dia o mundo todo já se deu conta que sem o canto e sem a dança praticamente não existe a religiosidade africana. Os tambores têm que soar, o canto tem que ir invocar, os tambores soando, o canto invocando, a dança é como se fosse o retorno desse canto e desses toques, e só assim é que os encantados vêm para se comunicar com as pessoas, é como se para existir realmente a materialização daquilo que a gente diz acreditar tem que haver o canto e a dança. Eu gostaria de saber de você desse entrelaçamento.

BB O cântico sempre tem um dizer, ele diz o que você é, na dança você mostra o que você é, se você não me entende no cântico na dança você vai me entender muito mais. Quando você canta dentro do Jeje, principalmente quando você canta um quebrado, você dança quebrado, quando você vai muía você já simboliza a cabeça da Dan.

MA Muía, muía é o quê?

BB Muía é o quebrar, olha aqui a mão, eu tô simplificando, é o quebrado. Quando você canta para Sogbo, que é da família Heviossô, que é a família Caviona, a família Modubi. Pelo Modubi você já diz que é sua fortaleza, a sua realza, que você é um rei, você é um imperador, quando você canta Modubi que você começa a quebrar e você já diz o que você é. Azansu você pode contar tanto no quebrado ou no Modubi, na cantiga ele diz que representa a terra, representa o vento, representa o ar também. É inesquecível, principalmente a parte do vento. Avimaje, Avimaje no candomblé Jeje é uma qualidade de Azansu, no angola é Tempo, porque quem é o Tempo? Só o tempo sabe, é o vento, é tudo isso que nós temos. Existe uma cantiga que ouvi há muitos anos, eu criança, aí um belo dia a cantiga veio toda na minha cabeça, tem mais ou menos uns três meses. Olha, eu tenho

46

47

42 anos, eu era novinho ainda. Aí eu escrevi a cantiga, aí eu falei assim: meu Deus do céu, eu vou esquecer essa cantiga, vou esquecer. Gravei ela no áudio no meu celular, aí eu chamei um amigo que é do Benim, o príncipe Clóvis, aí eu falei: rapaz, me diga aí. Eu queria saber se ele ia me dizer a coisa certa. Aí ele falou: é isso. Aí eu falei: está certo, obrigado. É uma cantiga pra Dan. Eu saúdo a Dan de ferro.

MA Eu saúdo a Dan de ferro. Que bonito. É como se fosse assim uma homenagem para o Gbecem?

BB Homenagem a Gbecem. Aí eu fiquei assim, eu falei assim: é, ele me trouxe. E há muito tempo eu não cantava essa cantiga, novinho, pequeno, sabe, a gente vai ficando velho, a memória, as cantigas vai ficando para trás.

TB (Tenille Bezerra) Buda, você falou agora dessa sua relação com o príncipe, queria te pedir para falar dessa relação com Benim, porque esse projeto é justamente sobre essa ponte, sobre o que está lá e o que está aqui e que se encontram nessas dimensões todas.

BB O Séjáhùndé é a minha casa mãe e se não fosse o Benim nós não existíamos, não é isso? É a minha casa mãe. Esse elo com o Benim é um meio da gente saber se a gente ainda está fazendo certo ou se a gente precisa se aprimorar cada vez mais. Porque esse contato eu vim ter com o príncipe agora há pouco tempo porque ele ficou, como é que eu posso lhe dizer, ele ficou bobo da gente estar cultuando, dando essa continuidade do lado de cá. Tanto que os voduns todos que a gente tava falando aqui alguns voduns no Benim já não existe mais, então a gente precisa ir ao templo do nosso patrono maior, porque nós temos nosso patrono aqui que é Gbecem, uma qualidade de Gbecem, mas o patrono do Gbecem daqui está lá. A gente precisa ainda bater cabeça, saúda, agradecer por nós estarmos aqui ainda existindo, porque se você for ver, Mateus, o Jeje, nós somos muito poucos, mas trabalhamos muito com pé no chão, com muita simplicidade, que é o que faz a gente sobreviver até hoje.

MA Nós temos tido conversas com pessoal do Benim e tem alguns Voduns aqui que eles lá já não têm intimidade, e Bessen é um deles. Aqui há algum tempo atrás, não sei se ainda se afirma isso, se dizia que o

rei do Jeje seria Sogbo e que Gbecem seria um cargo honorífico dado por Sogbo a Gbecem em atenção a Nanã, que seria a grande rainha. Até quando isso que se fala aqui se sustenta?

BB A gente tem uma teoria dentro da nossa casa que se a gente for por algumas teorias que o povo fala, que Sogbo não se reunia com Azansu. Gbecem, Sogbo, Azansu, são a pedra basilar, eles são irmãos, são compadres, para a gente é isso que importa. E além disso, quando vieram os navios negreiros, todos eles se uniram. Quem manda no nagô é Azansu, Sogbo ele predomina pelas duas linhagens, predomina no nagô e é o rei de Oyó. Quando veio os navios para cá, todos eles se juntaram, então principalmente essa linhagem que você tá falando que é a Nanã, a mãe de Gbecem com Oxalá, não é isso? Em certas tribos lá quem é o rei da tribo é Gbecem, é uma Dan, em certas tribos é Sogbo, quem é rei de certas tribos é Azansu, cada um tem a sua tribo. Então cada qual tem a sua tribo, só que quando vieram para cá todos se juntaram. Então a única coisa que houve acordo é que Gbecem fosse o grande maioral, porque naquela época dizia que o pessoal da Dan entrava pela terra e saía pelo outro lado e vencia a guerra, que se escondia, que sumia. Então, se você for ver, na verdade, pela história da parte Mahin, a família de Mahin que era a família de Dan era a mais inteligente. Mas aqui não existe quem é mais inteligente, aqui no Brasil, principalmente no Séjáhündé, o que os três determinar tá determinado, ninguém diz que não quer, os três tem que entrar em acordo, se um não concordar então vamos suspender tudo, tem que ser os três concordando, são os três reis. Não tem essa história, esses mitos, não. Se você for ver na África não existem esses mitos, porque se você for ver na África cada qual tem a sua tribo, em Osogbo não tem a tribo de Oxum? Então quem manda na tribo de Oxum é só ela, entendeu? Não tem essa coisa, quando esses três panteões vieram todo mundo junto, aquela coisa, todo mundo junto, teve assim essa reunião, tanto que os santos nagôs todos agregaram santo Jeje, nenhum deles foram pro Ketu. O Ketu no Brasil ela tem muito pouco tempo, só em você ver também o Ketu dentro da cidade de Cachoeira tem muito pouco tempo. Aqui na cidade sempre predominou o nagô e o Jeje, você vê pelo candomblé

48

mais velho do Ketu aqui na cidade que é Muritiba, que é o portão, deve ter hoje 90 anos.

MA

Buda, no livro do nosso Alberto da Costa e Silva ele fala da chegada de um príncipe daomeano ao Brasil em 1862 ou 63. Ele chegou no Rio Grande do Sul, ele não chegou como escravo, ao contrário, chegou recebendo um soldo do governo inglês. É interessante isso, sendo Daomé naquela época como se fosse uma extensão da França, ele vem do Daomé e recebe um soldo do governo inglês. Ficou conhecido como príncipe negro, se eu não me engano o nome dele é Custódio, o nome brasileiro, e ele faleceu em 1930 e pouco. Nesse tempo que ele esteve no Rio Grande do Sul ele viveu como um príncipe e morreu como um príncipe. As festas na casa dele só a aristocracia local frequentava, ele tinha uma corte para o servir. Fala-se que foi esse príncipe que assentou um Exu, um Bará, no mercado de Porto Alegre. Aqui o povo Jeje teve conhecimento desse príncipe que se estabeleceu lá no Rio Grande do Sul?

49

BB

Sim, a gente teve esse conhecimento. As famílias do Jeje de lá do Rio Grande do Sul falavam muito bem dele e nós aqui tínhamos esse conhecimento sim. Agora, a gente só não veio ter conhecimento que viria uma pessoa do Rio Grande do Sul para pôr o Bará dentro da feira de São Joaquim. Isso eu acho errado, cada qual manda na sua casa, a casa aqui é nossa, quem manda somos nós. Se viesse um descendente nosso, do Benim ou da nação Ketu, ou da nação Angola, ou da nação Jeje, que viesse colocar o Bará, se viesse pedir permissão aos terreiros para poder colocar aqui na feira de São Joaquim, que é uma das maiores feiras que vende artigos para a religião, materiais para a gente usar dentro do culto do candomblé. Mas vem uma pessoa do Rio Grande do Sul, se dizendo ser descendente de lá e quer colocar o Bará aqui no mercado, isso a gente não concordou. Eu fui o primeiro a dar uma carta para a assinatura de uma nota de repúdio nessa situação, não aceitando esse ato de trazer o Bará, e ainda de saia dançando de saia, seria um boneco de saia, desenhado para colocar no mercado São Joaquim, eu fiquei contra.

MA E com relação ao assentamento do Bará lá no mercado central em Porto Alegre, foi assentado mesmo pelo príncipe Custódio?

BB Sim, porque diz que ele já veio com esse Exu, ele que trouxe, aí não seria uma pessoa de lá trazer para botar dentro do São Joaquim. É que nem eu chegar na sua casa, entrar e roubar até o que tem dentro da sua casa. Tem que pedir permissão. O prefeito ele administra a cidade, mas o dono da cidade somos nós, mas o prefeito não tem que dizer que coloca ou deixa de colocar, porque primeiro ele tem que consultar, além disso ele vai desvalorizar as nossas matriarcas, os nossos patriarcas aqui da cidade do Estado da Bahia.

MA Isso é bom, já é bom saber que foi o príncipe que plantou o Bará.

BB Sim, ele já veio preparado. Mas Mateus, essas pessoas quando vêm, já vêm preparadas, ninguém vem à toa, esse príncipe quando vai... Ele tá no Benim, mas quando ele vem, ele vem cheio de preparo, ele não é bobo, é coisa para isso, coisa para aquilo outro. Você acha que o príncipe quando veio já não veio sabendo que vinha para ficar? Os Exús ou os Orixás, os Nkisis já não tinham falado no ouvido dele: você vá, mas vá preparado, você vai plantar isso lá, tudo isso. Até a gente mesmo, se a gente estiver morando de aluguel, a gente é do candomblé, a gente não vai morar na casa e não vai botar uma quartinha de Exu atrás da porta? Então a gente vem todo preparado, ninguém é bobo. Tanto que aqui, vou dizer a você, ele trouxe o Exu porque está certo, quem é Exu? Exú é o senhor das comunicações, é isso tudo que você está fazendo. Eu trabalhando com Exú, logo em seguida eu assentando Exú eu vou começar a estar em comunicação, quem esperava do príncipe... Quando o príncipe chegou quem foi que deu logo o título a ele?

MA Quando ele chegou ele tinha um soldo da coroa inglesa.

BB Você acha que Exú não buzinou no ouvido da Coroa inglesa, já não botou uma comunicação ali naquele ouvido, já não chegou alguém soprando, Exú é isso: vamos aqui ó. Já preparou o caminho todo. Aí as pessoas: Exu é o satanás. Não, Exu é o senhor das comunicações, é o senhor que abre os caminhos junto com Ogum, abrindo os caminhos, abrindo porta para tudo. Então ele tá aí para ter essa

50

interlocução de todos. Então esse Exú aí ele veio mesmo pra... Olhe só quanto tempo esse príncipe durou, desde 1800 e...

MA Quando ele chegou aqui ele chegou em 1862, ele já chegou com quase 30 anos.

BB Quase 30 anos, imagine.

MA E ele só foi embora em 1936. Ele chegou aqui com 32 anos, se eu não me engano, eu tenho os dados dele.

BB Aí a gente aqui diz que ele comeu muita farofa de café, tomou muito mingau de café, aipim.

MA As coisas que ele estava habituado.

BB Habituado. Eu hoje não querendo desqualificar todas as casas de candomblé e nenhuma casa de candomblé, mas quando a gente tem um espaço que a gente tem uma área para plantar, que é aquele plantio mesmo, a gente vai fazendo a nossa segurança alimentar, tanto para a gente mesmo quanto espiritualmente mesmo para os voduns, a gente está bem. Eu mesmo estou com um projeto já de fazer plantio já dentro da roça, porque hoje, vou dizer uma coisa para o povo de santo, que tem sua área, que plante inhame, que plante essas coisas. Porque o que nós vamos ver hoje é o fortalecimento da segurança alimentar, na parte da agricultura familiar, principalmente a gente que tem terra. Porque hoje se você for comprar um inhame no mercado você vai pagar quase 20, 30 reais no inhame. E uma das coisas que o Benim é rico é nisso, é plantio. Então nós temos que nos conscientizar, para ter mais pé no chão, ter essa consciência que povo de santo precisa se unir mais para fazer essas questões, para beneficiar tanto eles quanto os filhos de santo da casa.

51



II. **HUNKPAME
SAVALU
VODUN
ZO
KWE**

53

salvador bahia
representante doté amilton **DA**
entrevista realizada por mateus aleluia **MA**
18 de dezembro de 2020

MA Estamos aqui no santuário, no terreiro, no templo do Doté Amilton. Doté Amilton é um descendente da espiritualidade de Savalu e nada como o próprio dote Hamilton para poder fazer a apresentação da casa.

DA Boa tarde, meu nome é Doté Amilton Costa, eu sou o sacerdote supremo desse Kwe, esse Kwe que é de 1890. Eu sou a quinta geração aqui nessa terra e venho tentando aqui manter o Jeje Savalu. O nome do terreiro aqui é Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, que significa sítio Savalu do vodun do fogo, é a tradução. Meus parentes todos eram de candomblé, minha tataravó, minha bisavó, minha avó, minha mãe e depois eu. Mas aqui foi um terreiro que foi fundado por Dona Beatriz, depois de dona Beatriz foi a senhora dona Nanã, que se chamava Vicência, depois de Vicência foi Gombé, depois de Gombé foi dona Joana, depois de dona Joana veio eu. Aqui seria colocada a Cacunda de Iaiá, mas houve o falecimento de Mãe Tança. A Cacunda de Iaiá não veio para cá logo. Então me chamaram para vim tomar conta desse terreiro aqui, aí eu tive que juntar o terreiro que já existia, o terreiro da minha família e o da Cacunda de Iaiá, então tá aqui tudo juntado num pedaço de chão só. E aqui eu vou louvando esses deuses conforme o que eu aprendi. O patrono nosso é Bessen, depois é Sogbo e Oyá, porque são as descendências da minha família. A minha tataravó era de Bessen, a minha bisavó era de Oyá, minha avó era de Oyá e minha mãe era de Oxum, que a gente chama de Tobossi.

MA Doté, nós advogamos princípio de que a nossa ancestralidade ritualística é ela que dá margem para que exista a cultura, é do culto que vem a cultura, se no Brasil nós temos uma cultura africana tão bem sedimentada é porque antes veio um culto de vários pontos da África e aqui se estabeleceram. Desse culto então é que realmente as pessoas que o frequentavam, no seu dia a dia, é que daí saiu a cultura, a forma de se vestir, a forma de fazer as comidas, gastronomia, os cantos, as danças, os toques. Para nós isso é muito importante porque no candomblé sem canto e sem toque a gente acredita que as entidades

54

não se pronunciam. E daí que, para gente, é muito interessante mesmo, para poder estabelecer a nossa ancestralidade Jeje aqui, começar pelos orikis, pelas músicas. Aqui no terreiro Savalu, aqui que o Doté é o sacerdote supremo, o cerimonial aqui tem uma ordem, começa com a louvação para qual vodun?

DA Pra Legba.

MA Depois de Legba vem...

DA A gente não pode salvar Legba à noite, a gente à tarde canta para Legba para que ele deixe o caminho aberto para que os outros voduns, porque Legba também é vodun, para que os outros voduns à noite tenham o caminho livre, sem nada no meio do caminho para impedir que eles façam a viagem correta, que é chegar até o templo e vir receber as louvações que nós vamos fazer. Então o inicial é Legba, para tudo que vai se fazer primeiro se cuida de Legba, porque Legba é o mensageiro, Legba é o senhor do caminho, é Legba que abre caminho, é Legba que fecha caminho. Então a gente tem que cuidar dele direito para que ele não nos feche o caminho, para que ele deixe que tudo ande bem. Aí tem um cântico que a gente canta para ele, que a gente está dizendo que Legba também é vodun. O Cântico tá dizendo que Legba também é um vodun, ele também é um vodun. Que as pessoas ficam dizendo lá fora que Legba, que Exu, que Njila, é o diabo, que é o satanás. Nós não escutamos diabo nenhum, nós não cultuamos satanás nenhum, nós cultuamos o vodun, a força da natureza, nada mais nada menos. O que nós cultuamos? A natureza.

MA Agora uma coisa importante, Doté Amilton, porque nós vamos registrar esses cantos, como nós estamos registrando agora pra Legba, e é uma das nossas metas estabelecer agora qual é a releitura que a gente faz desse canto, o canto é real, mas agora como é que eu vejo isso de fora, como se eu não fosse de dentro? Como é que eu interpreto, como é que eu vejo? Legba é um vodun, não pense que Legba é outra coisa que disseram aí, não, porque no fundo, no fundo, está dizendo isso, Legba é vodun. Ele aqui tá se afirmando e os crentes, os devotos, tão também afirmando isso aqui na terra que Legba é vodun.

55

DA Os cânticos do Jeje são diferentes dos cantos do Ketu, muito diferente, mas tudo no fritar dos ovos tudo vai virar omelete, vai tudo virar um omelete só. Porque o rio, nasce onde nascer, todo ele vai para o mar. Vai se encontrar. A natureza se encontra no mar. Nasça onde ele nascer, ele pode nascer lá no fim do mundo, ele vai parar no mar. Aí você vê o rio vai descendo, vai andando... Não tem rio, a não ser que ele seque, que diga assim: ele parou aqui. Ele não pára. Ele vai adiante até chegar ao mar, no mar ele tem um papel dele que é se transformar em chuva, aí entra os voduns que são responsáveis pela chuva. Aí quando vocês aprenderam isso na escola, a gente aprendeu isso no terreiro. Quando vocês vêm falar que a chuva, o mar tem que ter o vento, não sei o que lá. Bom, o vento pertence a Oyá, o sol, diz o povo do Ketu que o sol pertence a Omolu, eu sei diferente, para mim não pertence a Omolú. Aí o sol esquenta a água, a água evapora, o vento bate na água, sobe a água, chega lá em cima o vento junto com as nuvens, as nuvens se formam em água, descem novamente em forma de chuva. Aí vem virar Oxum, vira o rio de novo para o rio fortalecer a terra. Tanto que a gente de candomblé diz: a mãe da terra é a chuva. Terra sem chuva terra morre, é terra sem vida. Então quem alimenta filho é mãe, a mãe da terra é a chuva, então provavelmente Oxum, Iemanjá. Iemanjá já faz muita pouca parte da chuva, quem mais faz mesmo é Oxum, Nanã, Oxumaré, que é Bessen, Oyá e Oxalá, porque Oxalá empresta as nuvens para virar água e descer. Então a gente já sabe disso antes de eu ir para escola, eu aprendi antes de ir para escola, essa é a força da natureza e tem outras coisas que a gente aprendeu. A floresta é alimentada pelos animais, então não devemos acabar com as florestas, não devemos acabar com os animais que têm nas florestas porque eles vão comendo a semente, vão defecando e vão caindo ali no chão e vai nascendo, vai brotando outras árvores, não precisa o homem. Agora o homem que é ordinário vai lá e desmata tudo, acaba com tudo, acaba com a floresta, toca fogo, acaba com os animais. A gente do axé tem cuidado quando vai botar, não sei se todos fazem isso, mas a gente de terreiro de tradições a gente tem cuidado com o que vai botar na rua, com o que vai botar na água, para que não mate os animais. Então tanto assim que aqui no meu terreiro nada vai para rua, levanta a matança vai

56

57

para o quintal mesmo, e quando tem alguma coisa que a gente vai ter que ir para fora do terreiro, que tem que ir para o mato, a gente tira os plásticos, a gente tira os agdás, a gente deixa o balaio porque ele vai se deteriorar, vai virar esterco. E a comida, que é uma coisa que as pessoas têm que entender, não adianta você botar um ebó em cima de um asfalto, ele não prospera, porque o asfalto não produz nada, então que você tem que fazer é o que, entrar no mato, botar no mato, animal vai lá comer aquele ebó, depois ele sai evacuando e vai fertilizando a floresta. Mesmo o que você bota no mar, no rio, o peixe vai lá e come, se alimenta, depois sai defecando aquilo ali, fortalecendo a natureza, é isso que é candomblé. Quando eu passo na rua que eu vejo ebós na esquina eu fico com raiva, não tem sentido botar ebó em esquina, não tem sentido botar ebó em asfalto, não tem sentido você está sujando a rua para mostrar que tem saber. A Avenida Eduardo Magalhães mesmo é cheia de ebó, no dia seguinte os garis saem cantando tudo, jogando tudo fora, porque aquilo ali aquilo é lixo, não tem mais o que fazer. Se botar dentro do mato e botar como eu estou te dizendo ninguém vai lá tirar nada.

MA Dá prosseguimento a vida.

DA Porque no dia seguinte o animal já levou tudo, o animal já pegou tudo, até o pano se você botar o pano vai se deteriorar, ele não vai ficar ali estragando a natureza, o pano vai virar adubo. O papel você também pode deixar, o papel a chuva vem, bate, o papel vira esterco. Outro dia o menino jogou um bocado de papel aqui no quintal, a mãe da menina reclamou com ele, eu falei: não, pode deixar, isso é papel, pode deixar aí. Depois quando der uma chuva pode vir olhar que o papel não está mais aí, a água vai dissolver ele e ele vai virar adubo, concorda?

MA É verdade, é a vida.

DA Então é isso. Agora não me deixe falar muito porque eu falo demais.

MA Mas isso é ótimo. Agora isso que o doté falou já está me dando, digamos assim, a releitura da própria música do Bará: eu sou o caminho.

DA É isso. Eu sou caminho, Legba é o caminho. Tudo da gente começa com Legba, no Ketu também é a mesma coisa, começa com Legba, só que aqui tem uma diferença, ninguém se incorpora com Legba, porque Legba já é um vodun que já veio para terra pronto. Ele não

precisa ser iniciado, ele não precisa descer na cabeça de ninguém, porque se ele desce na cabeça de alguém ele tá ocupado, quem vai tomar conta da porta? Quando o vodun ele tá na cabeça da pessoa, ele tá ocupado, o vodun tem que sair do corpo da pessoa para que tome conta da porta. Se a gente despacha Legba, tá dizendo a ele assim: não é para você sair, é para você tomar conta do caminho, para que nada de ruim venha. Então ele vai ficar, a gente vai despachar, depois quando a gente acabou de cantar que despacha a gente vai fazer um outro processo, que eu não posso falar, para que ele fique aqui mesmo, para que ele não saia, para que ele fique rondando, tomando conta da casa para que os voduns de alto escalão venham e achem o caminho livre. Porque Oxum não abre caminho, Oxum não é dona de estrada, Iemanjá não é dona de estrada, Nanã é porque anda com as coisas boas, coisas boas e ruins, Iemanjá também anda com as coisas boas e ruins. Mas tem santo, tem vodun que não anda, Xangô mesmo não anda, então se você quer que Sogbo venha, o caminho tem que estar livre, quem vai fazer esse caminho ficar livre é Legba, então por isso que você tem que agradecer ele, tudo começa com Legba. Até se você iniciar um vodunci, o primeiro ebó que vai fazer nele é de Legba, para que o resto dos ebós tenham caminhos, prossigam bem, que tudo ande bem, que tudo dê êxito. Se você não agrada Legba, as coisas atrapalham. Mas não é ele que atrapalha, são as coisas que as pessoas vêm com as cargas negativas e não foi tirado, quem vai tirar, quem vai fazer o trabalho de levar é Legba, para levar aquilo ruim que tá na frente daquela pessoa. Tanto que o Jeje não roda com dois santos, o Jeje não roda com Exu nem com caboclo, muito poucos filhos de santo têm caboclo no terreiro de Jeje. E aqui não se cultua caboclo aqui dentro, a gente tem os caboclos sim, a gente cultua sim, que é uma coisa que eu já encontrei da minha família, mas é lá em Brotas, aqui só cultua vodun, só e mais nada, só os voduns são cultuados aqui dentro. Aqui não tem bebida, aqui não se fala em nada que não seja ligado à religião.

MA Muito bem, muito bem. Agora eu ficaria feliz se pudesse cantar mais uma cantiga pra Legba.

DA É que eu não gosto de cantar, eu já te falei, você não quer ouvir. É, tem uma outra cantiga que diz que Legba tem grande e tem pequeno, ele é

58

grande e ele é pequeno, tem todos os tamanhos, como tem os ventos.

MA Tem o Legba grande e tem o Legba pequeno.

DA Kere kere é pequeno.

MA Tem o vento brando e o vento forte, isso é muito bonito.

DA O fon recebeu muita influência do francês. É como doté. Doté significa médico, significa orientador, significa mestre, o mais velho. Sofremos muitas influências do francês depois que o Benim foi dominado pelos franceses. Candomblé é cultura, como você falou e não é uma cultura simples, não. Eu digo sempre aqui que eu acho a igreja católica a cultura muito mais simples do que a nossa, porque falar de Nossa Senhora é só Nossa Senhora, falar de Jesus é só Jesus, com todo respeito à igreja católica, falar de Santo Antônio é Santo Antônio. Já a gente falar de Ogum tem vários caminhos de Ogum e você tem que saber todos os caminhos de Ogum, falar de Sogbo, tem os caminhos de Sogbo e você tem que saber todos os caminhos de Sobo. Então você veja, são sete Oguns, sete Exu, nove Oyá, dezesseis Oxalá, dezesseis Oxum, doze Xangô, além desses dozes ainda tem os outros que têm os mesmos cumprimentos. Então são muitas coisas para você saber, e você como sacerdote tem que saber tudo isso. Chega alguém aqui de Aganga Tolu, você sabe quem é Aganga Tolu né? É Odé no ketu. Aí você vem, eu sou de Aganga Tolu, mas que Aganga Tolu? Tem que buscar o caminho que ele é, e aí tem Aganga Tolu que come, um exemplo, que não seja esse, que come cebola, já o outro não come, e você tem que aprender que tudo isso tem que ser feito exatamente como vodun é.

MA Mas poucas pessoas conhecem esse fundamento, pelo menos de Aganga Tolu.

DA Mas tem pessoas velhas no santo que sabem. Você veja, o mel o pessoal diz que mel é uma quizila de Oxóssi, o mel não é quizila de Oxóssi de jeito nenhum, nunca foi. Na terra dele havia fome, não tinha o que comer, mas tinha muita abelha na terra dele, olhou para o lado, olhou para o outro, não tenho o que dar para o meu povo para comer, o povo tá passando fome, vamos pegar o mel para comer. Você pega uma colher de mel e bota na boca quando você está com fome, a fome passa, e ele alimentou o povo com mel. A partir daquele dia o mel passou a ser para Odé um alimento sagrado, é um alimento

59

sagrado, não significa que ele tem quizila ao mel. Então você oferece o mel a ele quando você quer pedir uma grande coisa, se tem alguém doente e você quer pedir, aí você vai oferecer o mel a ele. E o mel que é uma coisa que quase ninguém sabe, o mel é quente, um alimento quente, tanto que por isso não se bota mel em determinados voduns porque ele é muito quente, se você botar você vai esquentar. Já o dendê é frio, que o povo pensa que o dendê é quente, por isso que se botar dendê em cima de Legba e em cima de Ogun para poder esfriar eles, porque eles são voduns quentes, tanto Legba quanto Ogun são voduns quentes. Aí você bota dendê em cima, joga em cima para que ele esfrie, para poder acalmar ele. Tanto que Legba não gosta de mel, não gosta, é diferente de Oxóssi, Oxóssi gosta, só que para ele é um alimento sagrado, mas se você der não ofende a ele, ao contrário aquilo é sagrado para ele, ele vai resolver rápido o que você quer. Porque você só vai fazer isso para ele quando você tem uma grande causa para pedir.

MA Olha que fundamento esse de Odé.

DA Aganga Tolú também faz parte do Jeje. Que o pessoal tem mania de dizer que o Jeje só é Bessen, Omolú e Nanã. Não, está enganado, tem os voduns que são da nação e tem aqueles que foram convidados.

MA Aganga foi convidado.

DA Foi convidado, ele foi convidado por Tobossi, porque Tobossi, que é Oxum, foi convidada para entrar na nação, e ela o convidou, por viverem muito junto aí ela o convidou. Oyá foi convidada por Omolú, tanto que esses santos são cultuados também dentro da nação Jeje. Agora tem santos que o pessoal do Ketu cultua dizendo que é deles, mas não é, como Obá e Ewá, elas são Jeje, tanto Oba quanto Ewá, as duas são Jeje. Porque são quatorze qualidades de Bessen, treze homens e uma mulher, a mulher é Ewá, então ela não pode ser ketu de jeito nenhum. É porque Ewá era homem, para se esconder da morte ela se transformou em mulher, quando ela se transformou em mulher eles a expulsaram da terra, aí ela foi morar com Oxum, entendeste? Ela foi morar com Oxum, porque o dono do mar não é Iemanjá, nem na África, isso aí o senhor sabe, né, que nem na África Iemanjá é dona do mar, Iemanjá mora no rio. Tanto que a salva é: Odo iá. Odo é rio, tá dizendo a mãe do rio e não do mar, dono do mar é

60

61

Bessen, para entrar ali qualquer vodun para entrar no mar tem que pedir permissão a ele.

MA É por isso que ele está lá sempre bebendo né.

DA Sempre você ver o arco-íris tá atravessando pro mar. Ele é o dono do mar, e por isso que a água doce não se mistura com a água salgada, porque ele mora em cima do mar onde está a água doce, ele fica ali em cima, e qualquer vodun para descer ali tem que pedir permissão a ele. Se ele disser que você não entra aqui, não entra não, por isso que o mar fica bravo. E outra coisa que tem são essas cobras que engole gente, que engole bicho, essas cobras não têm nada a ver com Bessen, as cobras que são Bessen moram no mar, tem muita cobra no mar, e a cobra do mar ela não engole ninguém, não. Essas cobras pertencem a Bessen, mas essas cobras que ficam aqui na terra matando gente, engolindo gente, não tem nada a ver com Bessen, essas cobras coral, que o povo fica botando: Arrobobo! Arrobobo! Não tem nada a ver com ele, nada a ver com ele, ele mora no mar, ele não mora na terra.

MA Esse é um fundamento bonito, ele mora no mar, ele não mora na terra. Bonito fundamento.

DA Tanto assim que ele se traja com um pano da costa aqui como se traja as mulheres, porque o pano da costa significa água, o ventre, o ovário, a coisa que a mulher tem que ele se sente aquela coisa de proteção à mulher. Ele não gosta muito de descer na cabeça de homem, ele gosta mais de descer na cabeça das mulheres. São quatorze qualidades de Bessen, entendeu que é uma coisa muito mais

MA São quatorze qualidades de Bessen, que muita gente no Ketu chama de Oxumarê né.

DA O Ketu não conhece essas qualidades porque não é santo deles, Bessen não pertence ao Ketu, pertence ao Jeje. Bessen, Nanã, Omolú pertence mesmo. Não vou dizer Obá e Ewá porque já faz parte, mas pertencem ao Jeje. Tanto que eu tive aqui uma vez um africano da Nigéria, ele me pediu para levar ele para ir a determinados terreiros que ele via falar muito aqui: Casa Branca, Gantois, Opô Afonjá. E ele pediu para levar ele e naquela época tava tendo a festa de Oxóssi. Foi em Corpus Christi, aí eu o levei na casa Branca primeiro, depois levei no Axé Opô Afonjá e depois levei no Gantois.

Quando acabou tudo ele me perguntou: por que que aqui louva tanto Oxóssi assim com essa coisa toda? Na África se louva, mas não é assim não, na África lá o que nós louvamos bem mesmo é Xangô e Oxum, os outros a gente louva, mas não com essa cerimônia toda que eu tô vendo aqui. Aí depois ele fez assim: por que Nanã aqui no Ketu? Na Nigéria não se fala em Nanã, a gente nem conhece. Eu disse: não tem Nanã na Nigéria? Ele disse: não, Nanã só tem no Benim, e a gente não conhece o culto dela de nada, é um vodun mesmo do jeje. Aí, quando ele viajou, mandou um áudio para mim me explicando como era, ele foi até lá para me mostrar como era. Nanã mora em uma aldeia e quem toma conta da porteira de Nanã é Ogum para que homem nenhum entre, só entra ali se Ogum permitir. Aí o povo aqui tem mania de dizer que Nanã não gosta de Ogum, ela não gosta de velho, ela é velha, mas não gosta de velho, quem toma conta da aldeia dela é o jovem, é Ogum.

MA Esses mistérios que é uma coisa linda de entender, da nossa ancestralidade.

DA Mas isso é real mesmo, essas coisas, essa realidade. Quem me contou essas coisas todas foram os meus mais velhos, a minha avó, aquela de saia vermelha ali na foto era minha avó, a de branco era minha mãe, mãe carnal, minha família toda era de candomblé, e eu sou feliz porque eu sou de candomblé, eu sou muito feliz. Tanto que eu digo assim, aconteça o que acontecer nada abala minha fé, não, nada derruba minha fé, nada, a minha fé é inabalável. É porque eu já tive várias experiências com axé, hoje eu fico preocupado porque hoje tem um monte de jovens abrindo terreiro e não faz coisa séria, todo mundo tem direito de ser pai de santo. Quer ser, vá, mas procure aprender para fazer as coisas certas. A melhor coisa do mundo é você rezar um pai nosso sabendo dizer as palavras certas do pai nosso, não é você dizer o pai nosso pela metade, o pai nosso tem que ser lido correto. Eu tô dando um exemplo para dizer que o candomblé tem que ser correto, tem que ser rígido, como tem que ser. Tanto que aqui nesse terreiro quando a gente vai iniciar alguém, eu me sento com a pessoa e digo: aqui é assim, você vai querer? Ah, eu quero fazer aqui porque todo mundo fala bem. Então tá bom, você fica aqui. Depois que faz eu digo assim: agora você não pode isso, não

62

63

faça porque está errado, se você fizer vou te chamar atenção, e se fizer errado eu vou chamar atenção na vista de todo mundo, porque eu já me sentei, já expliquei. Porque o candomblé tem que ser assim, você tem que passar para as pessoas. Eu digo sempre aqui aos filhos de santo da casa, quer aprender candomblé se começa pela cozinha, porque você não pode oferecer uma comida errada para um vodun. O vodun gosta de quiabada, você tem que saber fazer a quiabada para oferecer para ele, porque tem Sogbo que não come quiabo, você vai dar quiabo ele, ele vai se zangar. Como tem Xangô que não come quiabo, como tem Sogbo e também Xangô no Ketu que não come quiabo. No caso eu não posso falar aqui o que é que ele gosta. Ele come tudo igual a Xangô, menos o quiabo, não se bota quiabo nele. É Sogbo, eu tô falando aqui, aqui é Sogbo, mas Sogbo e Xangô é a mesma coisa, só muda de roupagem, porque a roupa de Sogbo é de uma maneira, a de Xangô é de outra. O Benim é diferente, e nós temos Sogbo, temos Po, que é uma qualidade de Sogbo. Você falando Po, aí a pantera chegou, ele se veste com a roupa de couro de onça.

MA Olha aí, Sogbo é uma das grandes entidades mesmo no Jeje.

DA E depois o povo dizer que no Jeje só é Omolú, Bessen e Nanã. Não, o culto de Sogbo no Jeje é muito grande e temos várias qualidades, e que são muito bonitos, agora as vestes dele é diferente, como nós temos Badé que é uma qualidade de Sogbo que tem os trajes muito bonitos. Tanto que tem uma coisa que o povo diz, eu não sei se é verdade, que Xangô na Nigéria não come quiabo, quem come quiabo é Sogbo, mas aqui no Brasil dão quiabo a Xangô. Ele lá na África não come quiabo na Nigéria, ele come outra coisa lá, é uma folha que eles dão lá, temos até essa folha aqui muito, o pessoal até come. Uma dessas folhas é o bredo de Santo Antônio, é que ele chama de amalá, é o amalá que eles chamam, é o bredo de Santo Antônio, que é muito gostoso. Mas tem duas qualidades de bredo, tem uma que é de Legba e tem uma que é de Xangô, a de Xangô é a que se come, a de Legba, porque a de Legba tem espinho e é vermelha, e a de Sogbo é branca, é gostosa, você faz aquilo com carne é gostoso, os porcos comem.

MA Agora, o Doté se lembra de alguma música assim de Sogbo?

DA Se eu me lembro de alguma música de Sogbo? Lembro. Tem uma que diz que Badé foi para o mato pegar as lenhas para fazer a fogueira para Sogbo, ele é que faz a fogueira para Sogbo. E Badé é jovem.

MA Olha, então é a lenda que nós temos aqui do Xangô menino.

DA Xangô menino quando ele se incorpora nos cavalos dele ele incorpora dando risada, se incorpora com o sinal de riso, ele fica assim ó, porque ele é uma criança, uma criança já que aguenta a pegar as madeiras, tanto que quando ele dança essa cantiga ele dança assim ó. Tá dizendo que ele tá pegando a lenha, tá botando nas costas para fazer a fogueira. É muito bonito, candomblé é uma religião muito bonita, só que muita gente vê as cantigas e não entende o que tá cantando, e às vezes as pessoas não se interessam em ensinar, eu me interesso em ensinar, porque você tem que ensinar. O pessoal do Ketu canta uma cantiga que diz que Ogum é o único rei de Irê, mas ele só é rei dentro da terra dele, quando ele sai dali ele perde a coroa por causa de Xangô. Mas os pais de santo não ensinam isso aos filhos de santo, tem que ensinar. Se você prestar atenção, todas as cantigas falam nas qualidades dos santos, todas, aí só que os pais de santo, as mães de santo às vezes não sabem ou não querem ensinar.

MA A maioria das vezes não sabem, essa aí mesmo que quase todo mundo canta, mas não sabe o que é.

DA Mas não sabe o que está dizendo que Ogum é o rei, mas fora dali não. E quando ele sai da terra ele perde a coroa por causa de Xangô, porque o único rei na terra é Xangô. O pessoal tem mania de dizer assim: Ah, o rei de Ketu é Oxóssi. Oxóssi nunca foi rei em lugar nenhum, nunca, ele nunca foi rei em lugar nenhum, você que é de Oxóssi, Oxóssi nunca foi rei em lugar nenhum, o único rei que existe além de Sogbo é Ogum. Tanto assim que ele só anda com Oxalá, ele só usa branco, ele só é rei dentro da terra dele, quando ele sai ele perde a coroa, ele tem que tirar a coroa da cabeça porque ele não pode passar por Xangô com a coroa na cabeça. Dia seis de janeiro é dia dos três reis, e é o dia dos três poderosos da nação Jeje: Bessen, Xangô e Omolu. É dia desses três santos, são os três reis, porque Omolú também é rei. Ele com raiva do irmão se enterrou na terra, se escondeu: eu vou ser rei daqui de baixo. E Omolú é rico, você sabe que a terra tem muita riqueza, o dono da terra é ele, a

64

terra tem ouro, tem diamante, tem pedra não sei que lá, tem cristal, tem diamante, debaixo da terra tem é coisa aí, tem vulcão. Porque Omolú juntamente com Xangô é dono do vulcão, não é dono do sol, se ele mora embaixo da terra, como é que ele vai ser dono do sol lá em cima? A gente não chama aqui de Omolú, a gente chama de Ajansun, que é a mesma coisa que Omolú. Acabou?

MA Não, eu queria um canto de Ajansun, agora você falou nele. E depois um canto do rei da nação, Bessen.

DA Então deixa eu cantar só pra Bessen, deixa Omolú lá quieto.

MA Não, mas Omolú é Omolú, a devoção que todo mundo tem a Omolú é um negócio muito sério, a Bahia toda tem devoção, principalmente aqui em Salvador, é um negócio sério.

DA Ele é um santo que a gente tem grande respeito a ele, a nação Jeje tem um grande respeito a Ajansun. Tem uma cantiga que diz que o homem estava enterrado nas cavernas, Omolú emprestou a terra para que enterrasse o ser humano. Avimaje é dono da cova, o homem não se enterrava não era nas cavernas? Ficava fedendo, porque não tapava nem nada, ele emprestou a terra para que enterrasse o ser humano, depois ele falou: tire daí.

MA Olha só onde é que está realmente o simbolismo do enterrar e desenterrar, quer dizer, começa com Omolú, porque antigamente ficava numa caverna, ficava aquilo, putrefação danada, e ele: não, enterra, fecha tudo direitinho e depois tira.

DA Tanto assim que quando enterra para ficar a vida toda lá as covas são diferentes né, a coisa é diferente para ficar a vida toda, mas na terra se enterrar na terra tem que tirar, o vento existe. Para encerrar você quer uma cantiga para Bessen né?

MA Para encerrar não, encerrar o Doté que sabe.

DA Para mim eu já falei demais.

MA Eu tô vendo que de vez em quando vem um e sopra no ouvido do Doté: diga isso. Que tem disso viu.

DA *Doté Amilton canta para Bessen.* Essa cantiga é de Bafono. Bafono de Bessen ele é o maioral, porque todos os voduns tem um que é o maioral, e na nação da gente o maioral é bafono.

65

MA É o mais ancestral.

DA É o mais ancestral de todos, ele é tão importante que ele não desce na cabeça de ninguém, não existe ninguém dele, não tem ninguém que se incorpore com ele, porque ele é tão poderoso que o ser humano não o aguenta.

MA Olha só, ele é uma energia tão forte que se vier...

DA É a mesma coisa que você lá em Santo Amaro, Cachoeira, você conhece Xoroquê, não tem ninguém na nação Jeje que rode com Xoroquê. Xoroquê não desce na cabeça de ninguém, quem disser que está recebendo Xoroquê é mentira, ele é tão poderoso que ele não desce na cabeça de senhor ninguém. Existe ele sim, é mesmo como se existe Oduduá no ketu, que não desce na cabeça de ninguém. Existem pessoas de Xoroquê, mas não incorpora, se incorporar pode comprar o caixão porque o corpo dele não vai aguentar, é uma energia muito forte. Tanto que você ver o que é o nome, Xoroquê, o que é quê? Casa, o guardião da casa, como é que ele vai descer na cabeça de ninguém se ele é o guardião da casa? Ele não pode descer na cabeça de ninguém, e não desce, não tem condições, o ser humano não tem condições.

MA Como se fosse uma espécie de comandante dos Barás.

DA É o mesmo que Bafono. Bafono não desce na cabeça de ninguém, é o poderoso, e se Bafono passar aqui, tiver um bocado de Bessen, Oxumarê, eles tudo vão baixar em homenagem a ele, que é o patrono, ele é metade homem, metade Dan. Da cintura dele para baixo é uma Dan, para cima é um homem e muito bonito. Você não vai ver nunca, eu sei por que eu tenho o jogo, sou sacerdote, então eu vejo por isso aí, por causa disso aí, entendeu. É isso aí.

MA É isso aí. Agora eu ficaria feliz se pelo menos cantasse uma pra Aziri Tobossi.

DA Daqui a pouco você vai querer que eu faça um xirê aqui.

MA Já está quase, falta um pouquinho. Porque o doté foi que falou no nome dela.

DA Mas se ela existe na nação do Jeje.

MA Pois é, ela foi convidada né? Ela nem pertencia, né isso?

DA Ela entrou porque Omolú que convidou ela, ela era enfermeira de Omolú. Ele a convidou, convidou Oyá. Candomblé é assim quando a gente começa do começo até o fim aí vem tudo chegando, o cordão

vai chegando, mas quando você fica cantando, parando, aí as cantigas saem do caminho, a cantiga tava na cabeça aqui e saiu. Você sabe que bacia é uma palavra fon né, bacia é uma palavra fon, bacia que você diz: me dá uma bacia aí, menino. É uma palavra fon, é o mesmo que a palavra maiô, maiô não tem no dicionário de português, não, pode olhar que você vai ver que não tem, é uma palavra yorubá. É uma cantiga de Oxum que você canta. Doté Amilton canta para Oxum. A palavra é oru mi maió. Está dizendo que ela é grande. Já cantei tudo.

TB (Tenille Bezerra) Agora o senhor com essa voz, com essa vibração, dizer que não gosta de cantar.

DA Eu canto aqui, mas acontece que no candomblé cada pessoa tem uma função e a gente não pode tirar as pessoas da sua função, se não ela se sente menosprezada. Aí eu vou dar um cargo para você ir para cozinha, digamos, para você fazer comida para o santo, aí chega lá eu mando outra pessoa fazer o seu papel, você se desgosta, vai terminando parando, chega um dia eu não tenho ninguém para fazer. Aqui tem duas pessoas para cantarem, então o papel é deles, aí às vezes eu quero cantar uma cantiga eu canto, mas depois eu os mando seguirem, entendeu, ou então quando eles cantam errado eu vou junto. E depois assim, o pai de santo tem que estar no salão e tem que estar lá dentro, tem que estar lá dentro que está no salão, se eu for lá para dentro e largar o salão aqui, o salão vai ficar vazio, não tem quem cante, então tem que ter a pessoa para cantar, a pessoa responsável pelo canto. Tem um Ogan que ele não sabe nem fazer matança, ele só sabe cantar, e nessa semana eu precisei dele para me ajudar aqui numa matança, eu disse: mas você não quer aprender a fazer uma matança né. Aí ele fez assim: é, eu não consigo mesmo, não, só sei cantar. Mas ele canta direito. Digamos assim, vai ter iniciação aqui, um nome de vodunci, aí eu tenho que ficar lá dentro e cá fora, não posso ficar no salão, então eu tenho que delegar as pessoas a função de ficar fazendo essas coisas porque eu não tenho condição de estar fazendo isso. É assim, candomblé cada um tem... tem o runtó, runtó é que toca atabaque, tem o pejigã, cada um aí significa uma função, e a gente tem que delegar as funções deles. No candomblé não tem quem faça um candomblé sozinho, eu preciso de no mínimo

20 pessoas para fazer um candomblé, porque só ali eu preciso de cinco pessoas, três no atabaque, um no agogô, um no xekerê e um para cantar, são seis pessoas ali. Quatro, cinco para dar o santo que a gente vai homenagear, e fora quem vai na cozinha cozinhar, quem vai fazer a matança, quem vai limpar os bichos. Candomblé não se consegue fazer sozinho, candomblé é uma religião de comunidade. Se o pastor sobe no altar, acende uma vela, acende uma vela e ele pode gritar: Jesus. Ele pode gritar sozinho lá, no final ele deu conta do recado dele, mas por mais que eu queira fazer tudo sozinho eu não vou conseguir. O candomblé é uma religião de integração, aqui somos uma família.

MA E a parte bonita é essa né, sobretudo a fortaleza do candomblé é isso.

DA Quando eu comecei a ser pai de santo com 26 anos de idade, eu fui sacerdote com 26 anos de idade, na época todo mundo dizia que eu era o pai de santo mais novo da terra. Então por eu ser novo eu não gostava que ninguém me chamasse de pai, porque tinha pessoas mais velhas do que eu, aí ficava: oh meu pai, oh doté. Aí eu disse: não me chame de pai, não, me chame de Amilton. Aí tanto assim que as mais velhas que ainda estão vivas me chamam de seu Amilton. Hoje já aceito que me chamem de pai porque eu já tô velho também, mas eu tenho filhas de santo aqui mais velhas do que eu, que elas foram iniciadas já era mais velha do que eu, aí eu não queria que me chamasse de pai. Porque eu fui ser pai de santo com vinte e seis anos de idade, eu fui parar no Couto Maia entre a vida e a morte para ser pai de santo, eu sofri mais pra ser pai de santo do que para fazer santo.

MA Foi o próprio santo que fez isso?

DA Eu quase morro, porque eu não queria ser pai de santo, mas eu fui ser, eu não tenho arrependimento, não. Eu conheço uma parte do mundo, eu estive nove vezes em Harvard fazendo palestra, eu nunca cursei uma universidade, meus papéis na parede alguns ali, eu tenho uma carta de honra ao mérito ali me dada pela Universidade de Duke, que eu fui fazer um trabalho. Eles têm um museu virtual que está sendo implantado com a minha ajuda. Tem um museu em Frankfurt, na Alemanha, que eu ajudei a organizar, um museu afrobrasileiro, com Oxóssi, Oxum, Xangô. Então eu vou ter

68

arrependimento de uma religião dessa? Tem um americano que escreveu um livro sobre mim, nos Estados Unidos, e esse livro foi premiado, ele escreveu sobre a minha vida, em 1990, esse livro foi premiado. Então eu não tenho do que me queixar, conheço um monte de países aí, não tenho do que me queixar dessa religião, não. As pessoas são ingratas, mas eu não ligo para elas, não, o ser humano é ingrato em qualquer religião, você não pode se ligar a isso, não, se ligue nas coisas boas que você ganha dos voduns. Se eu for contar minhas histórias aqui você não vai sair daqui hoje, e eu tenho coisa para fazer, é muito história bonita, muito problema de saúde que eu já tive, de doença que eu tive e fiquei bom sem saber como. Eu tive uma doença no meu fígado, meu fígado foi comido um pedaço, a metade, quando os médicos vieram descobrir, eu já tava bom. Então essas e outras coisas, sou feliz, Vodun paun na meji, o que eu acabei de te dizer: muito obrigado por tudo, e aí encerrei.

TB Esse pode ser o primeiro de alguns encontros.

MA Temos que fazer vários, é muita coisa para poder só numa tarde assim. Isso é para ir se convivendo.

69



III. DOTÉ MARCELINO

71

cachoeira bahia
doté marcelino/ humbono da nação jeje-mahi **DM**
entrevista realizada por mateus aleluia **MA**
20 de dezembro de 2020

MA

Dentro da temática do projeto chamado Nações do Candomblé estamos iniciando uma analogia do candomblé Fon, que aqui no Brasil, Fon Ashanti ou Ewé, como se fala, tem vários tipos de falares, mas que chamamos de candomblé Jeje. Estamos preconizando uma viagem para o Benim para poder fazer essa acareação de identidade ritualística do ponto de vista dos cânticos, dos cânticos dos orikis como nós cantamos aqui no Brasil, de uma forma bem incidente aqui na Bahia, em Cachoeira e como no Benim é cantado essas mesmas entidades, esses mesmos voduns. Não é para poder fazer comparações, de jeito nenhum, é para apenas se saber como é que a coisa veio de lá para cá, como aqui se manteve, se lá ainda se mantém como aqui, que nós continuamos a praticar. Então para isso nós contactamos Marcelino de Jesus. Marcelino é uma das raras pessoas que eu conheço que trata desta questão dos voduns, dos orixás e dos nkisis dentro de um princípio teológico, dando explicações que você pode estabelecer com qualquer parâmetro de religiosidade canônica católica, que é uma referência. Então isso para nós é muito interessante, pelo menos saber como se canta aqui as sequências de orikis do mundo Jeje, abre o rito com o que, fecha com que, se possível nos explicar o que cada cântico representa, para depois fazermos isso mesmo nas famílias desses voduns lá no Benim. Porque no Benim não é como aqui, que num terreiro só se reúne todas as famílias. Esse aqui é Marcelino de Jesus, meu primo de Santo, Doté Marcelino.

DM A riqueza dessa religiosidade eu acho que é essa, porque você vem e se adapta, você tem uma adaptação no Brasil, em cada estado você tem uma adaptação diferente. Em Cuba você tem uma outra adaptação, a riqueza religiosa das matrizes africanas, das religiões afros, para mim a riqueza tá nisso, ela conseguiu se adaptar. Veio para uma terra que não é a terra dela, e com todas as perseguições, com

72

73

todas as perversidades dos governos, da igreja católica, dos brancos, que no Brasil se misturou, juntou a igreja católica com o candomblé. Eu não sou a favor do sincretismo, eu chego a ser radical com relação a sincretismo, porque fica muito difícil, Ogum é venerado há quatro milhões de anos, depois eu vou comparar Santo Antônio que é um santo santificado por homem, ele tem um título de santo, a diferença de santo católico e santos do candomblé é que o santo do candomblé, o vodun de uma espiritualidade do candomblé é uma divindade que há bilhões de anos foi santificado pela natureza divina e não por homem. Por exemplo, o vodun vem, traz um nome, mas esse nome é uma coisa simbólica, é uma coisa que o homem criou, porque todas as religiões foram criadas pelo homem, a natureza só deu inteligência e sabedoria para a gente criar, para o homem criar, isso foi o que a natureza fez o resto é um homem que faz. Então eu não vou muito com a história de santo de igreja, por exemplo, Nossa Senhora e Maria é uma só com milhares de nomes, Iemanjá é Iemanjá, Oxum é Oxum, Nanã é Nanã, Aziri Tobosi é Aziri Tobossi e por aí vai. São divindades que são em conjunto, porque a espiritualidade não vem sozinha, nunca vem só, ela é um conjunto de ancestralidade. A gente fica entusiasmado dentro do Jeje quando o vodun vem e não traz a voz porque não é uma divindade dessa galáxia, ele veio de outras galáxias. Eu já me bati com várias pessoas que o vodun vem, é uma preciosidade, mas cadê a voz? Agora a gente tem uma obrigação que faz, que aí ele solta a voz, começa a usar a voz da matéria, aí é maravilhoso né, eu acho lindo isso. Eu tive uma namorada que o vodun maravilhoso não falava, quando eu preparei a obrigação para ele falar, quando ela acordou ficou irritadíssima porque tinha um sacrifício de sangue, foi assim que eu aprendi, eu não tinha como trazer a voz do vodun sem o sacrifício que me foi ensinado e ele está falando, pronto, acabou. Desde criança, desde os três anos de idade que ele incorporava, aí veio falar quando ela tinha 20 anos. Então é essa grandeza, a grandeza da religiosidade africana, essa profundidade que a gente precisa ter muita humildade para entender, mas profundamente, totalmente é impossível.

MA

E um detalhe, nós aprendemos que no candomblé é ponto fundamental o canto e a dança.

DM Cantar e dançar é uma oração, por exemplo, tudo que a gente tem no Brasil, samba, esse gingado. Em todos estados do Brasil que teve mais africano o gingado é mais bonito, o gingado é mais gostoso, porque o dia a dia é uma dança, quem tem dinheiro vai para academia, quem tem origem africana aprende em casa dançando e cantando e comendo as comidas de origem religiosa, é a dança que leva a gente. E depois tá aprovado e comprovado que a dança, o cântico, o cântico limpa a mente porque esvazia toda a impureza que é uma oração, e a dança é um movimento, um gingado que lhe tira dor de coluna, é uma terapia, não tem outra coisa. O africano vive cantando, dançando, que é uma oração permanente a divindade suprema. A gente adora a divindade maior, chama Deus, Jeová, Dio, Olorum, Eledá, Olodumaré, Odudua, porque na verdade, aqui no candomblé no Brasil não se fala muito, mas Deus não é trino, Deus é tetra, pelo menos aqui no planeta terra, no planeta terra Deus não é trino, ele é tetra, porque Deus é representado aqui pela pedra, pela rocha, pela luz, pelo ar que é o vento e pela água, isso é natural, e tá provado que os africanos há milhões de anos sabem que o mineral é vivo. Porque as nossas divindades são sempre pedra? Porque pedra é vida, tá aqui representando o orixá aqui, espiritualidade é vida. Então os africanos já sabiam há milhões de anos que o mineral é vivo, a ciência só aceita isso recentemente, recentemente é que a ciência sabe que o mineral é vivo, então o mineral é Deus, ouro, prata, pedra, terra, lama, que é onde reproduz a vida. A vida é reproduzida na lama, é Deus, luz é Deus, o ar é Deus, a água é Deus, então são os quatro elementos vivos da natureza. Se em outro planeta os elementos vivos são cinco, Deus é quádruplo, se são três ele é trino, agora aqui no planeta terra Deus é tetra. Deus na África tem dois mil e trezentos nomes porque são duas mil e trezentas línguas, aqui no Brasil ele tinha trezentos nomes porque eram trezentas línguas indígenas. Hoje a universidade de Brasília vem lutando para salvar, vinte, vinte e cinco línguas, mas antes eram trezentas. Então na África Deus tem dois mil e trezentos nomes, cada nação, cada língua Deus é um nome.

MA É interessante essa narrativa falando da saudação dos Deuses, seria interessante se ter assim uma noção do que isso quer dizer.

74

DM Pois é, por exemplo: Emi Modupé, eu te saúdo, pai, Emi Modupé, Olorum, Emi Modupé, Eledá, Emi Modupé, Olodumaré, Emi Modupé, Oduduá, são os quatro pai eternos que são os quatro representantes. Emi Modupé, eu te saúdo profundamente, pai! Aí você vai para os voduns que aí já é a quinta parte, que são os filhos, que somos todos nós, todos nós somos filhos, todos nós somos espíritos, todos nós somos matéria e espírito. Aí você vê o africano Fon chamar a nossa sombra, tem uma língua fon, chama *ojiji*, aí o africano diz sempre o seguinte: *ojiji*, quando a criança põe a cabeça fora do útero na frente vem *ojiji*, vem a sombra. Quando você desce à sepultura a sombra sobe, é o computador divino de cada ser humano, é ali na sombra que está gravado todos os hábitos bons ou ruins que a gente tenha feito. Céu e inferno é isso. O demônio e Deus estão no mesmo lugar, a diferença é que Deus tem luz e o demônio não tem, mas esse negócio aqui é o inferno, aqui é o céu, não. Eu posso ser um espírito sem luz pelas minhas perversidades e estar junto a um ser iluminado, mas eu nunca vou enxergar sua luz, eu vou estar no inferno dentro do próprio céu e você vai estar no céu dentro do próprio inferno, só que você tem luz, quem tem luz está no céu quem não tem está no inferno. Até lapidar e o tempo, que é o juiz maior, limpar essas sujeiras tudo que a gente tenha feito na terra fica por conta do divino, que não tem esse negócio de santificar ninguém, não. Quem santifica os voduns, quem santifica nkisis é o pai eterno, não tem títulos, santo fulano de tal, os nomes dos voduns é exatamente pra gente, pra nossa parca inteligência entender, mas é infinito. Para nossa compreensão a gente tem que ter é Ogum, é Agué, aí vai divindade das folhas, divindade do ferro, já em outras nações ele já não é divindade de tal é de qual. Há uma diferença muito grande de todo ritual de Angola em relação ao Fon, mas são preciosidades, nenhum vai de encontro ao outro, cada um tem a sua referência e cada um é mais belo do que o outro, cada um venera a divindade da maneira mais preciosa. Por exemplo, espírito homem ou mulher, não existe espírito homem ou mulher, homem e mulher é pra nossa inteligência, por exemplo, um espírito pode se apresentar para gente, um vodun, um nkisi, como uma formiga ou como uma baleia, ele se apresenta mais como forma humana porque é a que a gente entende. Aí você sonha com a baleia

75

falando e acorda apavorado, sonhou com uma formiga falando, então o espírito já sabe que ele vai lhe apavorar então ele aparece como gente, mas se ele quiser ele aparece do jeito que ele quiser, como uma pulga, como um morcego, como uma borboleta ou como um elefante.

MA Agora um dado interessante também é que a gente nesse projeto a gente tenta pelo menos provocar que toda a nossa cultura ela vem do culto, se não houvesse um culto não haveria...

DM Não haveria cultura, religião é a base, a religião é um conjunto de arte, cultura, política, social, é um conjunto, e é isso que educa o homem, e eu costumo dizer o seguinte: não acredito em Deus, sou ateu, geralmente os ateus são pessoas que passam a vida inteira trabalhando para descobrir uma forma para salvar a vida. Salvar vida ninguém salva, mas para dilatar o tempo que a gente vive aqui. Por exemplo um cientista deixa a mulher, filho, vive no laboratório ali trabalhando dia e noite, noite e dia, para descobrir algo para melhorar a nossa convivência, para mim esse cara é um santo, para mim ele pode morrer dizendo que não acredita em Deus ele já é o próprio Deus, você trabalhando para cuidar dos outros, a coisa mais preciosa do que cuidar do outro. Agora eu estou cuidando do outro, eu não acredito em Deus, nem preciso, eu já estou cuidando do outro não precisa dizer que eu acredito, eu tenho intimidade.

MA Eu como galinha de quintal com Deus... Como se fosse um pêndulo que hipnotiza é uma linguagem própria.

DM Na África para você tirar um atabaque do chão só um determinado ritual que você o põe no colo, mas por exemplo, fazer pedestal para colocar um atabaque que toca religiosamente, não, porque o toque do atabaque é uma conversa com Odudua, que é o Deus Terra. Então você tá ali cantando e tocando, é uma conversa aquele toque, uma conversa com o pai eterno, que a terra é Deus, viva, vivinha da silva. Você já imaginou, a ignorância de você não acreditar na terra viva, você bota a semente lá a semente nasce, tudo que você põe na terra ela se reproduz, como é que um elemento morto pode reproduzir? Não existe. É o útero maior que a gente tem é a terra, o útero para o ser humano sobreviver, tanto que o nosso corpo tem todos os elementos que a terra tem. E a outra coisa que tem acontecido

76

77

terrivelmente, que é péssimo, a discriminação, meu Deus, discriminar o negro, branco a modos grossos eu costumo dizer o seguinte, quando você diz que eu sou preto, feio, fedorento, você está xingando Deus porque, quem mandou com a ousadia dele criar o homem na África? Ele tinha poder para criar na geleira, se Olorum quisesse criava o ser humano na Antártida e ele seria transparente, mas ele é abusado, Deus é abusado, ele contrariou vocês, criou o homem na África e ele não criou o homem nem preto nem branco, quem deu a pigmentação foi o sol, a melanina, foi lá e deu. Então xingue a ele, foi ele que errou, não fui eu, ele me fez na África eu posso fazer o quê? Me fizesse na geleira.

MA Quer que eu seja um adversário de Deus, quer que eu vá competir com Deus.

DM Não posso, então são comportamentos do ser humano que é tão imbecil, que é tão nojento, é tão pequeno, às vezes a gente não tem nem palavras, é muito pequeno, é muito pequeno para a grandiosidade do que a natureza fez.

MA Na realidade a gente deve ignorar essas provocações. Isso é uma provocação que deve ser ignorada, como dizia Agostinho Neto, o angolano, o homem que trouxe a independência para Angola...

DM Aí Omolu está ensinando, a partir dos dois anos de idade o menino começa a falar, com dezesseis anos ele está quase pronto, alguns com a mentalidade mais avançada fica pronto com dezesseis anos, são verdadeiros sacerdotes. E realmente eu tive um aprendizado de minha Gaiakú Luiza e de seu Candola, meu Deus do céu, esse homem me ensinou coisas da terra tremer, no bom sentido, e que tem servido a mim e aos outros.

MA Como é que chama o Oriki no jeje?

DM O conjunto a gente chama curran. Curran são orações, é um conjunto de orações cantadas, dançadas e tocadas. Porque por exemplo, pro Angola tem uma palavra do conjunto de orações que eles chamam Ingorossi, a gente chama curran, que é o conjunto de todas as orações.

MA E o Dorozan?

DM Dorozan é o ritual Jeje. Você tem o zandró e em seguida você tem o dorozan. No zandró você começa cantando para os Babás, aqueles

espíritos que não chegam a ser o vodun mas já estão em uma elevação, em um plano tão elevado que já não se reencarna mais. Então você tem os Babás, aí você canta para os Babás. Na língua Jeje Aizan é a rainha dos babás. Aí o zandrô começa com os babás, depois tem todos os cantos e toques para Exu, aí vem Aziri Tobosi, que é uma divindade que é o centro das duas águas. Aziri Tobosi é rainha das duas águas, onde os mares se encontram com os rios, lá é o lugar simbólico, o lugar material para a mente da gente onde está Aziri Tobosi. Então quando a gente termina de cantar Avalú, Avalú quer dizer Babá, Avalú, Exu, Aziri Tobosi quando a gente chegar em Aziri Tobosi aí vai entrar pra terra que não é dela, vai entrar para a terra do Nagô. Aí começa a cantar pra Ogum, quando vai pros nagôs e voduns, vem as yabás, aí entra para família do dono da nação que é Sogbo, depois aí vem Bessen. Bessen não é dono do Jeje, do fon, ele foi eleito, porque a casa é minha e eu boto no trono quem eu quero, então foi o que Sogbo fez. O dono da nação mahi, o dono da nação fon é Sogbo, só ele. Aí já é a lenda para a gente entender melhor, por uma interferência de Nanã fez ele dar a coroa da nação dele para Bessen que é a divindade representada pelas serpentes. Então Bessen é o rei da nação que não é dele, terra de Dan é uma, terra fon é outra, mas o fon trouxe Dan pra cá e deu o trono pra ele, porque Sogbo já é rei em qualquer nação, porque Xangô em qualquer nação ele é rei por excelência. Então passou o trono para ele, às vezes as pessoas perguntam: mas a nação não é de Sogbo, por que que o rei é Bessen? Sim, a casa é minha e eu boto no trono quem eu quero. Foi o que Sogbo fez.

MA Agora, qual o papel do próprio Xoroquê? Parece que ele reúne...

DM Quem traz Xoroquê pro fon é Bessen, porque ele é guardião do palácio desse rei a nível material, a nível de compreensão materialista nossa, então Xoroquê é o guardião, é o Exu chefe, ele é quem comanda, a gente tem ele como um Exu todo especial, porque ele fica na frente, ele é sozinho, ele não tem casa, ele fica no tempo, porque ele é guardião do palácio.

MA Por que algumas pessoas também o confundem com Ogum, Ogum Xoroquê?

78

79

DM Não, até tem nações aí de que deu para fazer Xoroquê na cabeça de alguém, mas o Xoroquê venerado pelo Jeje não desce na cabeça de ninguém, a gente tem alguns voduns que não descem, por exemplo, esse Xoroquê ele não incorpora. Você tem Olokum que é Iemanjá mais antiga, essa não incorpora, ela é da geleira, Olokum quer dizer do fundo do gelo, Olokum não desce, pelo menos é o que passaram para a gente aqui no Brasil. Tem Agê que é a divindade dos mercados, que é das moedas, do dinheiro, que é ligada a Oxum, é das águas doces, mas ele também não desce na cabeça de ninguém. Agora tem uns voduns que descem e Jeje não venera, por exemplo Obá, Logun, esses três voduns o Jeje não venera, mas eles descem na cabeça de alguém.

MA E Loko?

DM Loko é o vodun da família de Sogbo, dos caçulas, dos mais novos, e o assentamento dele é semelhante ao de Ajanssun. Obaluaê é da família de Sogbo. É dos mais novos dos três irmãos mais novos, é Loko, Badete e Averekete. Averekete é um garotinho que é o caçula da família, isso para gente entender, é o caçula da família e que é das águas. Sogbo é do fogo mas ele tem um caçulinha que é das águas, o último irmão, aqui pelo menos no Brasil ele é venerado como divindade das águas, Averekete. E também tem uma tradição no Brasil que se uma mãe de santo raspar ou um babalorixá raspar Averekete ele é o último, ela não bota a mão na cabeça de ninguém mais, morre sem botar a mão na cabeça de ninguém, porque ele é sempre o último. Tanto que aquelas casas mais antigas aparecia uma menina ou menino de Averekete, a mãe de santo ficava ali tapeando, fazia um borí, quando elas já estavam velhinhas que sabia aí é que raspava, aí depois ela não raspava mais ninguém.

MA Só paria Averekete no final, esse aqui é meu caçula, muito legal. Nossa religiosidade, principalmente nossa religiosidade fon, ou do Jeje é uma coisa fechada. Você conheceu bem mesmo o Vicente de Ogum Tolu.

DM A única coisa do Jeje que eu pessoalmente não aprovo é essa coisa muito fechada, porque se perdeu muito.

MA Ao mesmo tempo que era muito fechado, mas Vicente recebia o caboclo trovezeiro, você conheceu caboclo trovezeiro? Ele tinha um caboclo trovezeiro.

DM O problema todo do Jeje é o seguinte, você tem um terreiro Jeje, caboclo é dono da terra. Sabe o que eles faziam aqui nos terreiros Jeje quando ia ter obrigação? Eles mandavam comprar um rolo de fumo de corda, estendiam em volta do terreiro e banhavam de mel, cantavam e ofereciam aos caboclos. Se não fizesse isso todo mundo rodava de caboclo. Um dia minha mãe de santo disse a mim, ela tinha uma árvore onde ela botou uma quartinha, fizeram muito feitiço para ela, o caboclo ajudou, cuidou muito dela com Oyá, e ela tinha muito amor por esse caboclo. Aí um dia eu passei, um dia de quinta-feira, com um caneco d'água, uma vela na mão e tomei a benção a ela, aí ela olhou para mim e disse: o senhor vai para onde? Eu vou lá na árvore. Ela: não, não vai, não. Eu: Oxente, por quê? Ela disse: meu filho, caboclo você acende uma vela para um vem trezentos, daqui a pouco sua mãe de santo está rodando de caboclo e eu não quero. Ele é o dono da terra, é o vento, a divindade está aí, aí tem esses cuidados. Já o povo de Angola foi o primeiro a aceitar o ritual, mas todos eles têm, não adianta, não, o caboclo acompanha e aí tem obrigação lá que faz. Eu tenho várias irmãs de santo que o caboclo não pegava na roça mas pegava na casa delas. E minha mãe de santo me ensinava o que fazer. Como é que você controla o vento? Não tem como. Agora eu tenho uma árvore aí que eu acendo quantas velas eu quiser que eu não rodo de santo, Ogum não me pega não, é o caboclo que vai me pegar, então eu fico à vontade. Ela disse que vinha trezentos, no meu pode vir três mil, não tem nenhum problema, quanto mais melhor. E eles são muito rápidos para resolver problema, caboclo para resolver problema de saúde, de a, de b, ele é muito rápido porque ele está mais próximo, o problema é esse que o caboclo, o espírito de índio ele tá mais próximo da gente, a vibração é dele, é mais rápido. Se fizer um estudo geográfico, a África penetrou vários lugares do planeta, o Brasil foi África, até separar os oceanos. As pinturas rupestres que a gente tem aqui, tem mania de chamar o africano de analfabeto, o africano é analfabeto e até hoje a gente não conseguiu ler a pintura rupestre, a pintura rupestre é uma leitura, é uma linguagem, a gente não conseguiu ler e o africano é analfabeto. O africano não é analfabeto, ele escreveu algo que a gente não consegue, até agora não aprendemos, quem somos nós. Pintura no Brasil

de vinte e cinco mil anos, na Serra da Barriga, Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte tem muita mata, tem muita área com pintura rupestre, muito. E aí, e agora, quem foi que escreveu, quem foi que fez aquilo? Nem foi índio, foi antes dos índios. Alguns arqueólogos brasileiros dizem que aquilo tem dez mil anos, mas os arqueólogos franceses e italianos que é quem mais estuda as pinturas rupestres no Brasil diz que é coisa de vinte, vinte e cinco 25 mil anos, é brincadeira? Agora você começa a choramingar, a querer impor a mim, eu respeito, mas ninguém venha me impor seu Jesus Cristo, eu respeito sim como um profeta e tal, mas Deus nunca foi, Jesus nunca foi Deus, então Deus somos nós.

MA

Lógico, e ele que dizia isso, vós também sois Deus.

DM

Então aí eles mudam a interpretação por causa da Bíblia, a parábola é uma história, as lendas são uma história não tem como você mudar, o ser humano tem a capacidade do aprendizado, mas quando a gente se aprofunda percebe que está muito além da capacidade da gente, toda beleza espiritual que foi distribuída pela África para o mundo todo, tá aí, não adianta... Exu, Aziri Tobossi. Aí é que entra o Zandró, o Dorozan, até aí é Zandró, até Aziri Tobossi. Quando a gente muda é Dorozan. Tanto que para Aziri Tobossi não se canta à noite, a não ser no Zandró, agora se ela tiver incorporado em alguém no dia seguinte da festa, canta para ela dançar. Mas se a gente não tem uma pessoa na festa externa que não seja de Aziri, não se canta pra Aziri de noite, e a comida dela é feita sempre pela manhã, é quem fecha tudo no Jeje. Aí você tem o primeiro ritual, o segundo, o terceiro. Na terça-feira à noite você tem os Zandró de Aziri. Você veja, que é um Zandró de Aziri, o vodun. A gente pode até fazer uma matança para Oxalá com uma roupa clara, não precisa ser branco, mas Aziri é branca, no zandró dela todo mundo tem que estar de branco, aí de manhã tem as obrigações ali na árvore dela, tem que ser na árvore, e come tudo que tiver ali na palha de banana, o que sobrar bota no assentamento dela, bota tudo no assentamento e ali fica. Cachorro leva, gato, não se despacha a obrigação dela, e eu aqui eu despacho porque eu tenho um quintal, mas na roça não, na roça fica lá, o animal, gato, cachorro come, leva, depois é que se faz o ossé, lava tudo direitinho, mas depois que os animais já comeram

tudo. Mas é essa diferença do zandró e dorozan. Zandró é até Aziri Tobossi, Babá, Exu, Aziri, aí vem, começa a cantar pra Ogum, começa a cantar o dorozan.

MA E quem que encerra o dorozan, é Lisá?

DM Quem encerra o dorozan é Olisá, mas o último é Bessen, por que o último é Bessen? Olisá é o pai, só que Bessen é um vodun que nunca se canta três, nem sete cantigas para ele, a gente tem que cantar 9, não sei quanto, e se tiver incorporado o run dele é 48 cantigas. Aí é que entra, como é no Jeje vodun, ele fica em pé, todo tempo da obrigação externa o vodun fica em pé, quando ele quer descansar a matéria ele entra sozinho lá para dentro, pro sacrário dele, lá que ele descansa. Então qual é o entendimento, como é que Oxalá vai ficar em pé esperando Bessen cantar e dançar 48 cantigas? Não. Aí dá o run a Olisá, ele entra e aí Bessen fica à vontade. Agora, quando Bessen canta a última cantiga dele, Olisá não é surdo, ele vem de lá de dentro pra levar os filhos, aí canta a última dele pra ele entrar com os filhos. Mas no caso do Jeje o último é Bessen. Em qualquer ritual é o último vodun a vir, sai os outros na frente, ele é o último, pode dar o nome hoje ou pode já ter cinquenta anos, o ritual Jeje não muda. Por exemplo, ninguém carrega vodun pra levar ele pra lugar nenhum, ele sai, dá o nome, dá o ilá e toma run e acabou, se a matéria precisar de qualquer coisa ele entra sem pedir a ekedi, a ninguém, vai embora, e volta, é o que ele quer. Outro dia aconteceu, muito engraçado na roça de Jeje aqui, o pessoal do ketu: como é que uma yaô entra sozinha e sai? Eu disse: mas a gente nem tem yaô, esse nome é de vocês, no Jeje não tem essa palavra, a gente tem vodunci e vodun, não tem yaô, eles entram e saem a hora que quer, não tem esse negócio de ninguém pegar pelo braço, Jeje abre o olho, não tem negócio de ficar de olho fechado e ele fala, como é que ele não fala se ele dá o nome? Eu não consigo entender, não sei se tem alguma nação, que o santo dá o nome e leva sete anos sem falar, se deu o nome acabou. Santo do Jeje abre o olho, dá o nome. Você tem uma pessoa que chega pra fazer obrigação e é de Omolu, a gente cá chama Ajanssun, Obaluaê, aí tem uns que incorporam e não saem do chão, ficam no chão, mas na hora que entra pra feitura acabou a brincadeira. Tem uns rituais que a gente faz pra ele: o senhor era assim quando era matéria, aqui ó. Então vodun

82

83

de Jeje não se arrasta, Bessen é Dan, é serpente, mas no Jeje ele não se joga no chão, de jeito nenhum, Dan sem pé, não tem negócio de rei espojando no chão, não tem isso não, ele dança de pé. Só tem uma cantiga dele que ele vai ao chão, mas ele vai cantando, se ajoelha, no canto ele se levanta, mas pra se enrolar no chão, não. Quem tem esse ritual é Nanã, divindade da lama, aí você canta pode jogar água no chão, tem que ser chão batido porque a terra é viva né, o vodun quer botar o pé em cima da terra. Aqui acontece uma coisa impressionante na Assembleia de Deus. Quando eu era criança, uma vodunci da roça de mãe Judite ela teve um aborrecimento lá, eu vi isso eu pequeno porque eu era vizinho da Assembleia de Deus, agora, saber o motivo eu soube depois, não o motivo da briga, ela teve um aborrecimento, uma decepção muito grande lá na roça e se afastou da roça, isso seu Candola me contou várias vezes, ela se afastou, ela era de Oyá. Aí um dia ela foi para a igreja Assembleia de Deus e dia Oyá pegou ela lá, aí o pastor: ah, o Espírito Santo. Ela falou: que Espírito Santo, me respeite, eu sou Oyá Balé e vim dar um recado pro senhor, diga à minha filha que ela não ficou na minha casa, eu perdoei, agora aqui também não, se ela voltar aqui diga a ela que compre o caixão e deixe em casa, lá ela não ficou aqui também não fica. Ele piu, deu o recado a ela, ela deixou porque... você viu que a espiritualidade deu razão pelo que aconteceu lá, você está certo, você saiu porque teve uma decepção, tudo bem, agora sair de lá e vai para a igreja evangélica, aqui eu também não quero, aqui não, quem manda no Ori sou eu e aqui você não fica. Eu tive uma irmã de santo, de Sogbo, ele reclamava com minha mãe de santo, ficava irritado porque ela tinha um namorado que ele não queria, e minha mãe de santo com maior carinho: meu pai, o senhor é vento, meu pai, pelo amor de Deus. E ele: eu não quero dois homens na minha casa. Mas o senhor não é homem é vento. Gaiaku tinha o maior carinho com ele, o maior cuidado, porque ele ficava irritado, e a gente: não, pai, você não é homem, o senhor é vento. Mas ela falava isso com o maior carinho para não ferir, porque vodun na cabeça de alguém ele faz coisa que deus dúvida.

MA Quer dizer que ele encarnou mesmo o gênero.

DM Não quero, na minha casa eu não quero, o homem da minha casa sou eu. Ela vai entender, e olhe ela não tinha queixas, porque ela tinha

tudo do bom e do melhor dado por ele, ela se separou do marido, ela foi vender acarajé, o acarajé vendia na porta do prédio da Petrobrás em Salvador, era o acarajé que mais vendia, então ela tinha tudo do bom e do melhor. Hora de obrigação na roça ela dava mais do que qualquer outra, vendendo acarajé no tabuleiro, e aí ele dizia: eu não dou tudo a ela? Quem manda sou eu... Primeiro no zandró é a comunhão, quando a gente sai para começar o ritual, aí vem o pessoal lá de dentro com o obí, pimenta da costa, água e um pouquinho de comida no vasinho pequenininho, que é farofa de azeite, farofa branca, de milho branco, um mingau de acaçá, vinho, mel, porque os atabaques na primeira saída, no primeiro ritual do Jeje os atabaques comem, a gente dá comida aos atabaques. Aí começa, bota um pouco de comida, cada coisa que vem de lá coloca em cima do atabaque, depois rega-se com vinho e mel, aí a gente ajoelha para receber a comunhão, que é o obi e a pimenta da costa e bebe água, a abertura do candomblé é com comunhão, que essa comunhão natural que a gente tem. Terminou ali, aí é que entra o cântico de Aizan, que Aizan vodunci dança para ela ajoelhado. A gente ogã e ekedi fica ali com o maior cuidado, mas as vodunci fica ajoelhado, se ela tiver cargo de santo ela deixa de ajoelhar, mas quando for vodunci filha ajoelha e a primeira cantiga de Aizan. Isso é tocado e cantado e as vodunci dançam ajoelhadas. Aí quando a gente canta as três cantigas da Aziri ou de Aizan, aí a gente canta para se levantar, aí vai para os Avalu, Avalu são três canções. Aí a gente chama Ogum, Agué, nessa canção pra Avalu, a gente chama Ogum, Agé, Ode e Ajanssun, pronto, são esses quatro. Aí depois a gente entra em Aziri, Aziri são dezesseis, o curran dela completo são dezesseis cantigas. A gente tem algumas cantigas de agô, inclusive a gente tem uma cantiga de agô que a gente canta nessa hora, mas é uma cantiga de tradição da gente chegar na casa de uma pessoa que está de um terreiro religioso. Às vezes o pessoal diz que o Jeje é meio grosseiro porque quando um pai de santo chega na porta não repica atabaque para entrar. Não, toda nação tem a sua cantiga de agô, agô pedindo licença, então se você chega na minha casa não sou eu que vou mandar, você pede para entrar e eu mando, então a gente quando chega no candomblé de qualquer um, ou numa casa de gente de santo que a gente quer.

Que a gente também canta dentro do terreiro quando a gente vai pro roncó, porque as voduncis ficam lá à vontade, eu quero entrar no roncó eu canto para ela saber que eu tô entrando, sou ogã, sou homem, tô entrando, sou pai de santo estou entrando, a gente não entra sem cantar porque elas podem estar lá à vontade.

MA

Bonito esse relato, esse é um registro fantástico. Eu penso Tenille que o registro deveria ser audiovisual, ele cantando. É o Doté Marcelino, eu agora fiz isso porque me lembrei que Luiz da Muriçoca fez isso.

TB

A gente está registrando aqui, o senhor está sugerindo um registro sonoro em um estúdio com uma qualidade? Acho muito bom. Mas aqui a gente está registrando e está muito bonito vocês dois juntos.

DM

Tem um ritual chamado mudobi no Jeje. Quando você canta mudobi você tá saudando de Ogum aos Ibejis, mudobi é de Sogbo, mas eles todos, e em determinado lugar tinha uma canção de quando eles iam para guerra, eu acho tão linda, eles cantam na porta se despedindo de pai e mãe quando tá indo para guerra. *“Deus nos cubra de bênção, runhó, minha rainha, zazan, estou doente, estou com dor profunda de deixar você ir para guerra”*. E eu uma vez fazendo uma palestra para crianças, mas foi uma coisa tão fantástica, quando eu comecei a palestra falei: olhe quando os africanos, não falei etnia porque eles eram menores, quando os africanos iam para a guerra eles cantavam isso, e quando eles voltavam cantavam outra canção também bonita, eu vou fazer a palestra quando terminar eu canto a canção. E aí eram trezentas crianças sentadas no chão lá, quando eu terminei a palestra que me despedi aí uma criancinha de lá do fundo fez assim: e a canção de voltar para casa? Menino, a turma desabou, meu Deus, eles ainda lembram, a pequenininha lá: e a canção de voltar para casa? *Mãe, a comida de lá, a galinha de lá não é tão gostosa quanto que você faz aqui..* Comi galinha de quintal hoje. Tem umas coisas tão bonitas a religiosidade africana é belíssima, você se sente assim, é uma maravilha, mas foi tão engraçado nesse dia, foi tão engraçado. Seja um messias entre a humanidade, aí ele fala assim: seja um messias entre a humanidade, entre a água, no meio acima eu me perco, chamando de vida, vegetal, mineral e animal, e aqueles

que palpitam além e sempre seja discernido a tua vontade, porque na vida tem todos os povos e outros lados do universo. Então eles falam na coisa grandiosa, mas grandiosa, é muito bonito, pai nosso egípcio tem quatro mil anos, acha que o pai nosso foi o pai nosso que Jesus ensinou, Jesus ensinou é um brinquedo.

MA Ele bebeu lá, ele esteve lá, Moisés bebeu onde, não foi lá? Era escravo?

DM Aí eles inventaram, você ver a perversidade do povo europeu, do povo branco, eles inventaram uma terra que não é da África, passei a vida inteira na escola primária pensando que o Egito não era África. Essa universidade quando abriu aqui teve alunos que discutiram comigo, mas o Egito é na África, já era uma raça amarela... Como as rodas e as esferas tingem as minhas noites com seus reflexos de chão. Como o encantamento pelos dez nomes divinos. E é um curran que é feito, eu já ensinei algumas pessoas, mas até hoje não tenho escrito porque eu o tenho na mente ainda, porque era assim, quando a pessoa lá dentro termina de arrumar o sagrado Boitá, a pessoa que é sacerdote não vai lá, não vê, recebe é pronto, e recebe depois desamarrado. Tem uma pessoa da casa, muitos filhos que fazem aquele ritual, arrumam a gente, vai na procissão, mas o que é feito nunca se sabe, o que bota eu não sei. Quando a gente entra no quarto que a pessoa entrega o Boitá arrumado, a gente reza o encantamento pelos dez nomes divinos. Aí o pessoal do Rio que eu ensinei tem escrito, mas ele é longo, é longo.



ATO 2

O NASCIMENTO DE LEGBA

8

As imagens me acompanham em ouidah. As imagens que aqui estão comigo, em frente aos meus olhos. "Vida, quantas voltas a vida dá? Vida, quanto ainda eu vou caminhar"? Eu estou vendo essas pessoas caminhando como se fosse eu, mas não é o eu de agora. É o eu de sempre. Esse eu de 300 ou 400 ou 200 anos atrás. Caminhando

Mateus Aleluia



Bokono, Floresta Sagrada, Ouidah/ por Tadeu Mascarenhas

06



Adeptos de Ogou, Dassa-Zoumé, Benim



Adepto do culto do Ogou, Dassa-Zoumé



Coletividade de Sua Majestade Dah-Daagbo, Ouidah



Daah Daagbo Avimadjenon Ahouahdjino

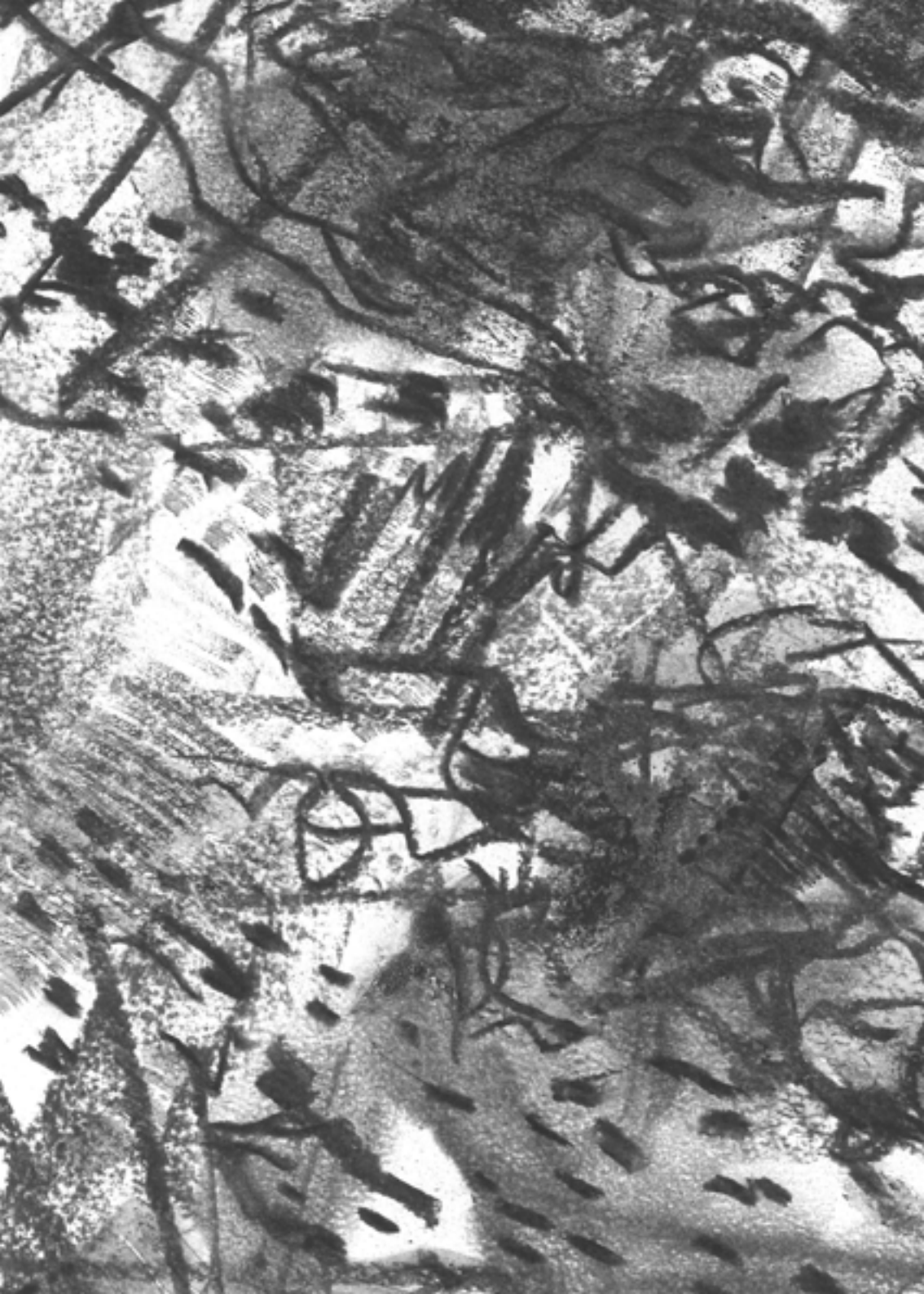
96



Vodunci em ritual no Benin/ por Tadeu Mascarenhas



Baba Ague-Non Goudou
Kpodo Gbehou Gban/ por
Mourchid Moubaracq



IV. SUA MAJESTADE DAAH DAAGBO AVIMADJENON

101

oudah benim
sua majestade daah daagbo avimadjenon presidente dos notáveis AVI
entrevista realizada por mateus aleluia MA
dezembro de 2022

MA

Iniciamos pelo chão que nos acolhe. Essa terra que nos identifica. Começamos pela terra... Nós revigoramos nossos pés pisando nesse chão. Eu aqui falo o que disse um africano. Que nós revigoramos os nossos pés em contato com o nosso chão. É um poema de um africano: Léopold Sédar Senghor. Agora, nós relembramos outro africano: Agostinho Neto: "O oceano separou-me de mim e eu me fui esquecendo nos séculos". Mas, hoje, eu vejo que o oceano que nos separou colou a luz em mim. Eu vejo meus pés se revigorarem novamente em contato com o nosso chão. Neste momento, levanto o meu pensamento a Mawu, por essa oportunidade de estar aqui diante de sua majestade. Nos sentimos realmente acolhidos, através da sua majestade. Nós somos do Brasil, Bahia; eu, Cachoeira, terra conhecida como a terra dos voduns. Hoje, eu sinto que estou na terra do vodum. E tento me reconectar com Cachoeira para que o céu se consolide como sempre esteve consolidado. E aqui agora gostaria de entoar um pequeno cântico que nós clamamos a Olorum ou Mawu. Dizemos Olorum.

Olorum! sai do seu Reino e vem nos ver

Olorum, seu o povo está cansado

Andei céu, terra e mar te procurar meu bisavô,

Quando saí para viajar, minha mãe chorou

Pois minha família se perdeu na escravidão

Em cada humano que eu encontrar, vejo um irmão

E de joelhos eu clamo: Olorum!!

Sai do seu reino e vem nos ver.

Olorum, seu povo está cansado.

Nós temos certeza de que o nosso cansaço é a nossa força. Cada um de nós que volta ao chão, alimenta a terra para que milhões de nós surjam. Nós vivemos pela nossa fé. Não entendemos o falar fon, mas percebemos a imagem das palavras fon pela fé. Eu e toda a nossa equipe agradecemos.

102

AVI

Nós ouvimos e aceitamos esses agradecimentos. Aceitamos as suas palavras. A alegria nossa de lhe encontrar e de ver os demais, essa alegria ainda está em nós. Nós vamos explicar para ele e saudá-lo expressando a nossa alegria. Nós vemos o nosso irmão e ele veio para a casa dele. Aqui é também a sua casa. O país é seu, essa casa é sua. E quando vemos que o filho da terra vai para algum lugar e volta, nós mostramos a alegria decorrente desse fato. Celebramos. E nós gostamos. E ele falou que estava do outro lado do Oceano, longe. Não, não está do outro lado. O fato de ter chegado aqui mostra que ele não está mais do outro lado do mar, ele já está em casa. E se ele estiver lá, afirmamos que estamos juntos. Quando ele vem aqui também estamos juntos. Sempre. E onde chegou aqui nós o escolhemos e virou membro da coletividade Avimadjenon Ahouandjinou Kpledo ma gbo loko. "As pessoas podem estar juntas para cortar o Iroko mas não conseguirão". Então, agradeço ao senhor, a todos os presentes, haverá paz... saúdo a nossa mãe... Agradeço ao meu filho, ao professor que saúdo muito, muito obrigado.... Cumprimento a todos os presentes....

MA

É necessário... É necessário pronto, acolhamos isso que foi designado pelas esferas superiores que não vemos... É preciso um contato maior, com mais intensidade entre o Benim e o Brasil. E com especificidade, a Bahia, o Maranhão e Cachoeira, para que possamos realmente nos vermos com mais frequência. A família, sempre a família. Mas sempre...se ver com mais frequência para, realmente, alimentar o Iroko.... O Iroko da família...O Iroko... a raiz do Iroko daqui, atravessou o Oceano Atlântico, e nasceu do outro lado do Atlântico. Nós somos uma família. Assim pensou e realizou Mawu. Mawu Lisa, Mawu Sogbo.

AVI

Sogbossi está aqui... risos... Um Odu de Ifá falou isso, e que uma mulher teve uma criança. Cada vez que dava à luz uma criança, este ia embora, e sobraram dois filhos homens. Um dia, o mais novo dos dois meninos foi capturado por algumas pessoas na cidade. Levaram esse menino para um local mais longínquo. O irmão mais velho e a mãe, cada dia que passava, choravam pelo desaparecimento desse

103

menino. E disseram que, se Deus quiser, algum dia chegará, para que ambos ou os seus descendentes encontrem aquele menino ou os seus descendentes. Efetivamente, Mawu aceitou.

E após vários anos, aquela criança que foi capturada, os filhos dessa criança, estavam procurando o caminho e, finalmente, chegaram em casa. Cada vez que um irmão nosso sai daquele país (o Brasil) para cá, a gente mostra esse Odu a ele. Porque quando alguns dos nossos irmãos iam ser vendidos aqui, existia uma árvore ao redor da qual os homens dariam 9 voltas ao redor e as mulheres 7, isso tudo para esquecer a história do seu povo; e quando eles foram levados lá, os nomes que davam a eles, os nomes autóctones foram conservados. A adoração das divindades tradicionais foi mantida. Então, isso mostra que as tradições não podem ser esquecidas nunca. Os nossos parentes que estão do outro lado do Atlântico, são uma pedra para gente, uma pedra da Memória, para gente aqui. Essa memória forte se petrificou. Memória forte para gente aqui. Então, muito obrigado, o que o pai de todos faz, o filho também faz. Axé para todos, e estou manifestando a minha intenção de consolidar a força de vocês lá. Muito obrigado...

Os ancestrais falaram. Que fazer certas coisas para vodum, nunca é em vão... Nunca se perde uma ação para com os ancestrais, para com os voduns. E nós falando também, para explicar melhor, podemos nos referir aos hungan, aos huntós, aos vodunos, afirmamos: quem saúda, louva vodum, faz alguma coisa para vodum Yehwe, nunca o faz inutilmente. Nunca se perde. E quando nós saudamos vodum, não estamos falando com o vazio. Então quando nós estamos fazendo algo encontramos os seus efeitos, as suas vantagens, as suas consequências. Tal como a gente falou, o que nós estamos fazendo está inscrito na história, continuará sendo divulgado, de tal sorte que os nossos descendentes em várias gerações continuarão se encontrando, sempre. E a nossa aproximação seguirá consolidando-se, sempre. Pode perguntar a eles se eles têm alguma coisa a perguntar, alguma dúvida, para que possamos explicar-lhes.

MA

As dúvidas... as dúvidas são muitas, devido a essa distância no tempo. Mas também existe uma grande certeza: não existem dúvidas. Existe a fé que somos

104

105

de um só povo. E aqui fomos postos por uma só força. Habilitamos nossa força que vem de Mawu, que chamamos de Mavu. A partir dessa fé que temos em Mawu, não existe dúvida. De vez em quando oscilamos, mas não duvidamos. São vários caminhos para nós termos certeza de que nós viemos todos de Mawu. Neste momento que falamos de Mawu, quero transmitir aqui a sua majestade a contribuição do Dote Buda do Ventura, do Seja Hundé, da mãe Índia de Azansun, do Doté Amilton, do Doté Marcelino de Jesus. São nossos irmãos, nossos organizadores, nossos co-participantes, em tudo que é para fortalecer a fé em Mawu... Mawu...

AVI Aqui... ele disse... Aqui tem várias fés, várias maneiras de acreditar. Aqui é a casa de Segbo Lisa, Mawu. É a casa de Ayixosu, Azonxosu (como vocês falaram em Azon...), casa de Azonxosu que dá vida, filhos, desde tempos antigos, desde os ancestrais. É o que expulsa as coisas más, as doenças do corpo, é esse que protege as pessoas das doenças. Também é o Dan Ayidohwedo, Ayidohwedo que está entre os Toxosus, divindades das águas como Aziri, por exemplo.... Também está nos gêmeos, isso está aqui também em casa. Xeviosso e Legba estão aqui, convivendo com todos eles.

MA Os gêmeos, como é?

AVI Hoxo.

BELDIS O conhecimento não está de um lado só. O conhecimento está aqui, na África, está lá no Brasil, também. Porque quando a gente foi lá, vimos uma casa de vodum, um templo de vodun, e nós quando adentramos as casas sentimos que tem vodun naquele ambiente, efetivamente. Porque os rituais que nós fazemos aqui, quando nós temos algumas escarificações para vodum, quando nós chegamos em algum lugar e tem vodum de verdade, nós temos vibração. Então quando nós chegamos lá, notavelmente, em Salvador e em alguns outros lugares, São Luis, nós sentimos essa vibração. E percebemos, sim, que os nossos parentes que foram levados lá, levaram coisas boas para lá. A língua pode ser diferente. Porque passou muito tempo, algumas maneiras podem ter se modificado, mas a

crença, a religião está em pé. E para isso, a gente agradece a todos. Todos os voduno, todos os hunbonon, todos os vodunsi. Aqueles que são vodunon, hunon e que estão na liderança dos filhos de santos, que estão conduzindo os vodunsi, nós parabenizamos, saudamos a todos aqueles pelo trabalho feito. Vodum está dentro da alma, do espírito, do coração. Vodun, nós mostramos vodun através dos atos. Então se você é destinado a mostrar as coisas de vodum, e não está limpo por dentro, vai ser dono de casa vazia, não detém o Axé neste caso. Nós falamos em fon o seguinte: "A boca que reza, não fala mal de outra pessoa, não amaldiçoa outra pessoa". A mão que se coloca na cabeça de alguém para abençoar alguma pessoa, não pode (sói) fazer Ebó (feitiço), pois quem estiver fazendo isso, não vai ter Axé... O axé vai embora. Quem faz feitiço é outra pessoa. Voduno é outra pessoa. Então, as energias são diferentes. O que nós podemos dizer aqui é que Mawu dono do mundo e os outros voduns, os voduns antigos, os nossos ancestrais, que nos cuidem para que o que nós almejamos ter, que o tenhamos cada um. Se for bom para mim, eu lembro do meu irmão. Se isso for bom para ele, ele lembra de outra pessoa. É por isso que nós falamos em Wologuede, quer dizer, uma cadeia, uma corrente...

MA Wologuede...

BELDIS Porque hoje até vê que vodum nosso, o vodum raíz, tem gente que vê e joga pedra. Às vezes quando observam coisas que nós fazemos com folhas, coisas que eles fazem, de repente jogam por cima do vodum é porque ele não sabe o que é vodum. Vodum é amor, vodum é perdão, vodun é o que se chama paz, vodum é o que se chama avanço, progresso, desenvolvimento pessoal, vodum é o que se chama acordo. Então, as tradições vodun são coisas boas. Então, o que vocês usam lá para dar mais brilho ao culto vodum, é porque tem vários sábios lá, que são zeladores de vodum: juízes, deputados, senadores, grandes diretores de entidades, grandes professores.... Esse progresso, é o Brasil que nos trouxe.... E então o Brasil está nos ensinando aqui. (porque aqui no Benim, aqueles profissionais e políticos não o são No Benim, não chegamos ainda a essa maturação...). Porque a colonização religiosa ainda está nas nossas cabeças. Então, como o Brasil às vezes nós temos como referência...

isso vai levar à nossa união. É aí que a união se torna necessária: que vamos ensinar a cada um uma coisa.

AVI Vocês vão ver que todo mundo é parente. Nós não somos inimigos de ninguém. E nós percebemos que no caminho de vodum, ninguém deve fazer sofrer o outro. Ninguém deve fazer sofrer o outro. Porque quem faz sofrer, sofre no final, o destino organiza tudo. O juiz final vem a propósito. É nessa lógica que nos situamos... É nessa lógica que a gente está trabalhando. É nessa lógica que estamos combatendo para que a vida esteja bem organizada. O verdadeiro ser humano, não queremos que ele sofra nessa vida. É por isso que nós, diante da informação da chegada do nosso irmão, do senhor, e que o professor Sogbossi avisou, desde aquele instante, nós torcemos, e as nossas rezas se concretizaram, para que ele possa realizar uma excelente viagem. E ele realizou com satisfação a dita viagem. Então, muitas bençãos para todos vocês, Axé para vocês.



v. **JANVIER
NOUNAGNON
MAHUNAN,
HOUSSOU OSHÊTURÀ
SEGBOCHEMÈ &
AKOTÈNON DOSSOU
GBÈSSEMIDÉ**

porto novo benim
adeptos do culto de legba
janvier nounagnon mahunan, houssou oshêtura segbochemè
e akotènon dossou gbèsemidé **RESPOSTA R**
entrevista realizada por mourchid moubaraq **PERGUNTA P**
tradução: mônica aduni
outubro de 2020

P Qual a origem da divindade Lègba?
R Lègba e Fa são duas faces de uma mesma moeda: se Fa representa a lei, Lègba encarna a transgressão. Devido à sua posição limiar, ele é simultaneamente um guardião e a causa de todas as derivas, a concentração de todos os maus afetos e pulsões que levam / impulsivam a violar as regras. Lègba é o mais forte de todos os voduns. Ele foge, corre por toda parte, ele sabe de tudo. Colocado sob o signo da astúcia e tendo um pé em cada mundo, Lègba é naturalmente chamado a ser mensageiro dos voduns e especialmente do Oráculo Fa. A língua de prática é Goun.

P Quais são os papéis da divindade Lègba?
R Chamado Lègba ou ainda Eshu pelo Nagôs ou Yorubas, esse mensageiro entre os deuses e os homens é difícil de cercar, definir, como é verdade que a variedade das suas representações e funções guarda várias contradições. A propriedade de Lègba é ser múltiplo e enganoso, tanto como seu nome, nas suas formas, seus atributos, nas suas funções, como no seu mito.

P De onde veio a divindade Lègba?
R Lègba é originário do país Yorubá na Nigéria e chegou ao Benim por Ketou. Ele se apresenta de diferentes formas: To lègba, é o lègba do País; Fa lègba é o lègba pessoal individual e Xwédo é o lègba de casa.

P Quais as suas funções?
R Assim como suas características, as funções de Lègba são múltiplas. Ele é um mensageiro divino, um guardião do patrimônio, uma divindade da fecundidade ou tudo isso ao mesmo tempo. Essa função remonta à criação do mundo. Legba é sempre em primeiro lugar, um mensageiro entre os homens e os voduns, mas também entre os diversos voduns, que entre eles não devem se entender. Ele é o mensageiro privilegiado, porque é o único que compreende tudo, além disso, é um dos raros voduns que possui a confiança dos homens, porque ele defende e em algumas ocasiões toma parte destes contra os deuses. Por isso não podemos começar uma libação e sacrifício a um grande número de voduns sem oferecer primeiro à Lègba, a fim de obter sua participação como mediador e intercessor. Sua ligação íntima com Fa, o vodun da adivinhação, explica seu papel de guardião dos indivíduos, das casas, das cidades, e em consequência,

sua instalação na frente das casas e encruzilhadas, lugares terrivelmente abertos e perigosos, que ele tem a missão de proteger. Ele tem a mesma função sobre os mercados, na frente dos templos. Ele guarda a propriedade, o patrimônio... dos outros, porque ele não possui nada. É assim também no mercado. To-Lègba zela pela boa ordem e impede a intrusão de maus espíritos. Os elementos utilizados e indispensáveis nas cerimônias das libações para a divindade Lègba são: Óleo de dendê (óleo vermelho), inhame, galinha ou frango, feijão vermelho, carneiro, farinha de milho branca, farinha de milho misturada com óleo de dendê, Sodabi (Vinho de palma), Pimenta de Guiné, Pequena Cola (obi), água simples, de poço ou de abastecimento de água (cisterna).

CANTO PARA LÈGBA

por Beldis Avimadjenon.Ouidah, Benim.

Versão original em língua local Tradução livre
transcrição e tradução: hippolyte brice sogbossi

A agbo e e e Ô Legba
E te we mi na wa a a nu we e e
O QUE VAMOS FAZER PARA VOCÊ?
A agbo e e e Ô Legba
Ma xɔ gi bo wa a
VOU COMPRAR ACAÇÁ E VOLTO
O Legba atacó e e e Ô Legba ataxo.
E te we mi na wa a a nu we
O QUE É QUE VAMOS FAZER PARA VOCÊ?
A agbo e e e Ô Legba
Ma xɔ gib o já
VOU COMPRAR ACAÇÁ E CORTÁ-LO EM PEDAÇOS
Oji loso we mi kan
OJI LOSO (OJI OROSUN) É O ODU
Oji loso we mi kan
OJI LOSO (OJI OROSUN) FOI A REVELAÇÃO
bɔ legba nɔ mɔ
E LEGBA COSTUMA VER
a wa do mi ma hu
VENHA PARA MIM PARA TE COLOCAR
Kele kele je e e e
A CONTA DO QUELÊ (COLAR)
O ka kpon bo nu go kpon
SE TODAS AS COISAS ACEITASSEM QUE
Nu ma do kele kele je e
EU TE COLOQUE O QUELÊ (COLAR)
Nu we agbo e e e
A TI, LEGBA

112

113

A wa do nu mi ma hu
VENHA PARA MIM PARA TE COLOCAR
kele kele je
A CONTA DO QUELÊ (COLAR)
O vi fon bo nu
NA PRESENÇA DO DESCENDENTE
Asi fon bo nu
NA PRESENÇA DA ESPOSA
Ma du kele kele je
VOU COLOCAR A CONTA DO QUELÊ
Nu elegba
PARA ELEGBA
A wa do nu mi ma hu
VENHA ME COLOCAR
kele kele je
A CONTA DO QUELÊ (COLAR)

Canto para Legba

Coletividade Dankoli.Savalou, Benim.

versão original em língua local

tradução livre

Nu xisi xisi a nu mi

MANJERICÃO — — PARA MIM

Um ma nyi ama de e e

EU NÃO SOU QUALQUER FOLHA

Um ma nyi ama de e e

EU NÃO SOU QUALQUER FOLHA

Bo nu dan kɔli kpala wa xwe...

QUE DAN KɔLI TROUXE PARA CASA

O xisi xisi nu mi

MANJERICÃO — — PARA MIM

Um ma nyi ama de e e

EU NÃO SOU QUALQUER FOLHA

Um ma nyi ama de e e

EU NÃO SOU QUALQUER FOLHA

Co ni dada de kpala wa xwe

QUE ALGUM REI TROUXE PARA CASA

114

115



VI. **SACERDOTE BALARD
BENOIT, DOUMATHEY
OMONDJOU DJOU,
OGOU ADJAGBONI
& IDJITCHE
OMONKOU**

117

Dassa-Zoumé Benim
Adeptos do culto de Ogu
Sacerdote Balard Benoit, Doumathey Omondjoudjou, Ogu
Adjagboni e Idjitche Omonkou **PERGUNTA P**
Entrevista realizada por Mourchid Moubaracq **RESPOSTA R**
Tradução: Mônica Aduni
7 de outubro de 2021

- P** Qual a origem e definição da divindade Ogou?
- R** É a divindade protetora dos caçadores, dos artesãos e de todas as pessoas que trabalham com o ferro. É o Deus do ferro. Veio de Oyó, na Nigéria, e se instalou nas Colinas Oke Egnite de Dassa pelos nossos antepassados.
- P** Quais são os papéis de Ogou?
- R** Ele é o deus protetor dos caçadores, dá paz e alegria na vida de todos os que lhe solicitam. Ele responde favoravelmente às demandas e desejos positivos de todos os homens e mulheres de todos os horizontes, como todas as outras divindades.
- P** De onde vem Ogou?
- R** Ele veio de Oyo, na Nigéria, com os primeiros migrantes provenientes de Egba e se instalaram em Dassá, ao nível do Palácio Yaka, sobre suas colinas.
- P** Em qual região Ogou se instalou primeiro?
- R** Em Dassa central, sobre a colina de Oké Egnité do Palácio Yaka. Os elementos utilizados e indispensáveis nas cerimônias de libação (comidas): Óleo de dendê, bebida local sodabi (vinho de palma), bode, galinha, farinha de milho.
- P** Quais as vestimentas dos sacerdotes e adeptos de Ogou?
- R** Sacerdote: Camisa branca sem manga, calça, cachecol branco. Adeptos: Vestido oval em tecido branco sem manga, corrente\conta de pérolas vermelhas no pescoço e rabo de animal na mão.
- P** Quais as práticas interditas para adeptos de Ogou?
- R** A gente não rouba, não mente e não tira a mulher de outro.

118

119

CANTO PARA OGOU, POR BELDIS AVIMADJENIN

Ouidah, Benim

versão original em yoruba tradução livre

Ogun yaa yo Ogum

Tren no mo no kpe je kun

O SOLTEIRO NÃO COSTUMA COMER PEJERECUM

Ba um ba un na kpe to

SE INSISTIR EM PROCURAR, ACHAREI.

Ogun kpa meto bo kpa me no

OGUN PARABENIZA O PAI E A MÃE DA GENTE

Ogun ma du nu ku ku

OGUN NÃO COME COISA APODRECIDA

O kpan nya ...

ESTÁ RELAXADO

Ogun, Ogun Ya a yo Ogum, Ogum...

εjeε ka a leε ka arε ...

BOA NOITE, BOM DIA

Ogun coro coro Ogun xoro xoro

εjeε ka a leε ka arε...

BOA NOITE, BOM DIA

Ogun ro co ko Ogum xoro

Ace orica ogun he...

AXÉ ORIXÁ OGUM

Ogun roco bale eje

OGUM: BOA NOITE, BOM DIA.

aco ca ogun de

MAJESTOSO OGUM

Ogun do bale

REVERENCIO OGUM

Aara Iroko

TERRA DE IROKO

Ogum ye ye

LOUVORA OGUM

BIS

A árvore sagrada

por *Gérard Bassalé*

Estamos aqui na cidade de Porto Novo, que também é uma cidade de vodum. Quando se fala em vodum também se fala do Fa (Ifá). O Fa é geralmente apresentado como um oráculo... eu direi que é mais do que um oráculo. O Fa é a linguagem dos voduns, ele comporta 256 signos e cada signo é chamado de Odu. Cada Odu faz referência a receitas, a prescrições a oferendas e sacrifícios votivos aos voduns. Eu vou lhes falar de uma lenda do signo de Fa, do Odu chamado Jògbè que conta sobre a origem do mundo e a importância das árvores, dos vegetais no universo. Foi uma vez, no início, na origem do mundo, o céu e a terra eram marido e mulher. O céu era o esposo, a terra, a esposa. Eles viviam em perfeita harmonia. O céu e a terra eram tão próximos, íntimos como uma panela e sua tampa. Eles tinham como descendentes os homens, os vegetais, os animais... e tudo acontecia da melhor maneira possível. Mas os mais recalcitrantes de todos os seus descendentes eram os homens: cortavam as árvores para confeccionar móveis, para fazer fogo, para cozinhar, e o pior era que eles eram muito curiosos. Eles queriam saber o que havia por trás, por cima do seu pai, o céu. Então eles começaram a confeccionar pilões e morteiros, e contavam eles ao seu pai, que a razão por trás de tudo isso, era que eles queriam moer cereais. Curiosamente, os pilões se agigantavam a cada dia. E o céu a cada dia, subia um grande passo de tal sorte que, zangado, o céu se retirou tão longe quanto está hoje, deixando com a mãe terra os seus descendentes. Ela tinha muita dificuldade para educar e criar os próprios filhos então ela começou a suplicar o marido para

120

121

que este voltasse atrás. Mas uma decisão divina é perfeita e o céu não podia voltar atrás. O tempo passou e a mãe terra continuava suplicando ao marido, das suas súplicas nasceram as primeiras rezas do Vodum. Mas o céu mantinha sua decisão já tomada.

Com o passar do tempo, a vida começou a desaparecer da terra: as plantas morreram, os animais morreram, nenhuma vida continuou sobre a terra. Fazia calor, tanto calor, que a terra começou a se esquartejar. E ela continuava suplicando ao seu marido. Face a essa triste situação, o céu começou a lamentar a sua decisão. Começou a chorar e suas lágrimas deram origem aos ciclos sazonais. As lágrimas entraram nas profundezas da terra e a terra gozou. O primeiro germe que brotou, foi o Hissopo (em Yoruba, é chamada de Ewé Akoko, a primeira planta, entre nós os Gun, é chamado de *huntin* ou *desretin*), a árvore mais sagrada da tradição vodum. Ele cresce em largura. Em qualquer lugar onde você tem uma divindade vodum, você tem essa árvore plantada ao lado. Ele marca a presença do vodum num determinado lugar. Cada objeto que se deve usar no convento, seja a faca, o prato, o copo, todos esses objetos de uso ritual devem ser purificados com a folha de Hissopo, então é uma árvore de purificação. Na ocasião de uma cerimônia religiosa, o sacerdote macera as folhas de Hissopo para aspergir nos participantes, para abençoar os participantes. Porque o vodum é sagrado e puro. E o Hissopo é a árvore da purificação.

Depois do Hissopo existem outras árvores como o Iroko, etc. Depois, os animais e os homens que chegaram em última posição. E o céu falou para os homens: eu sei que vocês sempre serão teimosos, mas nunca os abandonarei. O céu pede que eles olhem o horizonte. Os homens olham e observam um arco íris, um magnífico arco íris. E o céu lhes disse: essa é a marca da nossa aliança... Cada vez que vocês estão em dificuldades, olhem para o horizonte. Se o arco íris aparece, é que estou sempre presente entre vocês, estou longe, mas estou presente no meio de vocês. É a partir desse momento que o arco íris virou vodum que a gente chama Aido Hwedo, o vodum da riqueza, o vodum que simboliza a eternidade, o infinito, que é ao mesmo tempo a marca, a aliança entre o pai, o céu e os seus filhos, os humanos. PORTO NOVO, 19 DE DEZEMBRO DE 2022.



VII. **GANFON**
GBAGUIDI XV

123

Savalu Benim
Adeptos do culto de Avleketé e Nanã-Blokou
Dada Ganfon Gbaguidi XV **DA**
Entrevista realizada por Mourchid Moubaracq **MM**
Tradução: Mônica Aduni
15 de outubro de 2021

DA Avleketé é o nome dado a uma parte da cidade lacustre na região do Mono até o Togo, dentro do Togo é Adjatado. Avleketé é uma divindade vinda do mar, o oceano. É a primeira onda, a pequena primeira onda que vem ver a grande onda e se chama Abgé. Agbé é o mar ou o oceano. A pequena onda é representada por Avleketé e a grande onda é representada por Agbé. Agbé Tá... Agbé quer dizer 'O Oceano'. Essas divindades foram trazidas aqui para Savalou por pessoas próximas do rei. Quando ele veio disse: "Eu trouxe essa divindade para a minha proteção". Mas como o vodun não é para uma pessoa só, a gente dá ao Rei e ele comanda. Todas essas divindades são representadas por Dada Ba Gedji. Há divindades que ele mesmo trouxe, mas há divindades que os indivíduos trouxeram e confiaram ao rei. E desde esse tempo, essa linhagem é adepta desse vodun. Eles não trouxeram e descartaram, não. Por exemplo, o vodun Avleketé tem uma linhagem que o trouxe e são adeptos até hoje. Essa pessoa que o trouxe, seus descendentes são adeptos de Avleketé. Agbe Ta Oio: o Oceano, o Mar, Avleketé. Essa divindade é marcada por sua posição. Ela é a primeira a sair do convento (templo/quarto de recolhimento) nas cerimônias de dança. Ela é a primeira e quando ela dança, sua dança é particular. A dança frisa uma dança acompanhada de clímax e de gestos formidáveis. A adepta de Avleketé dança gemendo como uma mulher que está fazendo amor. Ela dança e ela imita tudo que ela vê ao lado. Ela ama dançar com os espectadores, ela faz gestos. Ela imita os espectadores e ela dança forçando as pessoas a dançarem com ela. É uma animadora e é diretora de espetáculo, ela faz rir, faz movimentar a população, a enlouquece. Então ela tem o jogo de cerimônia como a Blokoussi. A Blokoussi e a Avleketessi têm o mesmo dia para oferecer os sacrifícios às suas divindades. A 6ª feira a gente não mata para essas divindades. E no dia do Mercado de Savalou a gente também não mata. O Tam tam de Avleketé é o Globahun ou o Akpa l'egun. Principalmente o Akpa L'Egun. É isso que a gente também chama o Atchaguedé. Então ela também tem um tam tam em comum com a Bloukoussi. É assim. Suas roupas/vestimentas e seus adereços não têm cor específica. Ela veste o que ela pode vestir, com diferentes tecidos amarrados ao redor no quadril, como a Bloukoussi, mas a diferença é que ela não

124

tem nada na mão, exceto se ela tem uma câmera fotográfica, um cameramen, um guarda-chuva, um balão, ela joga, ela excita a população, ela excita os homens dançando. Mas ela não tem cores, salvo a Bloukoussi, que sua cor é vermelha ou rosa puro. Obrigado.

MM

E a divindade Blokou?

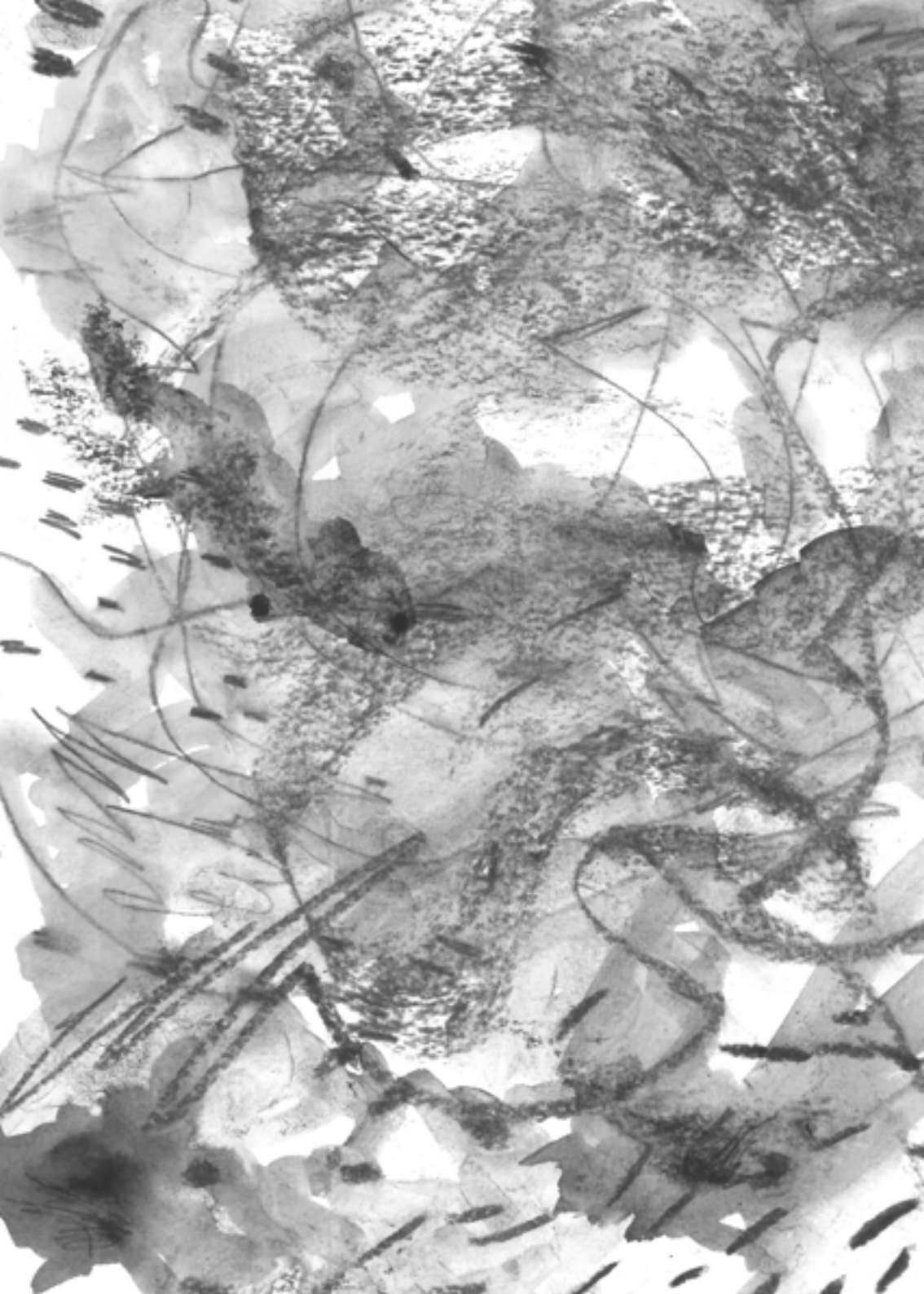
DA

Então, você sabe que os avós/mais velhos/antepassados levaram muitas divindades com eles. A divindade Bloukou, eu gostaria de dizer ainda agora, representa uma mãe com muitos filhos. Para lhe oferecer qualquer coisa, a gente oferece um carneiro, bó agbo, que à propósito é o único animal macho que a gente pode fazer um sacrifício para essa divindade. À parte este, somente um bode, uma vaca ou uma galinha. A gente não mata um boi. Uma vaca, um bode ou uma galinha. Como bebida, temos o Gym royal, não o Gym branco. E bebida doce — physi ou coca-cola. E qualquer comida. Mas sem pimenta. Suas cerimônias se fazem, segunda, terça, quarta, quinta, sábado e domingo. Então, na sexta-feira a gente não faz sacrifício para ela, as sextas-feiras são interditas. E também o dia seguinte do dia da festa do Mercado de Savalou. Eu falo do nosso mercado de Savalou, Chavri. A divindade Bloukou é uma divindade que faz muito bem às pessoas que a pedem "me dê isso, me dê aquilo", ela dá muitas coisas, é uma divindade que faz muitas coisas boas. Do lado dos adeptos que dançam, que são adeptos do vodun Bloukou, se a vodunsi quer ir dançar, ela é a última a sair de casa porque ela deixa seus filhos saírem antes, o Agbé, o Kleviososi, o Aguessi, a Avleketé, então ela é a última, e a última a voltar pra casa também, porque deixa seus filhos entrarem na frente. Agora eu vou lhes ensinar uma coisa: a divindade Bloukou é a última a sair do templo e a última a entrar, mas a Avleketé é a primeira a sair e a entrar. Compreendem agora a diferença que existe entre Avleketé e Bloukou.

Bloukou, a divindade mãe, quer dizer que é a divindade que é mãe de divindade em Savalou. A chamamos Non Fi Ge Ge Non, Non Fi Ge Ge Non, a mamãe de muitos filhos. Então Bloukou é uma divindade mãe. Nanã Bloukou é a adepta da divindade Bloukou. Ela é também chamada Bloukoussi. Bloukou Ga é a sacerdotisa da Divindade Bloukou, ou a responsável que se ocupa da divindade Bloukou que a gente chama Bloukou Ga. Agora, a divindade Bloukou é a divindade mãe de todas

125

as divindades. A Bloukoussi ou a adepra do vodun Blokou se identifica por segurar uma vassoura vermelha com búzios na mão esquerda, e seu ritmo de dança é o Tchagedé ou Djagedé e Akpalegun, são dois pequenos tambores que a gente toca na mão, a gente não toca com varetas de madeira. Sua cor é vermelha ou rosa. Sua mão pintada de vermelho, seu pé também. As pérolas que estão no seu pescoço são também vermelhas e ela se desloca dançando como uma rainha. Sua origem é a comunidade de Djagbalô que se encontra na Comuna de Banté, nas colinas. É uma divindade dos nagôs. Ela se encontra um pouco por todo o território beninense e no Haiti e sua presença em outros lugares é talvez alguém para quem ela fez bem e a pessoa a cultua para sua família, se é um rei a pega para proteger seu povo. Sem esquecer nossos antepassados, os escravos que foram deportados levaram Bloukou também e há Bloukou por aí, um pouco por todo o Mundo. Bloukou — a divindade mãe, quer dizer que é a divindade que é a mãe das divindades em Savalou. Nós chamamos Non Fi dje dje non, Non fi dje dje Non, a mãe de vários filhos.



VIII. **BABA
AGUE-NON
GOUDOU
KPODO
GBEHOU
GBAN**

abomey benim
sacerdote chefe do culto de segbo-lissà
baba ague-non goudou kpodo gbehou gban **BA**
entrevista realizada por mourchid moubaracq **MM**
tradução: mônica aduni
15 de outubro de 2021

- MM** Quem é Segbo-Lissa?
- BA** Segbo-Lissa são duas divindades em uma: Sè-lissa e Sè-Mavou. Sè-Lissa é masculino e Sè-Mavou é feminino, os dois formam uma entidade chamada Sègbo-Lissa, que significa Deus único ou o criador do universo, ele é o pai de todas as divindades e seu primeiro filho é Agùè ou Vodun Sagbata.
- MM** Quais são os papéis de Sè-Lissa e Sè-Mawou?
- BA** Sè-Lissa e Sè-Mawou, são um casal que desempenham papéis diferentes, mas vivem sempre juntos. Sè-Lissa é responsável por iluminar o universo e trazer o que for necessário, já Sè-Mawou permite a aparição do dia, e é o mestre do sol, comanda a noite, e é por isso que suas representações estão sempre nos acessórios de cores pretas. Seu apelido é Nan-Nan Bloukou.
- MM** Entre Sè-Lissa e Sè-Mawou quem ocupa o primeiro lugar como divindade?
- BA** Sè-Lissa é maior que Sè-Mawou e ocupa a primeira posição. Foi a rainha mãe Houandjilé que trouxe Sègbo-Lissa ao Dahomey, aproximadamente em 1711, sob o reinado do rei Agadja. O primeiro filho da rainha mãe se chama Goudou e é com ele que estamos atualmente.
- MM** Onde o Vodun Segbo-Lissa foi venerado primeiro?
- BA** Abomey foi a primeira cidade que acolheu todas as divindades, com exceção de Mami-Wata. E foram os reis quem as instalaram.

130

131

Ouidah é um território conquistado pelo Abomey sob o reinado do Rei Agadja a fim de ter acesso à costa. Diante desta realidade algumas famílias reais e divindades foram deslocadas para morar em Ouidah, pois isso permitiria à família servir sem ter que se deslocar. Abomey é a raiz do Vodun no Benim, e é o rei do Abomey que coroa os chefes Voduns de Ouidah até hoje.

- MM** Qual o conselho que o senhor pode dar às pessoas que vão ler essa entrevista?
- BA** Vodun é um nome atribuído aos cultos, mas que simboliza a paz, a prosperidade e a felicidade do universo. Seus poderes são invisíveis, mas agem muito eficaz e positivamente. Vodun é Deus! Se constatamos muitos segredos na prática, é porque o Vodun demanda respeito às suas regras. Respeitemos então o Universo.



ATO 3

A VIRTUDE FEMININA

133

Penso que Nações do Candomblé pensou na gente e começou a fazer da gente aquilo que ele queria, para que nós retratássemos o que a gente via como Nações do Candomblé.

Mateus Aleluia

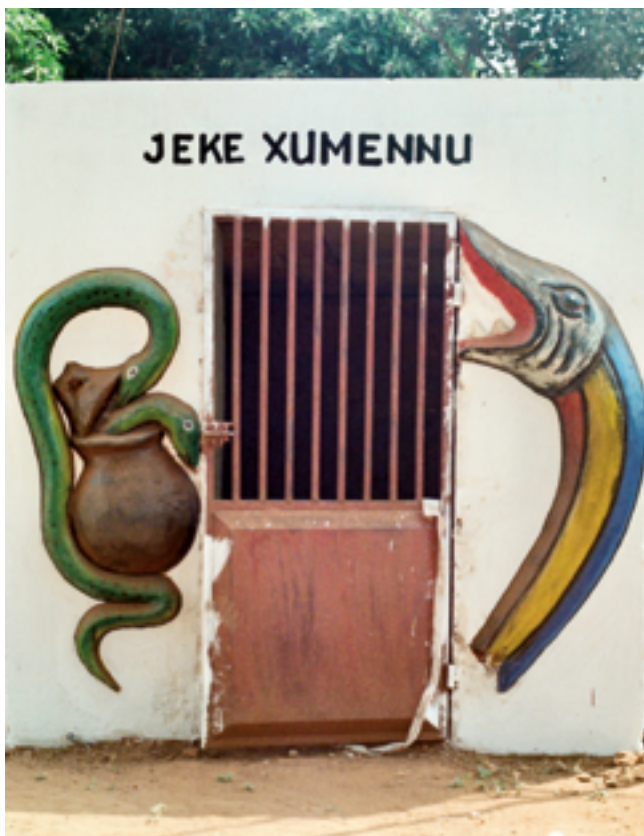




Detalhe Vodun, Culto de Sakpatá, Ouidah/ por Tadeu Mascarenhas



Detalhe, Floresta sagrada, Ouidah/ por Tadeu Mascarenhas



Detalhe assentamento Jeke Xumennu, Abomey/ por Tadeu Mascarenhas

140

141



Desiree, Floresta Sagrada, Ouidah/ por Tenille Bezerra



Floresta Sagrada, Ouidah/ por Tadeu Mascarenhas



IX. **KPASSÈNON
DÉSIRÉ**

145

oidah benim
família real kpassè
kpassènon désiré **KD**
entrevista realizada por tenille bezerra **TB**
intérprete: hippolyte brice sogbossi
dezembro de 2022

KD Eu me chamo Kpassènon Désiré. Eu nasci numa família real e moro em Ouidah. Diz-se que Kpassè é o fundador da cidade de Ouidah e eu faço parte da sua dinastia. Eu sou descendente do vodum. Eu não nasci só numa família. O meu pai que foi o rei de Ouidah, chefe (sacerdote maior) do vodum, eu nasci nesse contexto. Eu aprendi sobre vodum, eu tenho conhecimentos do vodum. Eu estou orgulhoso da minha tradição Vodum. O vodum é uma religião que eu amo muito. Vodum é uma religião que faz bem. Vodum, eu amo Vodum, estou no Vodum. Eu amo tudo isso. É a natureza em si. Quando se fala do vodum, é da natureza que se fala. Falar em vodum sem falar em natureza, nas plantas, na água, nos ventos, não. Vodum mesmo está instalado dentro desses objetos e fenômenos da natureza; nas árvores, nos ventos, na terra, sobre a água. Isso é Vodum. E quando você andar descalço, sentirá a energia do vodum. É isso....

TB Você pode falar um pouco de vodum Dangbé?

KD Vodum Dangbé faz parte da minha tradição. É um deus que nós adoramos. Nós os de Ouidah, os Xwedah, veneramos o píton, Dangbé, a serpente real. O píton real é um píton que faz bem, que dá a riqueza, a felicidade, a longevidade, a vida. O píton é isso. Desde a época dos nossos ancestrais que adoravam vodum, nunca assumiram o seguinte: Dangbé não é bom, não! É uma verdade, é algo que nós continuamos. E nós nascemos nisso e começamos a seguir os passos dos nossos avôs, é algo que exige que seja visto como uma coisa boa, que a adoração de Dangbé não pode ser perdida.

TB Pode você interpretar uma canção de Dangbé?

KD É o meu irmão mais velho que conhece a canção de Dangbé, é ele quem conhece como se implora Dangbé, como quando Dangbé está andando, quais cânticos interpretar para ele, para que vá contente. Ele domina bem mais isso do que eu... Mas tem canções que vêm do píton que são chamadas Zandró, e Zandró é para os Xwedah.

TB Nós ouvimos que lá no Brasil tem o Zandró. Se você puder falar de Zandró, seria bom.

KD Zandró não é uma só canção, é um repertório com muitas canções.

*Kpo wè mi na no
Akpavonu zanfon vilè
Kpo wè mi na no bodo jala do ee*

*Hun mo no gbele hunon de hwenu
ahohooo
Tonon mo no gblé Humno no gblé
ahohooo
Kpowè mina nõ
Kpowè mi na no
Bo do jala dóoo.
Kpo wè mi na no
Huno cè mè jè vi lè..."*

Essa é uma cantiga de Dangbé. Isso quer dizer que um dignitário vodum não vai estar aí, e vodum perde o seu nome naquele momento. Ele vai fazer de tudo para renová-lo, que não pode perder o seu nome, vodum. É um pouco da tradução da canção que diz:

*"To no mo no gbele
Tonon de hwenu ahoouo
Kpowè..."*

Dangbé Tonon. É Dangbé da cidade, dangbé da população. É isso.



x. **DINASTIA
LIGAN**

149

porto novo benim
adeptos do culto de dangbé
dinastia ligan

Sacerdotisa **MAMA**

SacerdotE **PAPA**

entrevista realizada por mourchid moubaracq **MM**

tradução: mônica aduni

outubro de 2020

MAMA Boa tarde Senhor Moubaracq, eu respondo em nome da família Ligan. No âmbito do projeto, nós lhe damos um grande valor, porque para nós, nossos pais nos deram essa herança e nós temos como missão. Implementar tudo para perpetuar esses atos e transmitir fielmente às novas gerações.

PAPA Eu respondo em nome de Félix Ahougi Didan! Se já lhe falaram, ele é o bebê que nasceu enquanto seu pai está no trono. E fui nomeado secretário da coletividade, da dinastia Ligan.

MM Obrigada. Minha primeira pergunta é a seguinte. Quando vocês se apresentaram, vocês falaram da família Ligan. Qual é a relação ou qual o papel da família Ligan para a divindade Dangbé?

PAPA Nós não podemos falar da relação entre a serpente mística Dangbe e Porto Novo. Não podemos falar sobre isso aqui em Porto Novo, sem falar do Rei Teraban, foi graças a ele que os Ligan chegaram em Porto Novo.

MM Pergunto também à mamãe.

MAMA Seu nome evoca o nascimento de uma criança quando seu pai estava no trono. Então ele é a pessoa mais indicada, mais do que eu para dar todas as informações. Obrigada.

MM Muito obrigada. Então, podemos falar um pouco da divindade Dangbé?

PAPA A divindade Dangbé chegou em Porto Novo, no momento do reinado de Terabani. No momento em que ele estava em Porto Novo e foi confrontado a pequenas guerras, e isso fez com que seus conselheiros lhes dessem o conselho, que ele seguiu em seu tempo, de pedir a ajuda da serpente mística, de Adja Tado para Porto Novo. Então a serpente chegou a Porto Novo para a segurança de Terabani e de todos os reis que o sucederam.

MM O que significa Dangbé?

PAPA Dangbé tem sua origem a Adja Tado, é Li, Adja Tado. E os sacerdotes de Dangbe estão em Adja Tado, nós lhe chamamos de LIGAN e por essa razão carregamos o nome Ligan. A prova direta de que nós que estamos aqui, somos os sacerdotes da Serpente Mística DANGBE.

MM Qual é a diferença entre Dangbe e a divindade Dan?

PAPA Quando dizemos DAN, existem vários tipos de Dan. Dangbé é separado

150

151

de outras divindades Dan. Dangbé é francamente uma serpente mística que se diferencia de várias formas. Na natureza nós temos dois tipos de Dangbé, Esse que nós conhecemos e do qual nós somos sacerdotes é de tamanho pequeno e ele faz tudo o que lhe pedimos.

MM Muito obrigada. Se eu perguntei a diferença entre a divindade Dangbé e a divindade Dan, é para obter mais esclarecimentos. Porque hoje nós temos os templos onde colocamos Dangbe e os templos onde colocamos Dan. A questão que eu me coloquei é qual o nome francês de Dan e de Dangbe?

PAPA O que nos concerne é que Dange é Piton. E Píton é o seu nome em francês.

MM É esse que eles chamam Aido Wedo?

PAPA Aido Wedo não é esse aqui.

MM Entre a divindade Dan, a divindade Dangbe em Porto Novo e a divindade Dange em Ouidah há uma diferença?

PAPA Certamente. Tem uma diferença: esse que as pessoas têm em Ouidah é parecido com o que temos em Akomé, mas aqui para nós ele difere, lá é longo, aqui é curto.

MM A origem da divindade Dangbé do Templo Real daqui de Porto Novo, e a do Templo Real Piton de Ouidah é a mesma?

PAPA Não saberemos dizer! Não podemos falar do que não sabemos, e não dominamos muito o que acontece lá.

MM Como se manifestam os adeptos de Dangbé? A divindade Dangbé encarna nas pessoas como se passa com as outras pessoas, quando entram em transe?

PAPA Podemos dizer, para falar do transe da divindade Dangbé, o transe aqui não é como o transe das outras divindades. Porque aqui, ao que concerne a Dangbe, temos os Lali, os Caheto, e além disso temos os iniciados. Quando falamos de Lali e Caheto são unicamente as mulheres, e os iniciados são os homens. E esses homens entram no templo. As mulheres não entram no quarto, elas estão lá para ajudar, ajudar os iniciados que são de certa forma, uma parte do poder do Mitó.

MM O senhor falou dos Caheto e dos Lali? Lali quer dizer, Caheto quer dizer?

PAPA Caheto ajuda o rei na sua chegada e na sua partida. O Lali quando tem os oráculos, está lá para ajudar o Mitó para a aceleração das coisas. É isso.

MM Então, para ser Lali, a pessoa que faz a função de Lali deve ter o conhecimento no domínio Ifa?

PAPA Não, não é necessariamente ter o conhecimento. O Mitó é o único habilitado enviado para esse tipo de coisa. Ela pode não ser a única, mas ela deve estar lá de toda maneira.

MM Então, querida Mama, eu queria fazer a pergunta para você também.

MAMA Sobre o responsável, esse que manipula, esse que tem as prerrogativas para estar em contato direto é necessariamente um homem, um homem iniciado, que está em contato direto com o fetiche. Todas as mulheres, sejam Lali ou Caheto, estão lá somente para ajudar. É o homem que está em contato direto com o fetiche, a divindade para a sua manifestação, sua saída, sua entrada no templo, é somente um homem. Uma mulher não pode integrar o templo.

MM Obrigado. Como se vestem os adeptos de Dangbe, na manifestação na cerimônia. Eles se vestem como nós ou eles têm cores, colares ou roupas preferenciais que se destacam?

PAPA No que concerne a vestimenta dos adeptos de Dangbe, o tecido amarrado até o peito, a palha, certamente, que nós chamamos AGNON, e os colares que colocam sobre a cabeça. Acredito que é isso. E tem algumas coisas, nessas circunstâncias, tem uma coisa que as Lali utilizam mais, para ficarem belas.

MM Então se eu compreendo bem, não tem cor preferencial. Na cerimônia os homens e as mulheres podem se vestir da cor que preferirem?

PAPA Não, principalmente as mulheres que são as primeiras a serem vistas, elas usam um tecido que chamamos adilé. O adilé é esse sobretudo, é o adavó.

MAMA É artesanal.

PAPA Sim, é artesanal. O tecido branco é o que elas mais têm o hábito de usar.

MM O adilé, que seja, ou outra, são tecidos de valor que são em multicolor. Qual é a cor da preferência delas?

152

153

PAPA O preto e o azul franceses.

MM Então é a cor índigo, o adilé, que elas vestem para a cerimônia e além disso elas vestem os tecidos brancos, em matéria de colares, tudo que é belo, de todas as cores?

PAPA Sim. porque quando falamos do Agnon, é multicolor.

MAMA A entrada ao templo é subordinada à retirada dos sapatos, logo depois, em frente às escadas, pés nus e cabeça descoberta, então se retira os sapatos e o chapéu para entrar no templo. Todos que sejam os adeptos ou os convidados são conforme essa apresentação, pés nus e cabeça descoberta.

MM Quais são os alimentos que damos a divindade Dangbe e os alimentos interditos?

PAPA Os alimentos que nossa divindade come é atavi, ahoi, banana, farinha de milho e óleo de dendê. Fora isso tudo, isso é para a hora da reza.

MM Como se chama a reza de entrada?

PAPA Dehiho. Para a reza de entrada Dehiho Agodido Adofifon (Nome da reza de entrada), os ingredientes que Dangbe come são ata avi, ahoi, ibucocue, amivé, badonifi. Quando a gente deixa esse momento, a gente entra no contexto da cerimônia.

MM Oli, é o branco ou vermelho?

PAPA O vermelho.

MM O que é importante na comida da divindade Dangbé?

PAPA O que é mais importante é a galinha d'angola. Depois, podemos ter a galinha, o frango, mas o mais importante é a galinha d'angola e a farinha de milho. Os dois são importantes.

MM O que eu gostaria de saber, o sal entra na comida?

PAPA No que concerne à comida, o sal não entra, o sal não entra no que vamos dar à divindade. Seja na farinha ou no que for.

MM Quais são os alimentos proibidos para a divindade?

PAPA O alimento que é rigorosamente proibido para nossa divindade é o peixe preto Assun e o porco.

MM Sobre as bebidas, têm divindades que levam água e só tomam a água do dia, a que pegamos lá na hora. Para Dangbe é a mesma coisa?

PAPA Só utilizamos a água da fonte.

MM Qual é o dia escolhido para a divindade Dangbé?

PAPA É o dia do mercado Adjarra. E se festeja todos os cinco dias.

MM Isso me remete diretamente aos nossos irmãos do outro lado, eles não têm o dia do mercado lá. E lá eles são também adeptos de Dangbé. Qual dia eles podem escolher para a cerimônia? Como eles poderiam fazer?

PAPA É muito simples. Atualmente, o digital é muito avançado, não há mais problemas para isso, por exemplo, aqui no Benim nós temos calendários nos quais temos o dia do mercado. Isso pode ajudá-los, é muito rápido. Eles vão tentar ter esses calendários e acompanhar o dia do mercado.

MM Obrigada, Mama! O que a senhora gostaria de acrescentar a tudo que foi dito?

MAMA Eu vos agradeço. E que todo o acordo para a transmissão de tudo que nós recebemos dos nossos ancestrais. A fim de poder estar em conformidade com o que foi estabelecido pelos nossos ancestrais, que nós só podemos saudar a iniciativa e querer de agora em diante que todo o vínculo entre nós no campo cultural e cultural, nos permita avançar, talvez não na mesma direção, mas de poder continuar a saudar a memória de nossos ancestrais através das diferentes divindades que eles nos deixaram.

MM A última questão que eu gostaria de lhes colocar. Se um de nossos irmãos, seja no Brasil, na Martinica ou no Haiti, quiser se tornar adepto de Dangbé, qual é o procedimento e como isso pode ser feito?

PAPA Tornar-se adepto e tornar-se um iniciado são duas coisas diferentes. Todo mundo pode ser iniciado, mas o adepto é o oráculo que decide quem será.

MM E os iniciados?

PAPA Os iniciados não. No que nos concerne, os iniciados, uma família que está no círculo da divindade, qualquer menino, aqui é para os homens, se as pessoas virem seu comportamento, seu comportamento sobretudo e ele mesmo se ver interessado na coisa, ele pede, a gente observa a gente faz uma análise sobre ele. Iniciar quer dizer, levá-lo lá, fazer o que tiver que fazer e pronto. No momento lá, ele vai entrar como o sacerdote, ele pode fazer rezas como o sacerdote, e de tempos em tempos ele estará lá com o sacerdote.

154

155

MAMA Ele tem a obrigação de respeitar, de ter uma conduta daqui por diante, a partir do momento que ele é, digamos, a pessoa indicada pelas invocações para estar em contato com a divindade, tem restrições e ele deverá ter dali por diante linhas de conduta que lhe permitem estar em conformidade com as prescrições.

PAPA E, sobretudo, ainda, ele não será amigo do cigarro nem do álcool.

MM Se eu colocar a questão, é porque, por exemplo, no Brasil homem ou mulher são adeptos da divindade Dangbé, homem ou mulher talvez sejam iniciados. No Brasil, se nós falamos de divindade atualmente, praticamente todas as divindades têm sacerdotes e sacerdotisas. Na realidade, há divindades que deveriam ter somente sacerdotes e divindades que deveriam ter somente sacerdotisas. Essa maneira de fazer respeitar a ordem normal prescrita pelo Ifá, que é o mestre de todas as coisas? Atualmente se pode iniciar uma mulher para a divindade Dangbé?

PAPA Bom, antes eu havia falado dos Caheto. As sacerdotisas das quais você falou no âmbito do Brasil, nós consideramos aqui como Caheto. Le Caheto estão lá para ajudar o Mitó, mas não entram dentro.

MM O que quer dizer, em conclusão, nós os podemos chamar de sacerdotisas.

PAPA Mas não temos a obrigação de iniciá-las.

MM Então elas estão lá para ajudar o sacerdote, mas quem pode entrar no templo para iniciar e fazer sair a divindade deve ser um homem.

MAMA Um homem.

PAPA É isso. E os iniciados e os caheto não possuem a mesma formação. Caheto está lá, acompanham a chegada e a partida do sacerdote. Estão lá para executar quando o sacerdote lhe demanda qualquer coisa rapidamente. Quando o sacerdote precisa de qualquer coisa no interior, o iniciado pode entrar para pegar. Veja que são duas coisas diferentes. Nós não sabemos como os outros começaram, e atualmente pedir para mudar seria muito difícil.

MM Agora gostaria de lhes pedir o que os senhores têm a dizer como mensagem para nossos irmãos do outro lado.

PAPA Como mensagem para os nossos irmãos e as nossas irmãs do Brasil, estamos felizes de fazer parte desse grande projeto que nos conecta, brasileiros e beninenses, seguindo nossa divindade, Dangbé. É um fetiche réptil místico que faz milagres, quando nós sabemos lhe acolher e lhe manejar, tudo que há de bom dentro, cada um encontrará e viverá.

MAMA Por mim é um real prazer. De ver os brasileiros retornarem às suas raízes e atualmente longe de suas raízes certas, mas eles guardaram o cordão umbilical que lhes liga a tudo que nossos ancestrais lhes deixaram e legaram. Que eles venham reencontrar as fontes do que eles fazem atualmente no âmbito das invocações em relação à divindade, para nós isso é essencial e importante. Nós os esperamos com calor, para que esse abraço cultural daqui por diante seja uma ponte entre eles e nós, e lhes permitam retornar às suas raízes e origens com fidelidade para a alegria de todos nós.

156

157

ESTRIBILHO

Kpɔ daagba e lo
A PANTERA ESTÁ ISOLADA

versão original em língua local tradução livre

O gbe kpɔ die dagba e
EIS A PANTERA DO MATO, ISOLADA
kuxɔsu kuxɔsu
(FAMÍLIA DE SAKPATA)
kpo daagba e loo
A PANTERA ESTÁ ISOLADA
o gbe kpɔ die d'agba e
EIS A PANTERA DO MATO, ISOLADA
ku la ze
A MORTE VAI LEVÁ-LA
Kpɔ we daagba e
A PANTERA ESTÁ ISOLADA
Nu zin o ma so
PARA QUE O MACACO NÃO
ɖegbe ɖatin ɔ ji o
DÊ MAIS ORDEM ACIMA DA ÁRVORE
kpo we daagba
A PANTERA ESTÁ ISOLADA
lan kpevi ɖe ma so ɖe (gbe)
NENHUMA PRESA PODERÁ DAR ORDEM
gbexɔsu ɖaxo we ɖagba
O REI CAÇADOR ESTÁ ISOLADO

kanlin ɖe ma so ɖagba

NENHUM ANIMAL PODERÁ ASSIM DAR ORDEM

kpo we ɖaagba e lo

A PANTERA ESTÁ ISOLADA

axisi axisi we ɖo le

O MANJERICÃO DISSE (BIS)

mi ma nyi ama de e lo

NÃO SOMOS QUALQUER FOLHA (BIS)

ama de we mi le nyi bo ɖo

SOMOS UM TIPO DE FOLHA EXISTENTE ANTES DA CHEGADA

mexo le ɖo ni wa do ye

DOS ANCESTRAIS COMO DONOS DE NÓS.



XI. **AGBOGOLO
KUBIA**

161

Dassa Zoumé Benim
Adepto do culto de Sakpatá (Aira em Idatcha e Heviosso em Fon)
Agbogolo Koubia RESPOSTA **R**
Entrevista realizada por Mourchid Moubaracq PERGUNTA **P**
Tradução: Mônica Aduni
27 de outubro de 2021

- P** Origem e definição de Saktapa
- R** É a divindade mãe de todas as divindades (como Deus), situada aos pés das colinas no centro de Fragba Dassa e cultuado há muitos séculos de gerações em gerações até a atualidade. Ele saiu da terra e ninguém nunca soube de que ele é constituído.
- P** Origem e definição de Aira / Heviosso
- R** É uma divindade vinculada a Sakpata, da mesma origem portanto. Ela é vista, percebida como a parte dura ou violenta de Sakpata, por sua velocidade e sua força de execução.
- P** Quais são os papéis de Sakpata?
- R** Ela dá a paz na vida de todos que a solicitam. Ela responde favoravelmente às demandas e desejos positivos de todos, homens e mulheres de todos os horizontes.
- P** Quais são os papéis de Aira / Heviosso?
- R** Ele pune maus atos, ajuda a encontrar um autor de assalto/roubo ou de atos repreensíveis. Aira / Heviosso é como o oposto de Sakpata, que só faz o bem, calma e passiva. Ele é um dos braços de Sakpata, que age, realiza rapidamente e com força as tarefas que lhe são atribuídas.
- P** De onde vem Sakpata?
- R** Ele saiu das entranhas da terra e se estabeleceu em Fragba, em Dassa centro. Heviosso tem a mesma origem de Sakpata.

162

163

- P** Em qual região Sakpata se instalou primeiramente?
- R** Em Dassa centro, no sítio Fragba. Heviosso estando junto com Sakpata, também se instalou primeiramente em Fragba. Os elementos utilizados e indispensáveis nas cerimônias de libação (dar de comer). Sakpata: óleo de dendê, bebida local Sodabi (vinho de palma), pimenta da Guiné, coca cola, água simples. Aira / Heviosso: mesmas coisas que para Sakpata, e mais galinha branca e carneiro.
- P** Vestimentas dos adeptos e do sacerdote (côres)
- R** Sacerdote: Camisa branca sem manga, calça, cachecol branco. Adeptos Sakpata: Conjunto de vestido oval branco, manga longa, com a borda rendada em amarelo. Adeptos Heviosso: mesma roupa, mas sem manga.
- P** Elementos interditos:
- R** Sakpata: Carneiro e ovelha, bode, galinha d'angola, pimenta vermelha ou verde, agbarin, èffo (legume de flor branca da culinária dos Idaasha). Aira / Heviosso: Porco e ouriço, jacaré, hipopótamo, algumas frutas da savana

CANTO PARA HEVIOSSO

coletividade Mitchai.Abomey, Benim

O zen do zen

ALGUMA PANELA DE SOGBO

ḡe ma a ḡo

NUNCA DISSE

mi yi ba tɔ wu ḡe

QUE BUSQUEM ALGUMA FONTE (RIO)

baada go sogbo zen

GARRAFA DE SOGBO

ḡe ma a ḡu

NUNCA RECOMENDOU

mi yi ba tɔ wu de e e e

QUE FOSSEM BUSCAR ALGUMA FONTE (RIO)

ye kpele na ba zo zen e e e

SE REUNIRAM PARA BUSCAR A PANELA DO FOGO

bo na do ḡa nyi nu

PARA PODER FAZER COMIDA

hun nɔ ji Micai zen

A PANELA DO SACERDOTE MICHAI

ḡe ma ḡo mi yi ba

NUNCA DISSE QUE FOSSEMOS BUSCAR

tɔ wu ḡe

NA FONTE (RIO)

ye kple na g(ba)

ELES SE REUNIRAM PARA PROCURAR

zo zen e e e

A PANELA DO FOGO (DE HEVIOSSO)

bo na do ḡa nu nu mi

PARA PODER FAZER COMIDA PARA MIM

zo me zun lante e e

O INTERIOR DO FOGO BURLOU-SE DE QUAL CAÇA?

Lante vɔ vɔ zen ḡe

QUAL CAÇA ESVAZIOU A PANELA?

Ma ḡu nyi nu mi

NÃO PODEM COZINHAR PARA NÓS (MIM)

Mi yi ba tɔ wu ḡe e

PROCUREM ALGUMA FONTE (RIO).

ye kpele na (g)ba

ELES SE REUNIRAM PARA PROCURAR

zo zen e e e

A PANELA DO FOGO (DE HEVIOSSO)

bo na do ḡa nu nu mi

PARA PODER COZINHAR PARA NÓS

azɔn ma do gesi

NENHUMA DOENÇA CONTAMINOUS

zenḡe zenḡe

ALGUMA PANELA

mi yi ba tɔ wu ḡe

E PROCUREM ALGUMA FONTE

o lan zehwe le yɔ lɔ mi

E OS ANIMAIS SELVAGENS NOS CHAMARAM (SOLO)

Mi kpele mi se bo wa a a

NOS REUNIMOS, SOUBEMOS E CHEGAMOS (CORO)

Mi kpele mi se bo wa e e

NOS REUNIMOS, SOUBEMOS E CHEGAMOS (SOLO)

Mi kpele mi se bo wa a a

NOS REUNIMOS, SOUBEMOS E CHEGAMOS (CORO)

Mi kpele bo na ba

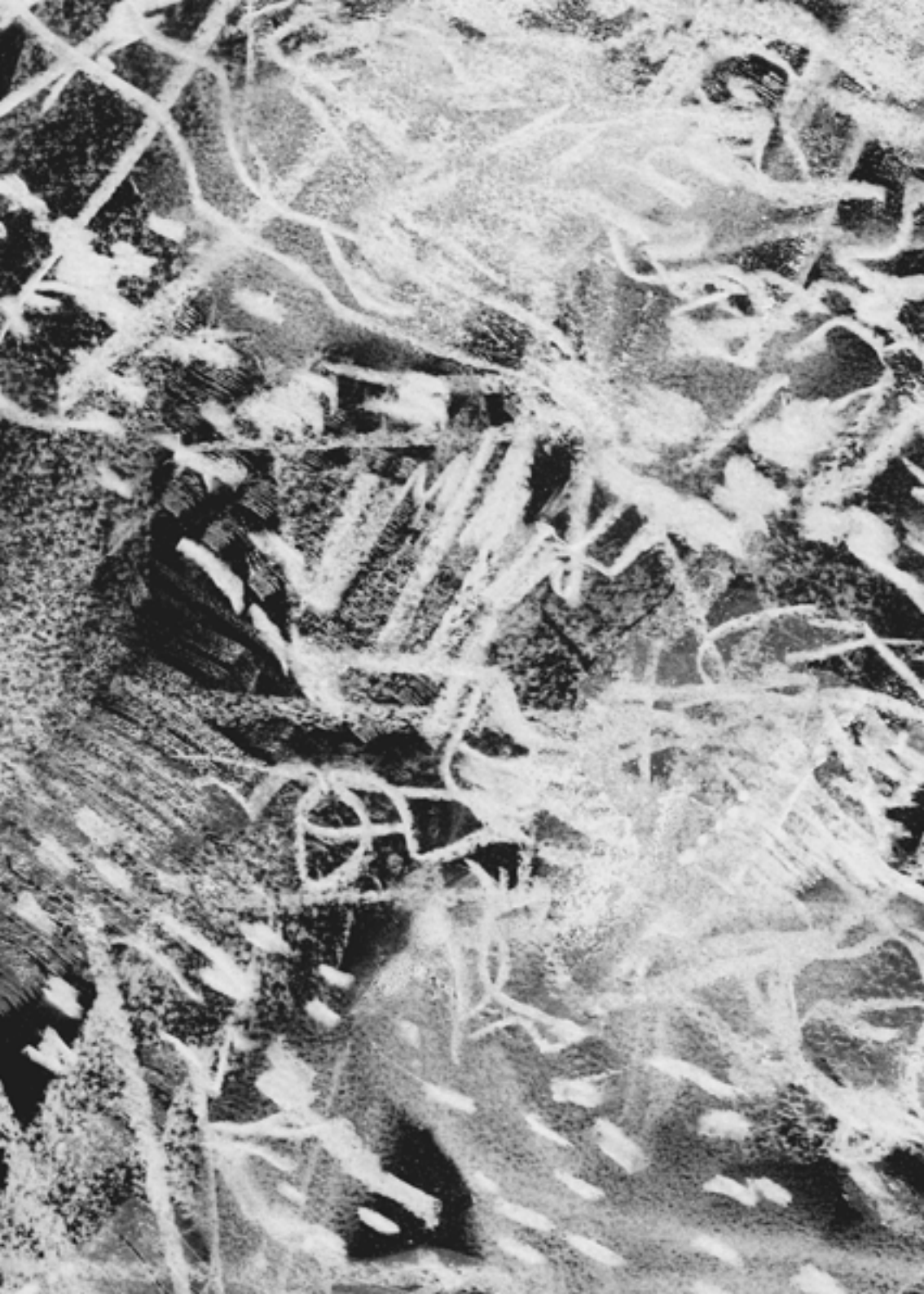
NOS REUNIMOS PARA PROCURARA

zo zen e e e

AQUELA PANELA DE FOGO (DE HEVIOSSO)

bo na do ḡanu

PARA PODER COZINHAR.



ATO 4

REVELAMOS

167

Nós sempre repetimos isso, que toda cultura vem do culto. É o culto que começa a disciplinar as pessoas para determinado fim. Que fim é esse? O fim é aquilo que nós, até hoje, andamos à procura. Todos os povos, por mais céticos que pensam que são, eles sempre tem algo de ir em busca de algo que eles não sabem o que é. Daquilo que é totalmente desconhecido.

Mateus Aleluia



Mateus Aleluia, Palácio real de Abomey



Hippolyte Brice Sogbossi/ por Tadeu Mascarenhas



Árvore ritual, Ouidah/ por Tenille Bezerra

171



Equipe do projeto, Portal do não retorno, Ouidah



Mateus Aleluia, Coletividade Mitchai, Abomey



175

XII. **HIPPOLYTE
BRICE
SOGBOSSE**

oudah benim
entrevista com hippolyte brice sogbossi **HB**
realizada por tenille bezerra **TB**
13 de dezembro de 2022

TB Brice, você poderia se apresentar?

HB Eu vim do Benim, na cidade de Porto Novo. Cursei meus estudos primários na cidade de Aladá, depois continuei na cidade de Abomey Calavi. Depois da conclusão do segundo grau, comecei a universidade, mas eu não pude terminar, porque eu tive uma bolsa para estudar em Cuba. Então, fiquei estudando entre 1986 e 1996 em Cuba. Depois desse tempo, foi que eu voltei ao Benim já com um doutorado em filologia hispânica, e solicitei uma bolsa para estudar no Brasil. Uma bolsa de antropologia, porque a filologia e a antropologia dialogam bastante. Achei que seria muito importante completar esses estudos, esses conhecimentos da filologia com os conhecimentos antropológicos. Foi assim que eu caí no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1996. Eu cursei o mestrado entre fevereiro de 1997 e março de 1999. Depois eu fiz entrada direta no doutorado. Eu tive a média requerida para fazer a passagem direta do mestrado para o doutorado. Cursei o doutorado entre 1999 e 2004. Nesse ínterim, em 2001, no final de 2001, já em Salvador, fazendo uma pesquisa de campo sobre o aporte do Daomé, o aporte do Benim atual à cultura brasileira. Quer dizer, um trabalho sobre religiões afro-brasileiras, principalmente Jeje, porque o Fon, que nasci em terra Fon, falo a língua ritual dos Jejes. Então, no final de 2001, eu fiz o concurso para a Universidade Federal de Sergipe. Passei inicialmente para professor de espanhol. Em 2002, em junho, assumi a cadeira de professor de espanhol, o único professor efetivo na época. Entre 2002 e 2005 servi neste departamento de letras na Universidade Federal de Sergipe, quando em 2004, eu defendi minha tese de doutorado em antropologia. Eu me sentia muito mais perto da antropologia e decidi fazer uma transferência. Depois da transferência, foi que eu fui lotado definitivamente no departamento de ciências sociais, a partir de 2005 até os dias de hoje.

TB Brice, do estudante que chegou no Brasil para começar esse percurso de pensamento e pesquisa em torno das aproximações e contribuições do Daomé, com a cultura brasileira até os dias de hoje, depois de tantos anos e tendo conhecido a Bahia, o Rio de Janeiro, tendo pesquisado o próprio Maranhão, como é que você vê a aproximação

176

177

cultural e de realidade entre esses dois países?

HB O Brasil e Benim são países irmãos. A história demonstrou isso. Eu, como estudante, em 1997, já tinha em mente o campo de pesquisa. Eu já sabia que existia a Casa das Minas em São Luís do Maranhão, pois desde Cuba, em 1996, eu já tinha submetido um projeto sobre a Casa das Minas ao Museu Nacional e também a outras universidades do Brasil, como a Federal do Rio Grande do Sul e a Federal de Pernambuco. Eu recebi uma resposta favorável para cursar o mestrado. Bom, a partir daí, com o campo delimitado, eu me empenhei bastante através de congressos. Em agosto de 1997, eu fui a um congresso na Bahia, em Salvador, o Congresso Afro-Brasileiro. Daí eu comecei a estreitar os laços com alguns pesquisadores, com membros de terreiros, líderes de terreiros, por exemplo, o Pai Amilton. A partir de janeiro de 1998, quatro meses depois, eu fui a São Luís do Maranhão, conheci o casal Ferretti, Sérgio Ferretti e Mundicarmo que me hospedaram na casa deles. Fiquei um mês na Casa das Minas trabalhando. O que eu pude observar foi o seguinte, na Casa das Minas, naquele ano de 1998, eu observei que era uma casa tipicamente Daomeana. O que quer dizer? É uma casa que dialoga com o nosso país, a partir da modalidade de ritual passada pelos ancestrais, pelos reis de Abomey. Quer dizer, toda a dinastia dos reis de Daomé. estava presente na Casa das Minas. E com ênfase em reis como Agadjá, onde, por exemplo, Dona Deni interpreta a canção seguinte: (Brice canta)

Então, a partir daí a gente percebe o ritmo, a maneira de cantar, o Fon estava presente, só que as pessoas não entendiam muito bem, não podiam traduzir literalmente o que estavam dizendo nesses cânticos. É uma coisa semelhante aqui também. Uma coisa semelhante acontece com os agudás aqui. Eles cantam em português, mas não sabem exatamente o conteúdo do que estão dizendo. Então, uma das percepções que eu tive foi essa justamente, quer dizer, nós interpretamos cânticos e nesses cânticos a gente não obrigatoriamente sabia o conteúdo. E lá também, do outro lado do Atlântico, acontecia a mesma coisa. Então, esse é um ponto comum. Outro aspecto que chamou a atenção foi o ritmo dos cânticos. Quando numa casa de candomblé, a gente ouve cânticos e também

a música que acompanha, o ritmo que acompanha é bem lento, a gente percebe que tem alguma coisa de Jeje, alguma coisa de Fon, sobretudo quando ouvimos o cântico ritual. A partir dessa experiência, eu fiz uma tentativa de reconhecimento, que se chama Essai de Reconnaissance em francês, uma tentativa de reconhecimento de cânticos. Levei para Abomey, para poder consultar os senhores, os velhos, os anciãos, sobre essas performances e eles conseguiram identificar vários cânticos. Conseguiram entender a lógica dos cânticos, porque a partir de uma gravação, a partir de um vídeo, eles puderam observar os gestos também desses voduns da Casa das Minas. E foi uma coisa bem impressionante. De 24 cânticos, reconheceram nove. E os outros cânticos estimaram que eram cânticos bem antigos, que não continuaram o seu curso normal.

Outra coisa que chama a atenção, a partir dessas pesquisas, é o legado linguístico. O próprio português brasileiro está permeado de termos, de expressões de origem africana. E entre essas expressões, esses termos, nós temos termos Fon, temos termos em Yorubá, em Kikongo. Então, com a herança Daomeana, a herança Fon, nós percebemos que não se trata de uma simples recapitulação de alguns termos ou algumas palavras, mas também da continuação. Os significados mudam, sofrem uma evolução diferente. O alfabeto português não tem exatamente as mesmas letras do alfabeto Fon, do alfabeto Yorubá. Então, nós temos algumas interferências, algumas mudanças fonéticas nesses termos.

TB Brice, você falou uma coisa interessante no seu trabalho com as cantigas. As cantigas, elas são, digamos, o coração sensível desse trabalho de pesquisa de Seo Mateus, que a gente está vindo aqui fazer. E quando você fala que lá se canta em Fon, sem saber o significado, da mesma forma que os agudás cantam em português, eu fico pensando que a música, nesses contextos, ela tem uma outra função, para além desse código linguístico e nesse sentido que vem deste código. Você poderia falar um pouco, a partir da sua experiência, de como você percebe a música nesses contextos, tanto lá quanto aqui?

178

179

HB Sim, com relação aos cânticos que foram recolhidos, tanto do lado brasileiro quanto do lado beninense, observamos que, efetivamente, a intenção não é a tradução literal. Nós cantamos a missa em latim, sem saber o que estamos dizendo exatamente. Então, o objetivo é buscar um sentido, justamente. Quer dizer, em tal contexto, como na Casa das Minas: (Brice canta) A intenção está, mas a tradução muitas vezes, imprudentemente as pessoas traduzem mal. Mas não vamos condenar as pessoas, a gente tem que olhar o contexto. Como aqui também, do lado do Benim, os agudás de Porto Novo, entre os agudás uma senhora me pergunta sobre uma canção de Mami Wata, que seria “Maria Joana, é vem lá, Maria Joana, é vem lá, Maria Joana, é vem lá, Maria Joana, é vem lá, Maria Joana”. Ela pronuncia muito bem as palavras, mas não sabe o que quer dizer. Eu digo que Maria Joana, que é a Mami Wata, a mãe d’água, está chegando aí e dançando de uma maneira bem sensual com o seu parceiro, porque é um casal sempre dançando. Então, ela sabe muito bem que Maria Joana é aquela mãe d’água com uma serpente enrolada no pescoço. Ela sabe, mas “é vem lá”, ela vem, ela não sabe disso. Então, através do gesto, através do contexto, a gente está entendendo que surge Maria Joana. É meio a festa, que tem outros personagens da festa que aparecem e depois vem Maria Joana. Ela vem lá, ela está lá, chegando. Então, o contexto se entende. Não interessa a tradução literal do cântico, a tradução literal do poema, mas o que mais interessa é o contexto em que se interpreta esse poema. O contexto em que se canta, se interpreta esse cântico. Então, concordo com ela.

TB Tem uma coisa, quando você fala do gesto, que ele é complementar em relação a esse sentido. A preservação dessas memórias, e isso é óbvio quando a gente fala da oralidade, elas estão diretamente relacionadas aos corpos. Porque esses gestos também estão guardados nos corpos. Como é que você vê essa preservação e essa continuação da memória nesse trânsito?

HB Com relação à continuação da memória nesse trânsito entre dois países, entre dois continentes, entre dois lados do mesmo oceano, eu posso dizer que é multifacetado. Por que eu digo isso? Porque não só no âmbito da religião a gente vê gestos, mas também no âmbito da vida corrente,

da vida cotidiana, a gente vê gestos. Vários pesquisadores abordaram essa questão. Por exemplo, no Haiti, nos mercados, nós vemos. E no Brasil também, como disseram vários pesquisadores, no final do século XVIII, XIX também, no início do século XX, as quituteiras, a forma de caminhar, carregam uma mercadoria na cabeça e com a mão solta vão vendendo acarajé, vão vendendo vatapá, vão vendendo outros produtos. E através do gesto, da maneira de caminhar, isso os pesquisadores já identificaram que a ginga brasileira não é uma ginga arbitrariamente colocada. Essa ginga não nasceu arbitrariamente, nasceu a partir da idiosincrasia dos povos africanos que congregaram, que estiveram presentes nesse contexto. No mercado, a maneira de cortar alguns alimentos, quando a gente vai aos terreiros também, a maneira de cortar os alimentos, de cortar outras coisas, ervas, etc., demonstra certa plasticidade, uma certa plasticidade que remete à África, indubitavelmente. Então, no âmbito da religião, os gestos, por exemplo, as danças, o corpo se expressa. O corpo se expressa quando uma determinada divindade se expressa através da dança do seu adepto incorporado. Quer dizer, o vodun Dan, quando chega, dança e imita a serpente, imita a cobra. O vodun Ogum imita um agricultor, alguém cortando cana, porque muitas vezes, daquele lado do Atlântico se fala em cortar cana, mas aqui há um agricultor que está cortando o mato. Então, temos determinados pontos de retoque que interessam muito. Também uma divindade chamada Omolú, ou um deus chamado Sakpatá, desse lado do Atlântico, tem suas características próprias, tem seus gestos próprios que se refletem, inclusive na mitologia dessas divindades.

Quando a gente fala em Xangô, por exemplo, que é o nosso Zeus, ele anda... ele se manifesta com um machado estilizado. Os significados podem ser aproximadamente os mesmos, mas às vezes podem ser diferentes devido a evolução diferente também dos cultos, dos rituais. O que eu quero dizer com isso? Xangô usa o machado estilizado, Oxumaré é mulher seis meses, é homem seis meses, mas a interpretação varia segundo os países. Quando dizem que fulano é de Oxumaré, não só é adepto de Oxumaré, mas também quer ser Oxumaré. E o mito que envolve toda essa existência de Oxumaré pode variar de um lugar para outro. A mesma coisa com Xangô, pode variar de um lugar para outro. Por exemplo, na mitologia, no caso de Xangô, se vestiu

180

181

de mulher para escapar de uma armadilha. No mito dele aqui, entre os Fon, se vestiu para escapar, porque estavam perseguindo e ele de repente se muda de roupa e parece uma mulher. Ou fingiu ter regra, como diz a mitologia. "Fingiu ter regra" para que as pessoas pensassem que seria uma mulher passando, então "deixem ela passar", mas era Xangô. Do outro lado do Atlântico, pode ser interpretado, por exemplo, por um homem que se identifica através do orixá. Quer dizer, um homem homossexual, por exemplo, ou uma mulher homossexual, pode dizer: "olha, se Xangô veste de mulher, por que eu não?". Se Oxumaré também é homem um tempo, mulher outro tempo, por que eu não? Porque não assumo isso? Eu tenho que assumir. Então, determinadas etiquetas, determinadas marcas, são colocadas já quando a gente evoca o nome de determinada divindade. E o significado, o entendimento varia de um lugar a outro. Em Cuba, Xangô é Santa Bárbara, é uma mulher. Quem usa a espada. Santa Bárbara usa uma espada, mas no Brasil Santa Bárbara seria Yansã. Então, essas mudanças acompanhadas do gesto, porque Santa Bárbara usa a espada, mas Santa Bárbara tem sua maneira de andar, tem sua maneira de se manifestar. E Oya tem a sua maneira de se manifestar. Oya não é Oya em todos os lugares. Oya pode ser Xangô em outro lugar, como pode ser Oxumaré em outro.

Depende da mitologia, depende também da interpretação dos africanos de cada realidade frente a qual se encontram, ou se encontravam na época. Se, por exemplo, falta uma planta para tal divindade, há a possibilidade de substituir a dita planta por outra, a dita árvore por outra. Então, estamos em um mundo dinâmico, muito dinâmico. Então, quando a gente fala em gestualidade, em gestos, temos que considerar tudo isso, contextualização desses gestos.

TB

Que bonito isso. Esse seu lugar é muito interessante, não só do ponto de vista da pesquisa, do pesquisador, de estar se debruçando sobre isso, mas do ponto de vista da vivência. O fato de você ser beninense e ter uma experiência tão profunda com o Brasil, isso lhe coloca num lugar de experiência cruzada dessas realidades. E aí, eu fico pensando, a partir do que eu vivo lá no Brasil, do que eu conheço, que de forma geral, tem-se

um olhar em relação ao continente africano, aos vários países, às várias culturas, como se aqui tivesse guardado algo perdido, mas quase sempre um olhar como se aquilo que se perdeu estivesse aqui da mesma forma. É muito interessante quando você fala da dinâmica das coisas, porque os dois lugares avançaram no tempo. Como é que você vê essa relação entre o Brasil e o Benim, a partir dessa perspectiva desses 500 anos que a gente viveu, e dessas dinâmicas de transformação? Onde é que eles se encontram?

HB Efetivamente, há uma dinâmica de transformação. Eu concordo plenamente. Duas civilizações, duas regiões, dois países têm sua evolução diferente. É o que nós chamamos em linguística de evolução diferente. A língua evolui diferentemente. O português evolui diferentemente entre os países que falam essa língua. Então, culturalmente é a mesma coisa. Nós aqui na África em geral, ou no Benim em específico, temos uma lógica na prática das nossas religiões. Temos uma lógica. Essa lógica obedece, claro, a uma hierarquia que é estabelecida entre os praticantes, entre as coletividades também, entre as famílias. Nós não deixamos de reverenciar os nossos ancestrais. Mas com relação à língua em si, nós temos palavras. Por exemplo, no século XVI, a maioria das palavras no século XVI e XVII já desapareceram aqui. Desapareceram praticamente em todo o país... Quando você menciona uma palavra como “rlike”, que é a faca, as pessoas logo te dizem: “ah, esse é um típico abomeano”, esse é um típico habitante de Abomey, porque o fon de Abomey é diferente do fon de Ouidah.

O fon de Ouidah já incorpora estrangeirismos, já incorpora várias palavras do estrangeiro, porque justamente Ouidah tem um litoral que permite que outras populações, alemães, portugueses, franceses, cheguem ao local. Então, no século XVIII, por exemplo, como diz um linguista francês, ele diz que as línguas do litoral são mais vulneráveis às mudanças. Então, isso entra dentro da evolução diferente também. As línguas têm evolução diferente. Quer dizer, o fon de Ouidah tem uma evolução diferente do fon de Savalú, ou do Mahi, ou do fon de Abomey ou de Boicom. Então, evolução diferente já no território mesmo, na origem mesma. Esse processo de

182

183

transculturização linguística é um processo recorrente em contexto africano e também um processo recorrente na história das civilizações do mundo inteiro, na história das religiões, inclusive. Todas as religiões são sincréticas, por exemplo. Todas as religiões têm alternâncias, têm interferências de todos os tipos. Então, quando a gente vai para o outro lado do Atlântico, essa evolução diferente também da língua vai se sobrepor a outras evoluções diferentes de outras línguas, como as línguas banto, por exemplo, como as línguas indígenas, como o árabe, como o português, que tudo isso entrou nesse caldeirão que é o brasileiro hoje, porque muitas pessoas dizem que não é português, a língua é brasileiro. Então, isso reafirma a identidade do país, do novo contexto em que essas línguas e essas culturas foram jogadas. Por isso se fala português diferente do português de Portugal, algo assim. Então, é porque cada vertente dessa língua tem sua evolução própria que não pode ficar, a língua nunca é estável, nunca é estanque, a língua sempre está em movimento, é uma dinâmica impressionante. Então, o que eu vejo do início, das origens até hoje lá no Brasil, foi o espírito de criatividade muito prolongado que houve no próprio solo brasileiro. Um espírito de criatividade que abrange várias línguas e é justamente esse caleidoscópio que é mais saudável para os povos. Nós temos um linguajar, uma língua de santo, uma língua veicular no Brasil, mas temos também a língua chamada de culta, da academia. É isso que faz com que os povos sejam muito mais ricos culturalmente e linguisticamente. Se eu chego a uma região do Brasil Nordeste e falo alguma palavra, alguma expressão, o nordestino já fica contente, ou esse nordestino é de outra região. Quando ele fala a palavra sulista ou do centro, centro-oeste, já vê que é uma nova, digamos, um novo aporte a esse caldeirão de línguas, ou de dialetos, porque alguns chamam de dialetos, que são variantes regionais. Tudo isso desenvolve a cultura, tudo isso desenvolve o país. Então eu vejo no sentido muito positivo. Não digam que o português brasileiro é o pior de todos. Não, como dizem algumas pessoas por aí. Ou o português de Portugal é o pior. Não, cada língua tem seu desenvolvimento próprio e é isso que alimenta a humanidade, que alimenta as boas relações entre os seres humanos.

TB

Que bonito isso... Brice, você tem no nome a palavra

Sogbossi, que indica uma ligação com o vodun Sogbô. Aí eu queria perguntar qual é a importância e a influência dos voduns na sua vida e se você pode nos falar como é que você percebe essa existência dos voduns.

HB Etimologicamente, Sogbossi quer dizer esposa de Sogbô. Independentemente do sexo, do adepto, ele é esposa da divindade. A família Sogbossi na verdade, é uma subfamília. Nós temos três famílias que compõem a nossa coletividade: A família Sogbossi, a família Ahuangã e a família Zocodô. Das três famílias, nós tivemos descendentes. Do lado Sogbossi, tivemos o nosso avô, o meu avô, que era de Sogbô. Por isso, ele deu o nome Sogbossi. Então, todos os descendentes dele, em linha masculina e em linha feminina, são chamados de Sogbossi.

Esse vínculo com a religião vodun já se estabelece desde tempos imemoriais. Há muito tempo, porque meu avô também, o ascendente dele já era Sogbossi. Então, é algo que transpassa o tempo, que é, digamos, transcendental. Transcende o tempo. Em linha masculina, cada vez que eu tenho um herdeiro, como a gente fala no Brasil, um descendente, sobretudo masculino, ele sempre vai ter o nome Sogbossi. Feminino também. Agora, masculino, por quê? Porque é na linha masculina que a gente transmite a herança e também transmite o sobrenome. Meu filho continua sendo Sogbossi. Minha filha continua sendo Sogbossi, mas quando casa, perde o nome Sogbossi. Inclusive, quando se casa com alguém, ela pode até adotar o nome dessa outra pessoa. Então, é um sistema patrilineal. Eu me sinto muito identificado com isso, porque, contrariamente ao que muitos fazem aqui no Benim, a família está lá. Não quero saber muito, mas se tem uma influência de outra religião, eu entro nessa outra religião e deixo as coisas retrógradas, as coisas do passado. Nesse caso, não é assim. No meu caso, não é assim. Eu continuo sendo fiel ao meu sobrenome. Cada vez que um amigo, ou um irmão, digamos, um irmão, um primo, fala: “Ah, não, pra gente rezar pra nosso avô, pra nossa mãe, pra fulano, fulana, a gente precisa cantar, interpretar cânticos religiosos do catolicismo”, e ninguém quer cantar tradicional. Então, eu exijo que se faça isso, porque se a gente está reverenciando os ancestrais, além das libações, a gente tem

184

que demonstrar toda a lógica que se encontra vinculada através de todos os atos pertinentes para esse fim. Não podemos estar dizendo, não, aquelas práticas são retrógradas, não. Então, meu vínculo é muito forte. Até os dias de hoje, até hoje, eu não troco minha origem por nenhuma outra origem ou minha influência religiosa, mística, por nenhuma outra influência.

TB Obrigada Brice. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

HB Talvez comentar um pouco esse refluxo que é a questão das Agudás. Comentar um pouco. Mas antes disso, gostaria de fazer uma precisão sobre Sogbô. Sogbô, Sogbossi. Sabemos que Sogbossi pertence à família de Heviosô. Heviosô é o nome mais comum dado às divindades do panteão. O nome mais comum dado às divindades da doença é Sakpatá. Mais comum. Mas tem dentro da família Sakpatá várias divindades. Tem também dentro da família de Heviosô várias divindades. Sabe-se que essa família de Heviosô é a família dos justiceiros. A justiça se consegue a partir, digamos, do trovão. O trovão, quando se manifesta, muitas vezes no nosso imaginário, o trovão se manifesta justamente para restabelecer a ordem. De que tipo? Ordem, punindo pessoas. Por exemplo, alguém está em frente ao espelho e está chovendo e trovoa. É possível que esse espelho quebre no rosto da pessoa. Então tem que botar um tecido, cobrir o espelho. Aqueles espelhos grandes que encontramos às vezes nos hotéis, que são grandes. A gente tem que colocar um tecido para evitar o efeito de Heviosô. Porque pode nos matar, simplesmente. A mesma coisa quando está tomando banho e está com espumas no corpo. Tem que tomar rápido. Quando o trovão está se manifestando, não é bom. Está tomando banho também e tem espuma no corpo. Porque a espuma atrai. Tem uma espécie de irradiação. Então se trata de uma família. Sogbô é essa divindade do trovão que pune. Aqui temos Combé, temos Naete. Temos várias divindades desse mesmo panteão. No Brasil se fala em qualidades, mas aqui se fala em irmãos do mesmo panteão, de uma mesma família. Não é que haja ruptura no entendimento das coisas. É porque a relação de dependência, a relação de subordinação continua. Sogbossi é esposa, é o protegido, como diz Mateus Aleluia. É protegido. É quem casa com a divindade. E quem casa com a divindade

185

está sempre em segunda posição. Nunca se equipara à divindade. E no caso das Américas, filho de santo, é quem desce da divindade. Também há uma relação de subordinação. Então, o que se entende aí é justamente essa relação de subordinação, de proteção, e não de saber se realmente vocês usam badesi para dizer que é esposa de badê. Não precisam dizer isso. Precisam saber se existe um contexto, que é o contexto da subordinação. Então, essas famílias, essas coletividades se organizam hierarquicamente também. Cada um tem sua esfera de ação. Cada divindade do panteão tem sua competência. Avimadje, por exemplo, é quem se ocupa das covas de enterrar os mortos dentro dessa família de Sakpatá. Então, cada divindade tem seu papel. E lá, cada divindade é uma qualidade. Quer dizer, a divindade se transforma, se metamorfoseia em outras divindades. E assume novas funções. Mas não há ruptura no entendimento. Há uma lógica perfeita, tanto do outro lado do Atlântico, quanto desse lado.

Agora, passando para os Agudás. Quando a gente chega ao Benim a gente tem que perceber duas realidades diferentes quando quer estudar os Agudás. A primeira realidade é, digamos, a realidade que emana daqueles que venderam os africanos, que são os de Souza, os de Ouidah. A família de Souza é uma família de traficantes africanos. Cúmplices na venda de africanos. E nós temos as vítimas. Nós temos as vítimas que são aquelas de Porto Novo, por exemplo, que foram vendidas e que voltaram através do refluxo. O Pierre Verger fala em refluxo. Porque justamente aqueles libertos, depois da Guerra dos Malês, em 1835, voltaram às costas africanas em busca das raízes, mas nem forçosamente chegaram ao lugar de origem dos antepassados ou deles. Porque alguns sobreviveram. Alguns deles sobreviveram à escravidão e até compraram escravos. Tinham poder. Então, os que sobreviveram voltaram para a África, mas nem sempre no Daomé. Pode ter sido em Gana, pode ter sido em Serra Leoa, pode ter sido na Nigéria ou em Togo. Mas o que nós sabemos é que voltaram vários para as costas africanas.

Então, esses agudás que são negros já, digamos, libertos, misturados também, mulatos, negros, eles chegaram aqui com umas profissões específicas. Na arquitetura, por exemplo, eles trouxeram arquitetura baiana para cá, para o Benim. Na língua, trouxeram o

186

187

português. Na religião, trouxeram o catolicismo, mas também uma síntese do catolicismo e do islamismo, porque vários deles eram islâmicos. E sabemos que a guerra dos Malês, a revolta dos Malês, era revolta de islamizados. Então, quando chegam aqui, encontram uma população costeira que é permeável, uma população costeira que acolhe esses agudás. Acolhe porque se une a eles devido aos talentos, a esses talentos que chegaram. Eram pedreiros, carpinteiros, engenheiros e outras coisas. Trouxeram várias outras coisas.

E na alimentação também. Tem o sonho que chegou, que chamamos de suan. A tapioca chegou, nós chamamos cafioca. E várias outras coisas, como as festas dos agudás, a mãe d'água, etc. Todo esse repertório foi muito bem integrado aqui, junto com as religiões do país, junto com as crenças nacionais, com práticas que fizeram com que Benim, Togo, Ghana, Nigéria se enriquecessem mais culturalmente. E aqueles eram intelectuais também. Havia vários intelectuais. Nós tivemos cardeais do Souza, tivemos embaixadores agudás da Silva, cônsul da Silva, que está vivo ainda, está vivo até agora, ele deve ter uns 100 anos, está em Porto Novo. E aquelas famílias da Conceição, de Almeida, Vilaça, várias outras famílias se estabeleceram no sul, até 100 metros nos arredores, até 100 metros de distância, até Aladá, por exemplo, nós encontramos todas essas famílias. Então isso contribui para o desenvolvimento do país em vários planos.

TB

Muito obrigada.

CANTO PARA IFÁ

Porto Novo, Benim

Yèhwé gni fa

A DIVINDADE FEZ IFÁ

Bo ma fo mè dé hun

E NÃO VIU NINGUÉM

meyi gbò jè eee

QUE ESTE SE RETIRE

Sakpata gni fa eee

SAKPATA FEZ IFÁ

Bo ma fo mè dé hun

E NÃO VIU NINGUÉM

Me bo yi gbõ ooo

QUE SE RETIRE

Asia hwanku gni fa eee

A BANDEIRA FEZ IFÁ

Bo ma fo mè dé hun

E NÃO VIU NINGUÉM

me gbo...

QUE SE APARTE.

Voduno xoxo lè wè do

OS SACERDOTES ANTIGOS DISSERAM

Vodun o sen

ELES ADORARAM OS VODUNS

Co bo mi wa jo

ANTES DO NOSSO NASCIMENTO

Yèhwe gni fa le

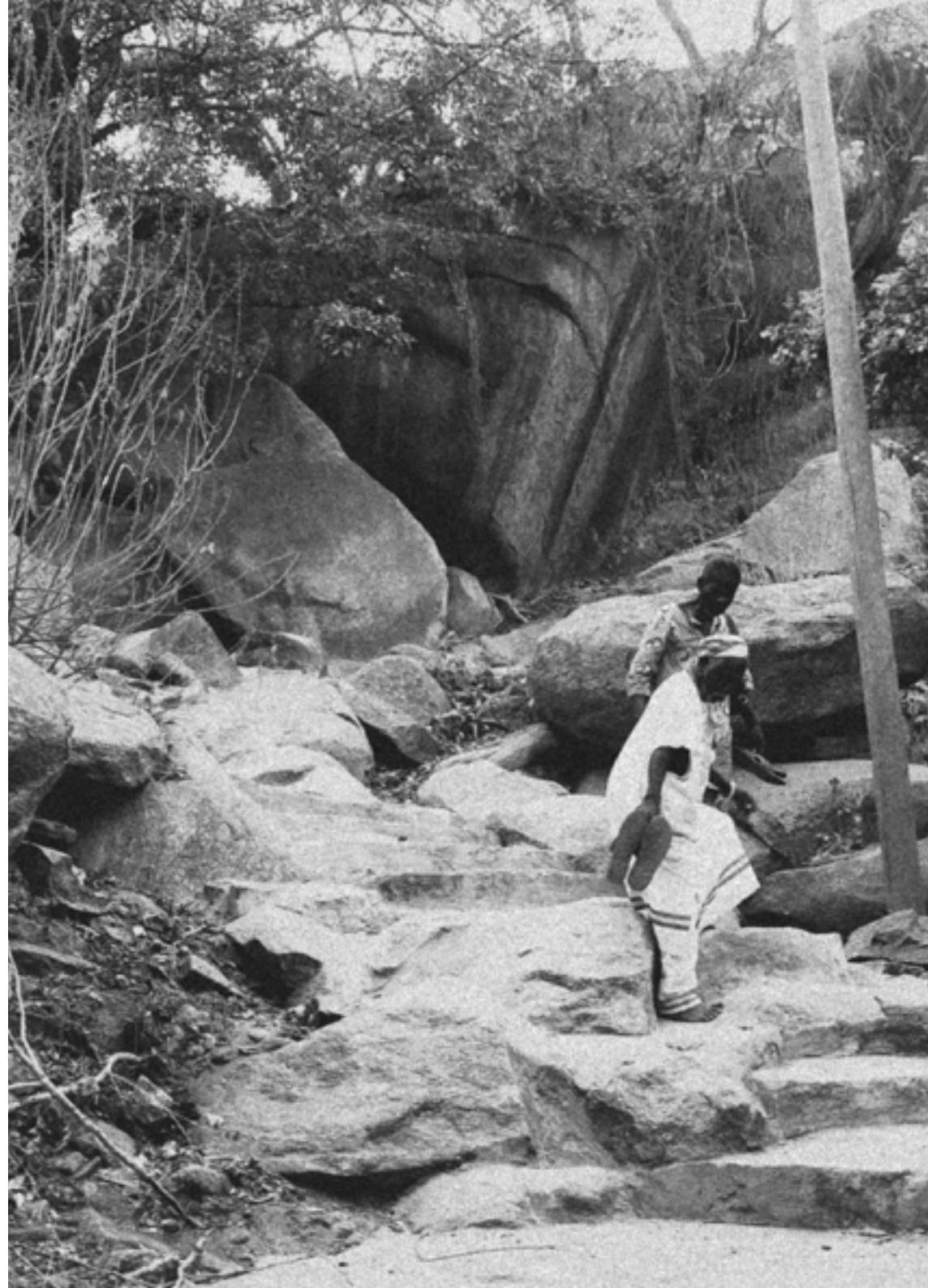
AS DIVINDADES FIZERAM IFÁ

Bo ma fo mè dé hun

E SE NÃO VIU NINGUÉM

Me bo yi gbo...

QUE ESTE SE RESIGNE.





BELDIS AVIMADJENON Abdjigan da coletividade Avimadjenon Ahouandjinou liderada por Sua majestade Dah-Daagbo Avimadjenon Ahouandjinou , chefe supremo dos notáveis de Ouidah e dignatário do culto clânico.

BUDA DE BOBOSA Herdeiro espiritual do templo Zógbodô Malê Bogun Seja Húnde, situado em Cachoeira, Bahia.

DANILO BARATA Artista, pesquisador e professor reconhecido por sua atuação nas áreas das artes, mídias e culturas digitais, com uma abordagem interdisciplinar que explora as intersecções entre corpo, imagem e tecnologia. Suas pesquisas são focadas em práticas audiovisuais experimentais, especialmente no contexto da arte contemporânea brasileira. Barata é Professor Associado do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde exerceu o cargo de Diretor de 2013 a 2023. Possui Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Licenciatura em Desenho e Plástica pela mesma instituição. Atualmente, é professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes da UFBA e em Artes (PPGArtes) da UFRB. Ocupa o cargo de Pró-reitor de Extensão e Cultura (PROEXC).

DOTÉ AMILTON Sacerdote do Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe. Doté Amilton é consagrado a Sogbó, vodum que rege o fogo. A família biológica de Doté Amilton não tinha um terreiro oficial, mas fazia um culto doméstico. Criança, ele adoeceu e foi levado para o terreiro conhecido como Cacunda de Iaiá, situado em Sussuarana e regido por Constância Pires, a Mãe Tansa. Além de Mãe Tansa, sua trajetória religiosa está ligada a personagens como Mãe Mariazinha, ekede Helena Fiúza e os sacerdotes Marcos Paixão, Pedro Alcântara e Victorino Cerqueira.

DOTÉ MARCELINO DE JESUS Humbono da Nação Jeje-Mahi.

FABIANO DOS SANTOS PIÚBA Secretário de Formação Artística e Cultural, Livro e Leitura do Ministério da Cultura - MinC. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em História pela PUC-SP. Professor, escritor, compositor, historiador e gestor cultural. Foi secretário de Cultura do Estado Ceará, de 2016 a 2022; Presidente do Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, entre 2017 e 2018; e presidente do Fórum de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura do Nordeste, em 2021 e 2022, sendo coordenador da Câmara de Cultura do Consórcio Nordeste. No MinC ocupou o cargo de Diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (2009-2011 e 2014), além de coordenador-geral de Articulação Federativa do programa Mais Cultura (2008). Entre 2012 e 2013 esteve como gerente de Leitura, Escrita e Bibliotecas do CERLAC-UNESCO, organismo internacional ibero-americano com sede em Bogotá, na Colômbia.

GERÁRD BASSALÉ Gérard Bassalé é fundador do Centro Cultural Ouadada em Porto-Novo. Pesquisador e historiador da arte Gérard é responsável pelo projeto de restauração de cerca de vinte praças-voduns em toda a cidade através de programa de cooperação internacional.

HIPPOLYTE BRICE SOGBOSSI Hippolyte Brice Sogbossi, nascido em Porto Novo no Benim, com naturalização brasileira, é Doutor em Ciências Filológicas pela Universidad de La Habana (1996) e Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). É professor

192

Titular de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Professor Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e em Antropologia, da mesma instituição. Realiza pesquisas e publica sobre religiões africanas (Benim) e de presença africana nas Américas (Cuba, Haiti e Brasil): rituais, simbolismos, relações interétnicas, alimentação e religião, morte, e populações marginalizadas em perspectiva comparada. É membro do Comitê de Estudos Africanos, e de Laicidade e Democracia, ambos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

KPASSÈNON DÉsirÉ Herdeiro da Família Real Kpassè de Ouidah. Guardiã da Floresta Sagrada de Ouidah.

MATEUS ALELUIA Brasileiro natural de Cachoeira, na Bahia. Cantor, compositor e pesquisador da musicalidade ritualística afro-brasileira, Mateus Aleluia se destaca no cenário da World Music Mundial. Em 2020 ele comemorou 50 anos de trajetória musical que se iniciou no trio vocal “Os Tincões”, o trio é considerado pioneiro em trazer à Música Popular Brasileira, de forma consistente, o universo poético — musical das religiões Afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. Com sofisticados arranjos vocais, a obra dos Tincões é considerada ainda hoje um capítulo singular na história da música brasileira. Em Angola, onde Mateus Aleluia viveu por 20 anos, ele desenvolveu o trabalho de investigador cultural, sendo reconhecido pela sua dedicação à pesquisa acerca das culturas locais. Tornado comendador em 2019 pela Bahia, seu estado natal, ele é considerado uma das personalidades culturais mais importantes do Brasil atual. Em 2020 foi tema do filme documentário “Aleluia, o canto infinito do Tincão” e em 2022 recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano. No mesmo ano teve o seu álbum “Afrocanto das Nações — Jêje” indicado ao Grammy Latino. Em 2025 ele recebeu do Ministério da Cultura do Brasil a Ordem do Mérito Cultural no grau Grã-Cruz, maior honraria do Estado Brasileiro a uma personalidade da cultura.

MÔNICA ADUNI Monica Aduni é Artista da Dança Afro Contemporânea e Cantora. Doutora em Artes Cênicas/Unirio com Doutorado

193

Sanduíche na Universidade Paris 8 e pesquisa sobre Danças e Histórias de Oxum, Yemanjá e Azili entre Brasil e Benim e viveu uma temporada no Benim em 2016 e 2018. Na ponte entre os dois países, atuou nos Projetos: A Conexão Africana, episódio da Série TV Palmares; “Novos mensageiros entre dois mundos — Vó Cici vai ao Benim”; e ‘Nações do Candomblé.’, de Mateus Aleluia e Tenille Bezerra.

MOURCHID MOUBARACQ Mourchid Moubaracq é gestor, pesquisador e curador. Foi chefe de serviço do patrimônio e do turismo da cidade de Porto Novo de 2009 a 2019. Atua há 16 anos em importantes projetos de cooperação entre Brasil e Benim, como o de conservação e restauração do patrimônio arquitetônico afro-brasileiro. Mestre em patrimônio e arqueologia pela Universidade Abomey-Calavy. No campo audiovisual atuou como pesquisador e consultor no filme “A Pedra da Memória”, de Renata Amaral, e como consultor e produtor no curta “A Conexão Africana”, de José Carlos Asberg e Luis Antonio Dias. Atuou como consultor e pesquisador no Projeto Nações do Candomblé.

TADEU MASCARENHAS Tadeu Mascarenhas é produtor musical, multi-instrumentista, diretor audiovisual e fotógrafo natural de Salvador/Bahia. Com mais de 2000 fonogramas produzidos, lidera desde 2001 o Estúdio Casa das Máquinas, sendo responsável pela produção musical, gravação, mixagem, masterização de centenas de artistas dos mais diversos gêneros da cena nacional e internacional. Também atua realizando registro audiovisual e produção musical de discos de música de cultura popular, especialmente Sambas de raiz no Recôncavo Baiano. Tadeu produziu diversos títulos no gênero, como o álbum “Mestres de Samba Chula” (2009), “Quando eu Dou Minha Risada Ha Há”, do grupo Samba Chula de São Braz (2009), Samba de Tocos, Sambadores e Sambadeiras da Bahia (Box com 5 CDs), além de duas coletâneas box com 5 CDs Capoeira Viva I e II, dentre outros títulos. Em 2012 e 2014 ministrou um programa em universidades nos USA, com masterclasses e apresentações na Western Illinois University — Illinois, Memphis University — Tennessee, e New Orleans — Louisiana. Esteve na França, Portugal, Dinamarca,

194

Reino Unido, Qatar e Espanha como diretor musical de artistas como Samba Chula de São Braz, Radiola e Dão. Desenvolve pesquisas em áudio e atua na criação de trilhas sonoras e desenho de som para mini séries, filmes, séries animadas, documentários, prestando consultoria em produção musical e captação de áudio.

TENILLE BEZERRA Brasileira, natural de Valença, Bahia.

Pesquisadora, poeta e cineasta, nos últimos 25 anos Tenille dedica-se ao desenvolvimento de diversos projetos de arte e cultura atuando nas fronteiras entre imagem, palavra e som. Como poeta possui dois livros publicados: “rumor” (2017) e “Alíberes, aves e plumas” (2022). Como cineasta assina a direção, montagem e produção executiva de dezenas de filmes, dos quais destacamos o longa-metragem “Aleluia, o canto infinito do Tincão” (2020), filme que integra um projeto de organização biográfica da obra de Mateus Aleluia. Em parceria com Mateus Aleluia assina a direção artística e produção executiva dos projetos “Nações do Candomblé”, “O Afrobarroco” e “Baía Profunda”. Atualmente desenvolve uma pesquisa de doutorado que propõe o estudo das cantigas de caboclo a partir do que nomeia como Cosmopoética Cabocla.

195

Nações do Candomblé

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Mateus Aleluia
DIREÇÃO ARTÍSTICA E PRODUÇÃO EXECUTIVA: Tenille Bezerra
PESQUISA: Mateus Aleluia e Tenille Bezerra

2020 PESQUISADOR LOCAL (BENIM): Mourchid Moubaraq
TRADUÇÃO: Mônica Aduni

REGISTRO AUDIOVISUAL: Tenille Bezerra, Bruno Saphira
CAPTAÇÃO DE ÁUDIO: Bráulio Passos e Tadeu Mascarenhas
REGISTRO FOTOGRAFICO: Vinícius Xavier e Tenille Bezerra

2022 PRODUTOR LOCAL/ INTÉRPRETE: Hippolyte Brice Sogbossi
PRODUÇÃO E REGISTRO AUDIOVISUAL: Tenille Bezerra
CAPTAÇÃO DE ÁUDIO: Tadeu Mascarenhas
REGISTRO FOTOGRAFICO: Tadeu Mascarenhas e Tenille Bezerra
SUPERVISÃO DE CONTEÚDO: Mateus Aleluia
ORGANIZAÇÃO, EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS: Tenille Bezerra
ASSISTENTE DE EDIÇÃO: Elisa Mascarenhas

Anjo Negro Selo Editorial

editor-curador: Danillo Barata; *editora executiva:* Iansã Negrão; *coordenação editorial:* Morgana Miranda; Inara Negrão; *capa:* mapa das águas entre os continentes da América do Sul e África/ Morgana Miranda. *contracapa:* mapa hidrográfico livre das desembocaduras dos rios Paraguaçu, Bahia e Ouémé, Benim/ Morgana Miranda; *projeto gráfico:* Iansã Negrão – Casa Grida; *produção executiva:* Robson Oliveira; *ilustrações e mapas:* Morgana Miranda; *tratamento de imagem:* Roberto Abreu *revisão ortográfica:* Mariana Cristophe *assessoria de comunicação:* Gil Maciel Rocha

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Mateus Aleluia Lima agradecem a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste livro.

SECRETARIA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL, LIVRO E LEITURA DO MINISTÉRIO DA CULTURA:

SECRETÁRIO Fabiano dos Santos Piúba; DIRETORIA DE LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS Jéferson dos Santos Assumção; DIRETORIA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ARTÍSTICA Mariangela Ferreira Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA REITORA Georgina Gonçalves dos Santos; VICE-REITOR Fábio Josué

Souza dos Santos; PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA Danillo Silva Barata; COORDENAÇÃO DE CULTURA E UNIVERSIDADE Fabiana Comerlato; COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA Maria da Conceição de Menezes Soglia; SECRETARIA ADMINISTRATIVA

196

197

Déborah Silva Sande; NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO Sandrine Souza; NÚCLEO DE CULTURA E TERRITÓRIOS Caroline de Jesus Fonseca da Silva; NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS Tábata Figueiredo Dourado – CHEFA DO NÚCLEO; NÚCLEO DE GESTÃO DO MEMORIAL Gabriel da Costa Ávila; PROGRAMA CANTO CORAL UFRB José Alípio de Oliveira Martins – MAESTRO; NÚCLEO DE GESTÃO DE DOCUMENTAÇÃO Tércio da Silva Menezes; NÚCLEO DE GESTÃO DE RECURSOS Robson dos Santos Oliveira; NÚCLEO DE PROJETOS E PROGRAMAS Sinvaldo Barbosa Melo.

Todos os direitos desta edição reservados a Anjo Negro Selo Editorial/ Proibida a reprodução do todo e de partes, sob qualquer forma e meio, sem a autorização expressa dos autores e da editora.

Copyright © 2025



acesse site do projeto

Imagens – Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. A UFRB agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ ou outros dados que estejam incompletos nesta edição e compromete-se a incluí-los nas futuras reimpressões

Este livro foi feito entre Salvador, São Félix e São Paulo, Brasil, em 2025. Composto com as tipografias Piazzolla, Rawest e Basier. Impresso na Gráfica JB nos papéis Pólen Soft 80g e Offset Preto FSC. Tiragem: 1000 exemplares. As obras que abrem os capítulos foram pintadas em técnica mista carvão, tinta pedra, guache e grafite por Morgana Miranda especialmente para essa edição.

N125

Nações do Candomblé: Jeje / Organizador:
Mateus Aleluia Lima._ Cruz das Almas, BA: Selo
Editorial Anjo Negro, 2025.
200p.; il.

Nações do Candomblé é uma obra de natureza
ensaística e poética que percorre os
fundamentos espirituais e filosóficos das
tradições afro-brasileiras, em especial as
matrizes do Candomblé presentes no Recôncavo
Baiano.

ISBN: 978-85-5971-147-9

1.Candomblé - Aspectos religiosos. 2.Cultura
afro-brasileira - Recôncavo (BA). 3.Patrimônio
Cultural - Análise. I.Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e
Cultura. II.Lima, Mateus Aleluia. III.Título.

CDD: 299.67

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da UFRB.
Responsável pela Elaboração Antonio Marcos Sarmiento das
Chagas (Bibliotecário - CRB5 / 1615).

198

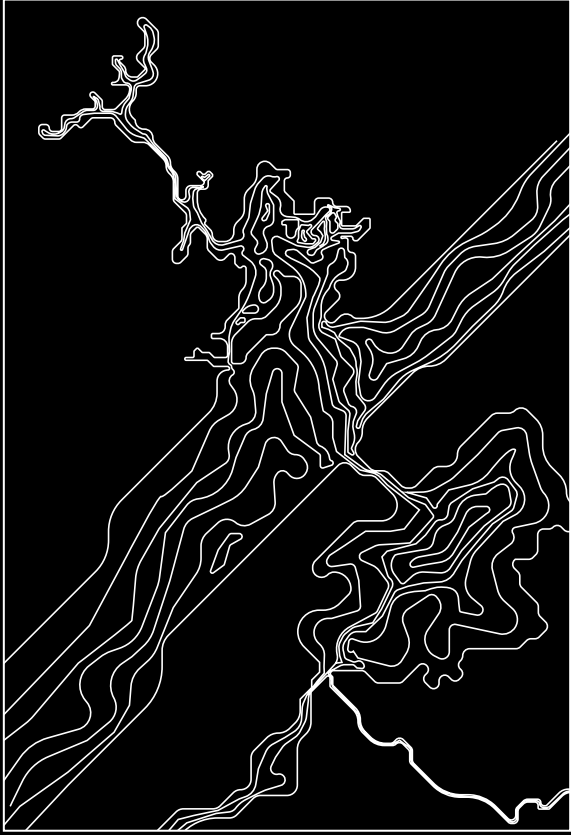
realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO





**ANJO
NEGRO**